



contribuições de
adriana bogliolo



Informação em Pauta

IP

Ficha Catalográfica

Informação em Pauta : IP / Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. - v. 4, número especial (maio 2019)-- Fortaleza : UFC, 2019 - .

v. : il. ; 27 cm.

Semestral.

Descrição baseada em: v. 2, n. 1 (jan./jun. 2017).

Disponível no Portal de Periódicos da UFC em:
<<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/informacaoempauta/index>>

Expediente – volume 4, número especial (maio 2019)

Reitor

Henry de Holanda Campos

Vice-reitor

Custódio Luís Silva de Almeida

Editora

Maria Giovanna Guedes Farias (Universidade Federal do Ceará – UFC, Brasil)

Editor (Número especial)

Carlos Alberto Ávila Araújo (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Brasil)

Comitê de Política Editorial

Gabriela Belmont Farias, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Lídia Eugenia Cavalcante, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Luiz Tadeu Feitosa, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Virginia Bentes Pinto, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Corpo Editorial

Aida Varela Varela, Universidade Federal da Bahia, Brasil

Ariel Antonio Morán Reyes, Universidad Nacional Autónoma de México, México

Carlos Alberto Ávila Araújo, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Cibele Araújo Camargo Marques dos Santos, Universidade de São Paulo

Fabrizio Silva Assumpção, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil

Fernando César Lima Leite, Universidade de Brasília

Hamilton Rodrigues Tabosa, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Heliomar Cavati Sobrinho, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Isidoro Gil Leiva, Universidad de Murcia, Espanha

Januário Albino Nhacuongue, Universidade Federal de São Carlos

Jefferson Veras Nunes, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Jonathas Luiz Carvalho Silva, Universidade Federal do Cariri, Brasil

Jorge Caldera-Serrano, Universidad de Extremadura, Espanha

José Eduardo Santarem Segundo, Universidade de São Paulo, Brasil

Luciane Paula Vital, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Luís Fernando Sayão, Comissão Nacional de Energia Nuclear, Brasil

Marco Antonio de Almeida, Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Cleide Rodrigues Bernardino, Universidade Federal do Cariri, Brasil

Maria das Graças Targino, Universidade Federal do Piauí/Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Maria de Fátima Oliveira Costa, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Maria Nelida Gonzalez de Gomez, Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil

Miguel Angel Mardero Arellano, Ibict, Brasil
Miquel Termens Graells, Universitat de Barcelona, Espanha
Osvaldo de Souza, Universidade Federal do Ceará Departamento de Ciências da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Brasil
Peter Ingwersen, University of Copenhagen, Dinamarca
Rafael Capurro, Universidade de Stuttgart, Alemanha
Raimundo Nonato Macedo dos Santos, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Tomàs Baiget, El Profesional de la Información, Espanha
Vera Dodebei, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Virgínia Alves, Universidade Federal de Alagoas, Brasil

Secretária Editorial

Juliana Soares Lima (Universidade Federal do Ceará – UFC, Brasil)

Revisão e edição de texto

Revisão ortográfica e gramatical sob a responsabilidade de cada autor(a)

Normalização

Normalização sob a responsabilidade de cada autor(a)

Coordenação de Suporte Técnico

Juliana Soares Lima (Universidade Federal do Ceará – UFC, Brasil)

Capa

Conceito e criação: Ruleandson do Carmo Cruz

Copyright

© 2019 Informação em Pauta

ISSN 2525-3468

Universidade Federal do Ceará

Informação em Pauta

Informação em Pauta (IP) é uma revista multidisciplinar da área de Ciências Sociais Aplicadas, tendo como campos prioritários a Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e áreas afins. É uma publicação de acesso aberto, e sua periodicidade é semestral. A revista é ligada ao Departamento de Ciências da Informação e ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará (DECINF/PPGCI/UFC), em formato exclusivamente eletrônico. A revista publica pesquisas originais e com elevado mérito científico, contribuições inéditas em português, inglês e espanhol, visando contribuir para o desenvolvimento de novos conhecimentos entre pesquisadores, docentes, discentes e profissionais em Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e áreas afins, desde que aprovados em revisão cega por pares (*Double Blind Peer Review*) e pelo Comitê Editorial. A Informação em Pauta exige originalidade dos artigos submetidos e que pelo menos um dos autores tenha titulação de Mestre ou de Doutor.

Editora

Maria Giovanna Guedes Farias

Doutora em Ciência da Informação

Professora do Departamento de Ciências da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará.

Telefone: (85) 3366-7700

E-mail: giovannaguedes@ufc.br / informacaoempauta@gmail.com

Correspondência

Departamento de Ciências da Informação/UFC

Av. da Universidade, 2762, Benfica

CEP:60020-181 - Fortaleza-CE

Tel.: (85) 3366-7700

Copyright e Fotocópia

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida desde que citada a fonte.

Acesso online

<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/informacaoempauta/index>

Indexação e Diretórios

[1findr](#) | [Base](#) | [BRAPCI - Base de dados em Ciência da Informação](#) | [CiteFactor](#) | [Diadorim](#) | [Dialnet](#) | [DOAI](#) | [DRJI](#) | [EZB - Electronic Journals Library](#) | [I2OR](#) | [Latindex](#) | [Livre CNEN](#) | [MIAR](#) | [OAJI](#) | [OAISTER](#) | [PKP Index](#) | [Portal de Periódicos da Capes](#) | [REDIB](#) | [Research Bible](#) | [SHERPA ROMEO](#) | [Sumários.org](#)

SUMÁRIO

	Editorial	7
Artigo	Métodos estratégicos gerais para estudos da informação no contexto virtual	10
	Ruleandson do Carmo Cruz	
	A construção do conceito de práticas informacionais pelos pesquisadores do EPIC	26
	Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira; Flávia Ferreira Abreu; Gracirlei Maria Carvalho de Lima; Jéssica Patrícia Silva de Sá	
	Abordagens dos usuários da informação por profissionais da informação e da informática	44
	Eliane Cristina de Freitas Rocha	
	Por uma pedagogia criadora e imaginativa: retratos de uma prática docente transformadora	62
Eliane Pawlowski Oliveira Araujo; Claudio Paixão Anastácio de Paula		
Orientação acadêmica como espaço de integração intelectual, social e afetiva	83	
Tatiane Krempser Gandra; Janicy Aparecida Pereira Rocha		
Da cultura do impresso às práticas informacionais em uma biblioteca patrimonial	101	
Elizabeth Aparecida Duque Seabra		
Dos estudos de usuários da informação aos estudos em práticas informacionais e cultura: uma trajetória de pesquisa	121	
Carlos Alberto Ávila Araújo		
Ensaio	Biblioteca escolar em Adriana Bogliolo Sirihal Duarte: práticas e possibilidades universitário	136
	Maria L. Amorim Antunes	



Esta edição especial de Informação em Pauta apresenta as versões finalizadas de trabalhos que foram apresentados como comunicação oral na II Jornada em Práticas Informacionais, ocorrida em 25 de fevereiro de 2019. A jornada é uma atividade do grupo de pesquisa EPIC, Estudos em Práticas Informacionais e Cultura, registrado no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e ligado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCI/UFMG). Esta edição da jornada teve como tema “Contribuições de Adriana Bogliolo”, em virtude do falecimento da professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, líder do grupo, ocorrido no dia 03 de dezembro de 2018.

O evento caracterizou-se, nesta edição, como uma atividade celebrativa. O objetivo era lembrar a trajetória intelectual dela, sua atuação como docente e pesquisadora – além, claro, de seu lado humano, da convivência com ela experimentada por professores colegas de trabalho, alunos orientandos de doutorado, mestrado, iniciação científica e monitoria, entre outros. Os membros do grupo EPIC prepararam, durante os meses de janeiro e fevereiro, trabalhos a serem apresentados oralmente, e decidiu-se que o evento deveria acontecer de maneira concentrada, em apenas um dia. Algumas apresentações se concentraram na exposição de um trabalho específico de pesquisa (uma tese ou dissertação) e nas maneiras como a professora Adriana atuou orientando, sugerindo caminhos, indicando leituras, conduzindo o trabalho de análise. Outras apresentações registraram experiências específicas, como a atuação conjunta no oferecimento de uma disciplina ou atividade de extensão. Houve, ainda, apresentações um pouco mais panorâmicas, que narraram momentos e atividades distintas da professora. Dos trabalhos apresentados, oito foram selecionados para passarem por um processo de finalização com o objetivo de serem publicados. O resultado está aqui, neste número especial de Informação em Pauta, totalmente dedicado à professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte.

Assim, gostaria de agradecer a toda a equipe de Informação em Pauta pela oportunidade de publicarmos este número especial. E também a cada um dos membros do EPIC, especialmente aos autores dos artigos aqui apresentados, por sua colaboração para a construção desse volume. Por fim, agradecer à professora Adriana Bogliolo Sirihal

Duarte, por todo o tempo em que esteve conosco, partilhando seus conhecimentos, suas experiências, sendo companheira na produção de artigos, teses, dissertações, aulas e pesquisas. A publicação deste número especial é, com certeza, mais uma forma de a termos presente, conosco.

Carlos Alberto Ávila Araújo

Editor convidado

Informação em Pauta

Maio 2019

Figura 1 - Reunião do grupo EPIC em junho de 2016



Fonte: Arquivo do grupo EPIC.

Figura 2 - Momento final da II Jornada em Práticas Informacionais do EPIC, em fevereiro de 2019, com uma homenagem à professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte



Fonte: Arquivo do grupo EPIC.



MÉTODOS ESTRATÉGICOS GERAIS PARA ESTUDOS DA INFORMAÇÃO NO CONTEXTO VIRTUAL

GENERAL STRATEGIC METHODS FOR STUDIES OF INFORMATION IN THE VIRTUAL CONTEXT


Ruleandson do Carmo Cruz¹ 

¹ Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: ruleandson@gmail.com



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: O autor declara que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 24/04/2019.

Revisado em: 01/05/2019.

Aceito em: 10/05/2019.

Como citar este artigo:

CRUZ, Ruleandson do Carmo. Métodos estratégicos gerais para estudos da informação no contexto virtual. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 4, n. especial, p. 10-25, maio 2019. DOI: <https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v4iEspecial.2019.41206.10-25>.

RESUMO

Aborda-se métodos estratégicos qualitativos gerais para estudo da informação no contexto virtual. Define-se pesquisa qualitativa, informação e o contexto virtual de produção e circulação da informação. Traça-se estratégias para articulação entre objetivos de pesquisa e procedimentos metodológicos afim de alcançarem-se os resultados, respondendo ao problema de pesquisa. Conclui-se que o estudo da informação em contextos virtuais requer criatividade metodológica.

Palavras-chave: Métodos. Internet. Estudos de usuários.

ABSTRACT

General qualitative strategic methods are studied for the study of information in the virtual context. It defines qualitative research, information and the virtual context of information production and circulation. Strategies are articulated between research objectives and methodological procedures in order to reach the results, responding to the research problem. We conclude that the study of information in virtual contexts requires methodological creativity.

Keywords: Methods. Internet. User studies.

1 INTRODUÇÃO

O estudo dos sujeitos informacionais no contexto virtual da informação, especialmente no âmbito da produção e da circulação da informação em *sites* e aplicativos voltados à formação de redes sociais virtuais requer um esforço no referente ao desenho da pesquisa, pois os métodos e procedimentos de coleta e análise de dados ainda são insuficientes para a investigação de um cenário recente no campo das pesquisas científicas, como o campo das redes virtuais.

Hodiernamente, sabe-se que dos cerca de 7,4 bilhões de pessoas que vivem no mundo (CRIADO, 2016), pelo menos dois bilhões são usuários mensais do site voltado à formação de redes sociais virtuais Facebook e 800 milhões de pessoas nele curtem postagens diariamente – ação de demonstrar ter gostado da informação compartilhada por outro sujeito informacional usuário do referido site (AGÊNCIA BRASIL, 2017). Destarte, o Facebook é apenas um das dezenas de sites do tipo existentes e nos quais sujeitos de diversas partes do planeta criam e compartilham, socializam, informações. Na contemporaneidade, o acesso a e a navegação em sites de redes sociais são as atividades mais comuns dos internautas mundiais (CISCO, 2017), sendo que, especialmente no Brasil, os sujeitos costumam passar, em média, 650 horas por mês navegando em redes sociais (COMSCORE, 2015).

Assim, no presente artigo, sugere-se alguns métodos estratégicos gerais que o pesquisador no campo da Ciência da Informação – CI e áreas correlatas, ao realizar pesquisas qualitativas, pode adotar para desenhar a pesquisa e ir dos objetivos aos resultados com mais assertividade.

2 SUJEITO INFORMACIONAL E INFORMAÇÃO ENQUANTO ARTEFATO CULTURAL

Como sugestão geral de desenho de pesquisa, o presente artigo recomenda que os pesquisadores considerem nos estudos da informação no contexto virtual os conceitos de sujeito informacional, práticas informacionais e informação enquanto artefato cultural. Na CI, o sujeito em contato com a informação costuma ser entendido como usuário da informação: inicialmente, usuário-público, com características sociodemográficas, interage com dado sistema ou serviço de informação; posteriormente, é central o

entendimento do sujeito por meio de um tripé necessidade-busca-uso (PINHEIRO, 1982; LE COADIC, 1996). Por tal tripé, o usuário é um sujeito que, por uma necessidade informacional, converte-se em usuário da informação, ao lidar com a informação (NÚÑEZ PAULA, 2004, p. 24). Mas, tais entendimentos enfrentam críticas no campo. Duas das mais fortes são as de Day (2011) e Réndon-Rojas e García Cervantes (2012), na qual emerge o termo sujeito informacional.

De acordo com Day (2011), é preciso que o campo da CI demarque a morte do termo usuário da informação, por ser ele teoricamente inadequado para a compreensão dos aspectos sociais, culturais e físicos dos indivíduos e das relações dos sujeitos com os afetos e poderes de tais aspectos. Também faz-se importante frisar-se que, ao pensar em usuário da informação, segundo o autor, foca-se na pesquisa que visa determinar causas e efeitos durante o processo de busca por informação. Assim, é preciso, mais do que isso, "visualizar sujeitos e objetos como co-emergências mediadas através de co-determinações contextuais e por meio de zonas comuns de afetos mútuos [relacionais]" (DAY, 2011, p. 86, tradução nossa).

Assim, em considerável semelhança a entendimentos da problemática apontada por Day (2011), surgem ideias divergentes ao termo usuário da informação. Neste contexto, abordagens em ascensão nas pesquisas em CI, conceituam e entendem os usuários enquanto sujeitos sociais que mantêm relações com a informação, de acordo com Araújo (2013).

A relação entre sujeito e objeto informacional é a premissa básica para se entender o sujeito informacional, de acordo com Rendón-Rojas e García-Cervantes (2012), que introduzem o conceito de sujeito informacional.

É neste contexto que se dá a emergência do sujeito informacional, em um cenário que condiciona, mas ao mesmo tempo permite ao sujeito interpelar para demandar, construir e articular novas estruturas socioinformativas, para atuar nessa conjuntura social.

Perante este fenômeno social, se reafirma que as identidades não se impõem, se constroem; são produto das relações sociais complexas (RENDÓN-ROJAS e GARCÍA-CERVANTES, 2012, p. 36-37, tradução nossa).

Dessa forma, só se faz sentido pensar em um sujeito informacional em um contexto social, contexto no qual a informação apresenta-se enquanto artefato cultural. discutir o funcionamento informacional da cultura, Marteleto (1995) tece algumas observações a

respeito do “processo de construção da idéia de informação como artefato cultural, como forma de criação e instituição dos significados ou ainda como modo de produção, controle e distribuição social dos bens simbólicos” (*online*). Assim, a autora aborda a cultura informacional nesses aspectos, buscando entender a funcionalidade da informação no âmbito social e histórico e sem relação com o entendimento da cultura informacional dado por Davenport (2000).

Para aprofundar tal discussão, Marteleto (1995, *online*) define – no contexto de seu entendimento da cultura informacional – a cultura como “conjunto de artefatos construídos pelos sujeitos em sociedade (palavras, conceitos, técnicas, regras, linguagens) pelos quais dão sentido, produzem e reproduzem sua vida material e simbólica” e a informação enquanto derivada da cultura como algo que “diz respeito não apenas ao modo de relação dos sujeitos com a realidade, mas também aos artefatos criados pelas relações e práticas sociais [...] uma probabilidade de sentido” (*online*).

A autora frisa que cultura e informação são conceitos e fenômenos interligados naturalmente, pois a cultura é a depositária da informação social, pois, por meio dos padrões culturais, a cultura funciona como modelo para organização dos processos sociais e psicológicos. Desse modo, os padrões culturais (religioso, filosófico, estético, científico ou ideológico) tornam-se fontes de informação através das quais a vida humana pode ser padronizada (GEERTZ, 1978 , p. 188 *apud* Marteleto, 1995, *online*). Um dos pontos principais desses processos, para Marteleto (1995, *online*), é que “a cultura é o primeiro momento de construção conceitual da informação, como artefato, ou como processo que alimenta as maneiras próprias de ser, representar e estar em sociedade”.

Acerca do funcionamento da cultura, Marteleto (1995, *online*) pondera ser ele um modo de funcionamento social-histórico. Os artefatos culturais são produzidos e reproduzidos através de sua institucionalização na sociedade, efetivada, em primeiro plano, mediante a coerção e as sanções e, em segundo plano, pela adesão, o apoio, a legitimidade e a crença. Assim, a cultura é social e histórica, pois os artefatos culturais e os próprios indivíduos são criações culturais e históricas, que dão coesão à sociedade comportando-se como um tecido imenso e complexo de significações (CASTORIADIS, 1987 , p. 229 *apud* MARTELETO, 1995, *online*).

Tais significações, de acordo com Marteleto (1995), desenvolvem-se sempre em duas dimensões, a dimensão conjuntista-identitária e a dimensão propriamente

imaginária. Nesse sentido, entende-se por dimensão conjuntista-identitária o modo como “a sociedade opera, agindo e representando, por meio de elementos, classes, propriedades e relações tidos como distintos e definidos [...] o funcionamento da sociedade, das instituições e dos significados pode ser determinado e controlado” (CASTORIADIS, 1987, p. 235-236 *apud* MARTELETO, 1995, *online*). Por sua vez, na dimensão propriamente imaginária, “o esquema dominante é o da significação. Posto que as significações podem ser demarcadas, mas não determinadas, uma vez que elas se conectam umas às outras como uma cadeia infinita e não previsível) (CASTORIADIS, 1987, p. 235 *apud* MARTELETO, 1995, *online*).

Marteletto (1995) frisa também que a informação enquanto forma e dinâmica cultural é uma “forma instituída de memória, gestão, distribuição e recepção dos artefatos culturais, é aqui o elemento de ligação entre as dimensões conjuntista-identitária e imaginária, que regem o funcionamento da ‘instituição total da sociedade’ e da própria dinâmica cultural” (*online*). O resultado é que os artefatos culturais somente são produzidos e reproduzidos pelo modo informacional, pois toda prática social é uma prática informacional, compreendida como os “mecanismos mediante dos quais os significados, símbolos e signos culturais são transmitidos, assimilados ou rejeitados pelas ações e representações dos sujeitos sociais em seus espaços instituídos e concretos de realização” (MARTELETO, 1995, *online*).

Nessa perspectiva, Bordieu (1980) *apud* Marteletto (1995, *online*) lembra que, nas sociedades contemporâneas, a perda de poder da aristocracia e da Igreja resulta na constituição e fortalecimento de campos relativamente autônomos de produção e reprodução cultural, como os campos sociais artístico, filosófico, científico e educacional, bem como os campos sociais de distribuição e consumo como editoras, bibliotecas, arquivos, museus e a indústria cultural. Tal situação propicia a atual existência de um mercado de oferta e de consumo dos bens culturais. Ressalta-se ainda que os bens culturais produzidos como matéria informacional são distribuídos socialmente e não compartilhados, pois são dependentes das instâncias de produção, reprodução, transmissão e aquisição (MARTELETO, 1995, *online*).

Para a autora, o funcionamento dos campos sociais integra as condições de produção, transmissão e aquisição dos bens culturais, sendo que tais condições são representantes dos mecanismos que situam emissores-transmissores-receptores, assim como integra também os objetos, valores e sentidos que acompanham as informações. No

entanto, segundo Marteleto (1995), os campos sociais não criam uma totalidade, devido à separação entre produtores e receptores dos bens culturais “por critérios de saber e de poder, que, em última instância, dizem respeito à acessibilidade aos campos e aos seus significados, [o que] supõe e repõe incessantemente as diferenças e os conflitos sociais” (MARTELETO, 1995, *online*). Nesse cenário cultural, a informação, para a autora, organiza as relações sociais – dispersas e conflituais – e dá aparência de dispersão e neutralidade ao conhecimento racional – produzido como se fosse homogêneo e indivisível.

Na mesma perspectiva social, surgem os chamados estudos das práticas informacionais. Para Savolainen (2007), a ideia de prática informacional nasce nos anos 1960, mas ainda é pouco usada no campo da CI, em comparação ao uso do conceito de comportamento informacional. De acordo com Araújo (2007; 2013), o conceito de prática informacional é oriundo do conceito de prática usado pela etnometodologia – estudo dos métodos pelos quais os indivíduos dão sentido às suas ações – e permite estudar os sujeitos informacionais considerando as facetas sociais da produção de conhecimento.

Assim, Savolainen (2007) afirma: "comparado com o modelo de comportamento informacional, o conceito de prática informacional adota como papel central os aspectos sociais e culturais enquanto fatores determinantes e qualificantes da busca por informação e compartilhamento de informação pelos sujeitos" (SAVOLAINEN, 2007, p. 125, tradução nossa). Destarte, o autor frisa que tanto o comportamento informacional quanto as práticas informacionais focam-se no modo como o sujeito lida com a informação, apesar disso, o comportamento informacional entende o lidar com a informação como sendo desencadeado por motivos e necessidades, enquanto a prática informacional entende que o lidar com a informação relaciona-se com a continuidade e a habitualização de ações moldadas e afetadas pelo social e pelo cultural (SAVOLAINEN, 2007).

3 PESQUISA QUALITATIVA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Este artigo demarca-se enquanto sugestão de métodos estratégicos para a pesquisa social qualitativa. Para Bauer, Gaskell e Allum (2008), a pesquisa social é a que se apoia em dados sociais resultantes e produzidos nos processos de comunicação,

divididos em dois modos de dados sociais: comunicação formal e comunicação informal, que podem ser produzidos em três meios, texto, imagem e som. De acordo com os autores, o modo de dados sociais de comunicação informal é gerado quando o pesquisador interessa-se por “como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e a dos outros” (p. 21), sem a exigência de um conhecimento especializado como se dá com os dados sociais de comunicação formal.

Ao analisar a metodologia para a pesquisa social, Minayo (2009, p. 21) afirma que o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo, por tratar-se dos conjuntos das expressões humanas presentes nas estruturas, processos, representações sociais, expressões da subjetividade, símbolos e significados. Assim, a autora pondera que a pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais se ocupa com o universo da produção humana, que dificilmente pode ser traduzido em números e/ou indicadores quantitativos.

Segundo Flick (2009, p. 16), a pesquisa qualitativa não possui modelos precisos, por isso, uma de suas principais características e necessidades é o princípio da adequação como orientador na pesquisa qualitativa: “os métodos devem ser adequados àquela questão e devem ser abertos o suficiente para permitir um entendimento de um processo ou relação”.

Do mesmo modo que a pesquisa qualitativa, a pesquisa em CI também não possui uma metodologia específica e deve atentar-se à adequação das estratégias metodológicas à problemática em estudo, pois, conforme ressalta González de Gomez (2000, *online*), a CI apresenta-se desde seu início “como conjunto de saberes agregados por questões antes que por teorias”. Com isso, a autora observa que

Quando são abordadas as práticas e ações de informação [como na presente pesquisa], devemos usar estratégias comunicacionais seja para reconstruir a produção de sentido dos atores sociais, seja para construir e interpretar indicadores operacionalizados sobre produtos e resultados observáveis das ações de informação. O acesso comunicacional aos fenômenos culturais da informação requer estratégias metodológicas descritivas, interpretativas, próprias da antropologia, a sociolinguística, os estudos sociais da ciência, entre outras (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2000, *online*).

Para a objetivação e produção do conhecimento no campo da CI, associam-se princípios conceituais e metodológicos diferentes. Assim, González de Gomez (2000) sugere que no estudo das ações de informação dos atores sociais considere-se a seguinte associação entre conceitos e metodologia de pesquisa, conforme ilustra o QUADRO 1.

QUADRO 1 – Metodologia de pesquisa social aplicada à CI

Estratos informacionais	Modalidades	Formas de ação/ operação	Condições de produção do conhecimento
Informação (semântica)	Modos intersubjetivos de significação; definição cultural e social de uma evidencia ou “testemunho” de informação, suas condições de geração, de transmissão, de recepção e de adesão	Ações abertas e plurais/ polimórficas, conforme diferenciais semânticos / pragmáticos dos atores	Conhecimento antropológico-linguístico (Regras/ usos/ práticas)

FONTE: Adaptado de González de Gomez (2000, *online*).

Assim, ao estudar-se o estrato informacional relacionado à produção subjetiva da informação, como na presente pesquisa, o objeto da CI deve ser considerado como a “construção de significado de segundo grau a partir das práticas e ações sociais de informação, que constituem seu domínio fenomênico” (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2000, *online*).

Destarte, considerado o supracitado, o pesquisador deve definir o desenho da pesquisa. Para Flick (2009), o desenho da pesquisa qualitativa evidencia como serão coletadas e analisadas as evidências que possibilitarão ao pesquisador responder às perguntas da investigação em curso, sendo composto pela amostragem, comparação pretendida (indicação das dimensões e níveis em que se pretende fazer comparações – comparar grupos ou pessoas ou situações específicas entre si), generalização pretendida, questões relativas à qualidade, públicos e escrita, triangulação, e limitação do foco, para tornar a pesquisa exequível.

Assim, sugere-se no presente artigo que o estudioso da informação no contexto das redes sociais virtuais adote o desenho geral de pesquisa dos estudos devido a adequação às características gerais de tal estratégia de pesquisa. conforme observa Yin (2005), tal estratégia é válida à pesquisa social porque nela não se pode controlar eventos comportamentais, portanto, só pode-se estudá-los observando-se os acontecimentos e/ou realizando-se entrevistas com as pessoas neles envolvidos (YIN, 2005, p. 26-27). Segundo o autor:

estudos de casos representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo ‘como’ e ‘por que’, quando o pesquisador tem pouco controle

sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real [...] a clara necessidade pelos estudos de caso surge do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos [...] o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real (YIN, 2005, p. 19-20).

Segundo Martins (2008), o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que exige análise qualitativa, por ter como objetivo o estudo aprofundado e intensivo de uma unidade social (um caso), pesquisada dentro de seu contexto real, onde o pesquisador não tem controle sobre eventos e variáveis, mas busca a apreensão total da realidade de uma situação para descrevê-la, compreendê-la e interpretá-la diante de sua complexidade.

De acordo com Yin (2005), os estudos de casos dividem-se em estudos de caso único e em estudos de casos múltiplos. Assim, o estudo de caso único consiste no estudo de uma única unidade, que deve ser escolhida quando um caso representa o caso decisivo para se testar uma teoria bem formulada, ou trata-se de um caso raro ou extremo, representativo ou típico (YIN, 2005, p. 62-63), enquanto o estudo de casos múltiplos consiste no estudo de mais de um caso único no mesmo estudo de caso, sendo que cada caso selecionado deve servir a um propósito diferente (YIN, 2005, p. 68). Como a presente pesquisa não possui subsídios para tratar uma única comunidade do Orkut como caso decisivo, opta-se pela realização de um estudo de casos múltiplos, no qual cada comunidade virtual em estudo representará um caso único.

Para Yin (2005), o estudo de caso pode ainda ser holístico ou incorporado. Com isso, o estudo holístico de caso se dá quando se analisa a natureza global de um evento, programa ou organização (YIN, 2005, p. 65), enquanto o estudo incorporado de caso ocorre quando dentro de um caso único (ou de cada caso único em um estudo de casos múltiplos) se dá atenção a uma subunidade ou a várias subunidades, cada uma podendo utilizar técnicas diferentes de coleta de dados (YIN, 2005, p. 64-65). Como no presente estudo se dará atenção a subunidades (comportamento informacional, cultura informacional, redes sociais, representações sociais e informação sobre amor) em cada caso (comunidade virtual) opta-se por um estudo incorporado de casos múltiplos.

Sob a ótica metodológica, Martins (2008, p. xii) diz que um estudo de caso deve ser “precedido pela exposição do problema de pesquisa – questões orientadoras – do enunciado de proposições – teses – que compõem a teoria preliminar que será avaliada a partir dos achados da pesquisa; de uma plataforma teórica”. O autor destaca ainda a importância de se apresentar um detalhado planejamento de toda a pesquisa, por meio

do protocolo do estudo de caso, que deve conter: “descrição dos instrumentos de coleta de dados e evidências, estratégias de coleta e análise dos dados, possíveis triangulações de dados, prováveis encadeamentos de evidências e avaliações da teoria previamente admitida” (MARTINS, 2008, p. xii).

Dento de tal desenho de pesquisa enquanto estudo de caso, o pesquisador deve estar atento ao papel da revisão de literatura na pesquisa. Para Yin (2005), a revisão de literatura (ou revisão teórica) tem como objetivo criar um referencial teórico ou plataforma teórica para subsidiar a análise a ser realizada pela pesquisa e a teoria a ser desenvolvida por ela. Com isso, Yin (2005, p. 28) observa que a revisão teórica em um estudo de caso é “um meio para se atingir uma finalidade, e não – como pensam muitos estudantes – uma finalidade em si”. Assim, considerando-se Gil (2009), a revisão de literatura para compor o referencial teórico do presente estudo considera a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental: a) pesquisa bibliográfica) para Gil (2009), a pesquisa bibliográfica contempla a revisão de livros e artigos científicos que permitem ao pesquisador cobrir fenômenos mais amplos do que se imagina de início, dando base teórica para a fase de análise de tais fenômenos; b) pesquisa documental) segundo Gil (2009), assemelha-se à pesquisa bibliográfica, no entanto, sua maior diferença está na natureza das fontes, pois tal pesquisa é formada por materiais que ainda não passaram por tratamento analítico, ou que podem ser reelaborados segundo os objetivos da pesquisa. De acordo com o autor, há os documentos de primeira mão, que ainda não foram tratados analiticamente, como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, filmes, fotografias etc.; e os de segunda mão, que foram analisados de alguma forma, como: relatórios de pesquisa; relatórios de empresas; tabelas estatísticas etc.

Além da revisão de literatura, em uma pesquisa social qualitativa na qual se utiliza o desenho de estudo de caso, há ainda teoria descritiva a ser desenvolvida. Acerca da teoria a ser desenvolvida em um estudo de caso, pondera-se que tal teoria tem o objetivo de ser um esquema suficiente para o estudo, bem como o de determinar quais dados devem ser coletados e as estratégias de análise desses dados (YIN, 2005, p. 49-51). Sob ótica similar, Martins (2008, p. 11-12) constata que tal teoria busca “explicações e interpretações convincentes para situações que envolvam fenômenos sociais complexos” e “inferências analíticas sobre proposições constatadas no estudo e outros conhecimentos encontrados”.

Dentre as possibilidades de teoria a serem desenvolvidos, Yin (2005) destaca o desenvolvimento de uma teoria descritiva em um estudo de caso, teoria essa que deve: a) voltar-se ao propósito descritivo de responder a questões sobre como se configura determinado fenômeno; b) ser ampla, mas realista no sentido de exequível, considerando-se uma variedade de tópicos que podem ser considerados como uma descrição do que se estuda; c) apontar prováveis tópicos que serão a essência da descrição (ver as categorias de análise dessa pesquisa, f. 186-188). Para o autor, o objetivo é o de “generalizar um conjunto particular de resultados a alguma teoria mais abrangente” (YIN, 2005, p. 58).

Dessa maneira, neste artigo **sugere-se aos pesquisadores estudiosos da informação no contexto da informação produzida e circulante em ambientes virtuais que dediquem os estudos, de forma inicial, ao desenvolvimento de uma teoria descritiva sobre como se configuram as práticas informacionais e a informação enquanto artefato cultural dos sujeitos informacionais em estudo.**

Para essa tarefa em específico, realiza-se duas etapas do estudo de caso: as questões orientadoras (questões de estudo a serem respondidas pela pesquisa científica), e as proposições teóricas (substitutas das hipóteses comumente formuladas em pesquisas científicas), sendo que “cada proposição direciona a atenção a alguma coisa que deveria ser examinada dentro do escopo do estudo”. Segundo Martins (2008), tais proposições teóricas são

formuladas a partir de algum conhecimento do caso e reflexões do pesquisador [...] podem ser entendidas como uma teoria preliminar, criada pelo autor, que buscará, ao longo do trabalho, defender e demonstrar. Ou seja, a explicitação de uma teoria acerca do caso, anterior à coleta de qualquer dado ou evidências [...] substituem os objetivos e as hipóteses normalmente formuladas nas pesquisas convencionais (MARTINS, 2008, p. 68).

Para o desenvolvimento da referida teoria descritiva o pesquisador pode (ou deve) valer-se de uma estratégia básica recomendada sempre em bancas de qualificação pela professora Adriana Bogliolo: 1) criar um primeiro quadro associando objetivos de pesquisa (questões orientadoras em estudos de casos) e categorias de análise (categorias advindas do referencial teórico da pesquisa e que vão subsidiar a análise); 2) criar um segundo quadro no qual o pesquisador associe categoria de análise com procedimentos metodológicos e principais teorias associadas para a análise qualitativa. Sugere-se isso, pois é comum o pesquisador ficar em dúvida sobre quais dados deve coletar e como deve analisar tais dados. Assim, uma forma de clarificar tal processo é construindo um quadro

relacionando cada objetivo da pesquisa e pensando em quais procedimentos metodológicos ele deve utilizar para conseguir coletar tais dados.

A seguir apresenta-se tais quadros sem serem aplicados a uma pesquisa e na sequência os quadros já aplicados a um estudo de mestrado (CRUZ, 2011).

QUADRO 2 - Questões orientadoras e categorias de análise

Questão orientadora	Categorias de análise
Questão orientadora um (questionamento secundário que se constitui enquanto etapa necessária para se responder ao problema de pesquisa)	Categoria advinda do referencial teórico da pesquisa e que permita analisar os dados qualitativamente e responder a tal questão orientadora
Questão orientadora dois (questionamento secundário que se constitui enquanto etapa necessária para se responder ao problema de pesquisa)	Categoria advinda do referencial teórico da pesquisa e que permita analisar os dados qualitativamente e responder a tal questão orientadora
Questão orientadora três (questionamento secundário que se constitui enquanto etapa necessária para se responder ao problema de pesquisa)	Categoria advinda do referencial teórico da pesquisa e que permita analisar os dados qualitativamente e responder a tal questão orientadora

Fonte: Autor com base nas orientações de Adriana Bogliolo

QUADRO 3 – Categorias de análise por procedimentos metodológicos e principais teorias associadas

Categoria de análise	Procedimentos metodológicos	Principais teorias associadas (para a análise qualitativa)
Categoria de análise um (categorias advindas do referencial teórico da pesquisa e que vão subsidiar a análise, classificando e agrupando os dados conforme o nome da categoria, referente ao conteúdo qualitativo dos dados).	Quais procedimentos permitirão encontrar os dados qualitativos necessário para a análise desta categoria? Entrevistas? Questionários? Análise de redes sociais? Análise documental? <i>Etc.</i>	Quais autores apresentados (AUTOR, ANO) apresentados no referencial teórico da pesquisa vão permitir a análise dos dados coletados nesta categoria?
Categoria de análise dois	Procedimentos associados	Autores associados
Categoria de análise três	Procedimentos associados	Autores associados

Fonte: Autor com base nas orientações de Bogliolo

Apresentados os modelos gerais desenhados pelo autor com base nas orientações de Bogliolo, traz-se, na sequência, a aplicações dele em pesquisa de mestrado que

objetivou estudar a representação do amor em *sites* de redes sociais, ressalta-se que a referenciada pesquisa foi produzida em 2011, antes do autor adotar os conceitos de sujeito informacional e práticas informacionais aqui sugeridos, o que não desmerece os quadros enquanto exemplos metodológicos.

QUADRO 4 – Questões orientadoras e categorias de análise

Questão orientadora	Categorias de análise
Como o amor é representado socialmente pelos usuários/atores em estudo?	Representação social do amor.
Como os usuários/atores em análise constroem seu perfil no Orkut em relação à informação sobre amor?	Perfil informacional amoroso.
Como os usuários/atores em estudo lidam com a informação sobre amor?	Comportamento informacional.
Como as comunidades virtuais em análise promovem e/ou controlam a criação e compartilhamento da informação sobre amor?	Cultura informacional.
Como se configura o fluxo informacional da informação sobre amor nas redes sociais virtuais de informação sobre amor em análise?	Redes sociais virtuais de informação sobre amor.
Como as comunidades virtuais em estudo definem-se na rede?;	Redes sociais virtuais de informação sobre amor; Representação social do amor.
Como se configuram as redes sociais formadas pelos usuários/atores em investigação?;	Redes sociais virtuais de informação sobre amor.
Qual o papel das redes sociais virtuais de informação sobre amor em análise para os usuários/atores em estudo?	Redes sociais virtuais de informação sobre amor; Representação social do amor.

Fonte: CRUZ (2011)

QUADRO 5 – Categorias de análise por procedimentos metodológicos e principais teorias associadas

Categoria de análise	Procedimentos metodológicos	Principais teorias associadas (para a análise qualitativa)
Representação social do amor.	Análise documental (fóruns, enquetes e tópicos); entrevistas (usuários/atores nós ativos).	Aristóteles (2000); Bauman (2004); Brandão (1993); Costa (1999); Grimal (1993); Platão (1991); Moscovici (2007b); Morin (2009).
Perfil informacional amoroso.	Análise documental (perfis e tópicos); questionários (usuários/atores nós ativos); entrevistas (usuários/atores nós ativos e donos e/ou moderadores).	Aguiar (2007); Bauman (2004); Costa (1999); Recuero (2009b); Marteleto e Tomaél (2005); Martí (2000).
Comportamento informacional.	Análise documental (tópicos e perfis); questionários (usuários/atores nós ativos); entrevistas (usuários/atores nós ativos); ARS.	Davenport (2000); Marteleto e Tomaél (2005); Recuero (2009b); Wilson (1997, 2000).
Cultura informacional.	Análise documental (fórum e tópicos); entrevistas (donos e/ou moderadores); ARS.	Davenport (2000); Recuero (2009b); Marteleto e Tomaél (2005); Martí-Lahera (2003); Nahl (2007a).
Redes sociais virtuais de informação sobre amor.	ARS; <i>softwares</i> de visualização de redes; análise documental (perfis e tópicos); questionários (usuários/atores nós ativos); entrevistas (usuários/atores nós ativos e donos e/ou moderadores).	Baruchson-Arbib (1996); Bauman (2003); Haythornthwaite (1996); Marteleto e Tomaél (2005); Recuero (2009b); Ribas e Ziviani (2008); Schultz-Jones (2009); Widén-Wulff <i>et al.</i> (2008).

Fonte: Autor

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenho da pesquisa qualitativa é um dos principais desafios tanto para os pesquisadores em geral no campo da CI quanto para os que especificamente dedicam-se ao estudo das informações no contexto virtual. Dessa forma, a proposta do presente artigo foi aplicada com êxito em dois estudos de fôlego e alta complexidade (CRUZ 2011; CRUZ 2014), o que faz com que se creia no êxito de tais sugestões.

Quando o pesquisador entende claramente a relação entre as categorias de análise, os procedimentos metodológicos e o referencial teórico que subsidiará a análise ele se

foca no que é necessário para se alcançar os objetivos da pesquisa, sem entregar um estudo que não se relacione ao problema de pesquisa e sem gastar tempo e energia desnecessários para entender como coletar e analisar dados. A ideia dos quadros aqui apresentados é facilitar tal processo ao se estudar as práticas informacionais de sujeitos informacionais imbricados na produção e socialização de informações no contexto virtual. Frisa-se que as sugestões aqui apresentadas são gerais, em outro trabalho focou-se em sugestões específicas para o estudo da informação nos sites de redes sociais virtuais (CRUZ; 2018).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O sujeito informacional no cruzamento da Ciência da Informação com as Ciências Sociais. XIV, ENANCIB, 2013, Florianópolis, SC. In: XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 14., 2013, Florianópolis, SC. **Anais [...]**. Florianópolis, SC: XIV ENANCIB, 2013. Disponível em: <http://enancib.sites.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/142/26>. Acesso em: 01 nov. 2013.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-36.
- CISCO. The zettabyte era: trends and analysis. Cisco, Solutions, Write pappers, 7 jun. 2017. Disponível em: <http://www.cisco.com/c/en/us/solutions/collateral/service-provider/visual-networking-index-vni/vni-hyperconnectivity-wp.html>. Acesso em 14 jul. 2017.
- COMSCORE. Futuro digital em foco 2015. **ComScore**, 2015. Disponível em: <http://www.comscore.com/por/layout/set/popup/Request/Presentations/2015/2015-Global-Digital-Future-in-Focus>. Acesso em 14 jul. 2017.
- CRUADO, Miguel Ángel. 10 bilhões de pessoas povoarão a Terra em 2053. **El País**, Demografia, 25 ago. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/25/ciencia/1472108333_340880.html. Acesso em: 14 jul. 2017.
- CRUZ, Ruleandson do Carmo. Cultura informacional e distinção: a orkutização sob o olhar social da Ciência da Informação. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://ruleandson.blogspot.com/2014/11/cultura-informacional-e-distincao.html>. Acesso em: 28 abr. 2019.
- CRUZ, Ruleandson do Carmo. Proposta teórico-metodológica para o estudo de sujeitos informacionais usuários de sites de redes sociais virtuais. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v.5, n.1, p.47-62, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1yYePXG8e29vUGZWMtG1ftm4pi70eDU4T/view?usp=s> haring. Acesso em: 2 set. 2018.
- CRUZ, Ruleandson do Carmo. **Redes sociais virtuais de informação sobre amor: comportamento e cultura informacional de usuários do Orkut**, 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte,

2011. Disponível em:

<http://ruleandson.blogspot.com/2011/06/ledes-sociais-virtuais-de-informacao.html>.

Acesso em: 28 abr. 2019.

DAVENPORT, Thomaz H. **Ecologia da informação**: porque só a tecnologia não basta para o sucesso da era da informação. São Paulo: Futura, 2000.

DAY, Ronald E. Death of the user: reconceptualizing subjects, objects, and their relations. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, Silver Spring, v. 62, n. 1, p. 78-88, 2011. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.21422/epdf>. Acesso em: 11 jul. 2017.

FLICK, Uwe. Desenho da pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2009.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Nélide. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **Data Grama Zero – Revista de Ciência da Informação**, v. 1, n. 6, dez. 2000. Disponível em: http://www.dgz.org.br/dez00/Art_03.htm. Acesso em 10 jan. 2010.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura Informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário e campo social. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/artic/e/viewFile/535/487>. Acesso em: 10 jan. 2010.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

NÚÑEZ PAULA, Israel. Las necesidades de información y formación: perspectivas socio-psicológica e informacional. **Acimed**, Cuba, v. 12, n. 5, set./out. 2004. Disponível em: http://bvs.sld.cu/revistas/aci/vol12_5_04/aci04504.htm. Acesso em: 10 jan. 2010.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. **Usuários – informação**: o contexto da ciência e da tecnologia. Rio de Janeiro: IBICT, 1982. Disponível em: <http://biblioteca.ibict.br/phl8/anexos/PINHEIROUsuarios.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2010.

SAVOLAINEN, Reijo. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **Library Quarterly**, Chicago, v. 77, n. 2, p. 109-132, 2007.


YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.





A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS PELOS PESQUISADORES DO EPIC

THE CONSTRUCTION OF THE CONCEPT OF INFORMATION PRACTICES BY EPIC RESEARCHERS

Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira¹ 

Flávia Ferreira Abreu² 

Gracirlei Maria Carvalho de Lima³ 

Jéssica Patrícia Silva de Sá⁴ 

¹ Mestra em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: emanuelle.gaf@gmail.com

² Mestra em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: flaviaabreu2911@gmail.com

³ Mestra em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).


E-mail: leleygmc@gmail.com

⁴ Mestra em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: jessicadesa@gmail.com



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: A autora declara que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 24/04/2019.

Revisado em: 01/05/2019.

Aceito em: 10/05/2019.

Como citar este artigo:

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral; ABREU, Flávia Ferreira; LIMA, Gracirlei Maria Carvalho de; SÁ, Jéssica Patrícia Silva de. A construção do conceito de práticas informacionais pelos pesquisadores do EPIC. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 4, n. especial, p. 26-43, maio 2019.

DOI:

<https://doi.org/10.0000/ip.v4iEspecial.2019.41077.26-43>

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar como se deu a construção do conceito de Práticas Informacionais pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa Estudos em Práticas Informacionais e Cultura (EPIC). A pesquisa iniciou-se na disciplina "Usuários da Informação e Práticas Informacionais" do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da UFMG, ministrada pela Professora Dra. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, no segundo semestre do ano de 2017. Ressalta-se que foi a última pesquisa desenvolvida pela docente, líder do Grupo EPIC, realizada coletivamente com os discentes durante sua última disciplina no PPGCI. O estudo foi realizado com pesquisadores do PPGCI/UFMG que defenderam seus trabalhos dentro da temática de estudos de Usuários da Informação e Práticas Informacionais. Como procedimento metodológico utilizou-se entrevistas semiestruturadas realizadas com sete pesquisadores. Nos resultados observou-se que as primeiras pesquisas sobre Práticas Informacionais não utilizavam essa terminologia, apresentando-se como estudos de usuários vinculados à abordagem social. Dessa

forma, esse conceito foi se desenvolvendo à medida em que as pesquisas foram sendo realizadas no PPGCI. Identificou-se a atual compreensão dos pesquisadores sobre as Práticas Informacionais, além da diferenciação entre práticas e comportamento informacional. Na concepção dos estudos em Práticas Informacionais no grupo EPIC, evidencia-se a liderança da Profa. Dra. Adriana Bogliolo com o desenvolvimento do conceito e metodologias de pesquisa para investigação das Práticas Informacionais.

Palavras-chave: Práticas Informacionais. Usuários e usos da informação. Comportamento do usuário.

ABSTRACT

The objective of this work is to investigate how the concept of Informational Practices was developed by researchers from the Research Group on Informational Practices and Culture (EPIC). The research began in the discipline "Users of Information and Information Practices" of the Graduate Program in Information Science (PPGCI) of UFMG, taught by Doctor Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, in the

second half of 2017. It emphasizes it was the last research developed by the teacher, leader of the EPIC Group, held collectively with the students during his last discipline in the PPGCI. The study was conducted with researchers from the PPGCI/UFMG who defended their work within the theme of Information Users and Information Practices studies. As a methodological procedure we used semi-structured interviews with seven researchers. In the results it was observed that the first researches on Informational Practices did not use this terminology, being presented as studies of users linked to the social approach. Thus, this concept was developed as the research was carried out in the PPGCI. Identified the current understanding of the researchers on Informational Practices, as well as the differentiation between practices and informational behavior. In the conception of the studies in Informative Practices in the EPIC group, it is evident the leadership of Doctor Adriana Bogliolo with the development of the concept and research methodologies to investigate the Informational Practices.

Keywords: Information Practices. Users and uses of information. User behavior.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta uma pesquisa realizada pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) durante a disciplina nuclear da linha de pesquisa "Usuários, Gestão do Conhecimento e Práticas Informacionais" ofertada pelo PPGCI/UFMG: a disciplina "Usuários da Informação e Práticas Informacionais", ministrada pela Professora Dra. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, no segundo semestre do ano de 2017.

Tal pesquisa foi desenvolvida coletivamente pelos alunos com orientação efetiva da professora, com intuito de compreender melhor como estava sendo abordado e construído o conceito de Práticas Informacionais nas pesquisas de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFMG) no âmbito do Grupo de Pesquisa Estudos em Práticas Informacionais e Cultura (EPIC).

Liderado pela Professora Dra. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte e pelo Professor Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo, o grupo EPIC foi criado em 2013 e integrado ao Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) em 2014. As atividades

desenvolvidas pelo grupo objetivam a consolidação de uma nova perspectiva de estudar os sujeitos e suas relações com a informação, centrando no contexto social e cultural de cada indivíduo.

Assim sendo, a Professora Adriana nos apresentou o artigo sobre a historiografia do grupo EPIC (SIRIHAL DUARTE; ARAÚJO; PAULA, 2017). O artigo apresenta a relação das pesquisas de mestrado e doutorado sobre Práticas Informacionais desenvolvidas no âmbito do PPGCI/UFMG pelo grupo de pesquisa. Posteriormente, a professora orientou a formação de duplas de alunos, de forma que cada dupla pudesse selecionar uma das dissertações listadas no artigo, com intuito de que a pesquisa escolhida fosse estudada e apresentada para a turma. Dessa forma, sete dissertações foram analisadas e apresentadas pelos discentes, de forma que toda a turma pudesse conhecer os principais aspectos de cada pesquisa: objetivos, referencial teórico, metodologia adotada e análises de dados.

Após a análise do conceito de práticas informacionais presente nas pesquisas estudadas, a professora Adriana orientou a construção coletiva, em sala de aula, do roteiro de perguntas para realização de entrevistas semiestruturadas com os autores das pesquisas. O roteiro consistiu em onze perguntas para nortear a condução das entrevistas, que foram realizadas em outubro de 2017. Cada dupla entrevistou o autor da pesquisa que havia sido apresentada e analisada em sala. Foi elaborado também um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), devidamente assinado pelos entrevistados.

Em um primeiro momento, as duplas realizaram a análise de suas respectivas entrevistas, criando categorias que abrangessem as temáticas abordadas pelos entrevistados. Depois, foi realizada uma segunda análise das entrevistas, dessa vez, com os alunos reorganizados em grupos pela professora. Dessa forma, cada grupo analisou três entrevistas diferentes, reavaliando as categorias de análise elencadas. Por fim, após a recategorização dos grupos, em sala de aula, chegou-se coletivamente às categorias gerais e definitivas para a análise de todas as entrevistas. A disciplina encerrou-se nessa etapa, com orientações da professora para a futura escrita de artigos com a apresentação dos resultados encontrados. Contudo, o adoecimento da professora no mês seguinte interrompeu os planos de dar prosseguimento à pesquisa.

Diante do exposto, como forma de homenageá-la, apresentaremos os resultados encontrados na categoria geral “concepção do conceito de Práticas Informacionais”

desta que foi a última pesquisa conduzida pela Professora Dra. Adriana Bogliolo em sua última disciplina no PPGCI/UFMG.

Elencamos como objetivo geral deste trabalho: investigar como se deu a construção do conceito de práticas informacionais pelos pesquisadores do EPIC. Como objetivos específicos, buscou-se: compreender a visão dos pesquisadores sobre o conceito durante a pesquisa; entender a visão atual dos pesquisadores sobre o conceito; avaliar a construção do conceito pelos pesquisadores.

2 CONTEXTUALIZANDO: OS ESTUDOS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS

Embora a perspectiva de Práticas Informacionais se encontre no tradicional campo de "estudos de usuários da informação", os estudos sob tal ponto de vista vem com uma proposta de pesquisas voltadas para uma postura sociocultural, fazendo parte de um momento histórico de valorização do contexto nas investigações. A perspectiva das Práticas Informacionais, ainda em construção, apresenta novos aspectos para os estudos dos usuários, agora compreendidos como sujeitos informacionais, termo que ressalta o seu caráter de ator (SIRIHAL DUARTE; ARAÚJO; PAULA, 2017; SÁ, 2018).

As práticas informacionais consistem nos diversos modos como os sujeitos lidam com a informação, que nem sempre partem de uma necessidade específica, considerando-se o encontro ocasional com a informação. A busca e o uso da informação apresentam-se socialmente inseridos, permeados por processos comunicativos, que envolvem a interação entre os sujeitos e o compartilhamento de informações (SÁ, 2018, p. 36).

Dessa forma, essa perspectiva considera as relações dialógicas entre o sujeito e o contexto. A terminologia Práticas Informacionais denomina “os estudos conduzidos a fim de investigar como se dão os inter-relacionamentos entre o sujeito e a informação” (SIRIHAL DUARTE; ARAÚJO; PAULA, 2017, p. 3).

Os estudos de Práticas Informacionais concentram-se em compreender os indivíduos como membros de vários grupos e comunidades que constituem o contexto de sua vida e atividades cotidianas. A ênfase é no papel dos fatores contextuais que permeiam a busca, uso e compartilhamento de informações, o que difere das abordagens individualistas e descontextualizadas, como é o caso dos estudos de comportamento informacional. Nos estudos de comportamento informacional a informação é

determinada por um fator externo e se ajusta às necessidades do indivíduo, desconsiderando o conjunto de fatores humanos, pessoais, individuais e coletivos que interferem na relação do sujeito com a informação. Os estudos de Práticas Informacionais levam em conta às características microsociológicas, propondo-se a olhar o micro para responder ao macrosocial (BERTI; ARAÚJO, 2017).

Berti e Araújo (2017) consideram que, nas investigações de Práticas Informacionais, a interação caracteriza a complexidade do sujeito, que pertence a dimensões individuais, coletivas, sociais, culturais e políticas. Assim, os contextos sociais também são influenciados a partir dessas relações. As Práticas Informacionais também podem lidar com elementos da comunicação e não apenas com a busca por informações. Desse modo, a fronteira entre comunicação e informação é difícil de ser delimitada, podendo sobrepor-se em muitos casos, como nos estudos de contextos interacionais de informação (SAVOLAINEN, 2007).

Rocha, Sirihal Duarte e Paula (2017) apresentam uma revisão do que poderíamos chamar de modelos teóricos de Práticas Informacionais empregados por diversos autores da Ciência da Informação. Os autores discutem a perspectiva de Savolainen (1995) que, mesmo não sendo um modelo efetivamente de práticas informacionais, é apontado como o precursor desses, pois contribuiu para os atuais estudos de práticas informacionais com a noção de vida cotidiana e a percepção de que a relação dos sujeitos com a informação é permeada de fatores sociais, culturais, individuais e temporais.

Na perspectiva apresentada por Savolainen (1995) há a quebra da sequência pré-concebida de necessidade, busca e uso de informação dos tradicionais estudos de usos e usuários da informação. O autor enfatiza que a busca por informação é parte da vida cotidiana das pessoas. Assim, ele propõe um modelo de busca de informação na vida cotidiana (*Everyday Life Information Seeking*, ELIS). Outra perspectiva pontuada é o modelo bidimensional de práticas informacionais de McKenzie (2003). A autora adota o conceito de vida cotidiana proposto por Savolainen (1995), criando um modelo que considera as dimensões casuais envolvidas no processo de busca por informação. Para ela, o encontro casual com a informação tem a mesma importância de uma busca ativa.

Diante do exposto, a perspectiva das Práticas Informacionais recusa, portanto, a ideia de que a informação existe como objeto, independente do sujeito, e que estaria apenas à espera de ser acessada e utilizada. Pelo contrário, conforme esta abordagem é

necessário que o sujeito social esteja em ação ao (res)significar o mundo fazendo uso do seu arsenal cultural.

Contudo, críticas à compreensão das Práticas Informacionais através de modelos são realizadas. Para Berti e Araújo (2017), teorias que embasam modelos valorizam os processos informacionais numa visão unidimensional do pensar, deixando de lado a compreensão de como os significados são construídos. Pois é dessa forma que são realizados os estudos de comportamento informacional, afastando-se as representações simbólicas presentes na interação social.

Assim sendo, no contexto dos estudos desenvolvidos sob a perspectiva das Práticas Informacionais, é preciso atentar para as ações, para aquilo que efetivamente se faz, sobretudo no cotidiano. É na prática, na ação do sujeito na sociedade, que é possível perceber como ele compreende a informação e como, criando um entendimento que é baseado tanto em sua experiência particular como em sua experiência coletiva, ele atua na sociedade na medida em que a expressão de sua interpretação também altera o cenário no qual está inserido.

3 A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS PELOS PESQUISADORES DO EPIC: RESULTADOS E DISCUSSÃO

É de fundamental importância ressaltar que a pesquisa apresentou-se como um estudo em profundidade, cuja relevância está na variedade de dados encontrados, que abrangem a construção das pesquisas de modo completo, contendo informações sobre: a construção do conceito de Práticas Informacionais; a compreensão do conceito de sujeito informacional; a abordagem metodológica das pesquisas; a influência do orientador; o grau de satisfação com a pesquisa; os traços simbólicos do estudo; dentre outros aspectos. Como forma de realizar um recorte para o desenvolvimento desse artigo, optou-se por apresentar somente as categorias pertinentes à construção do conceito de Práticas Informacionais, visto que essa análise já foi completa o suficiente para promover uma ampla discussão.

Elencou-se três categorias de análise, em conformidade com os objetivos do presente trabalho: compreensão do conceito de Práticas Informacionais durante a

pesquisa; concepção atual do conceito de Práticas Informacionais; e, Práticas Informacionais X Comportamento Informacional.

Destaca-se que o nome dos entrevistados foi mantido em sigilo, de forma a preservar os participantes da pesquisa, tal como explicitado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Dessa forma, os pesquisadores foram identificados por E1, E2, E3, E4, E5, E6 e E7.

Quadro 1 - Pesquisas analisadas

Temática	Método	Aporte Teórico
Descreve e analisa as práticas informacionais das profissionais do sexo da zona boêmia de Belo Horizonte. (SILVA, 2008).	Coleta de dados: relatos, entrevistas, com gravação em áudio. Análise de dados: análise de conteúdo.	Práticas Informacionais; paradigma social da CI
Busca compreender as práticas informacionais de ouvintes assíduos de rádio (PESSOA, 2010)	Coleta de dados: relatos, entrevistas, com gravação em áudio. Análise de dados: análise de conteúdo.	Descrição densa de Geertz; Dimensão emocional de Maffesoli.
Busca compreender como os idosos percebem, descrevem e atribuem significado à experiência da inclusão digital e seus efeitos na vida diária, perpassando pelo campo da sociabilidade e do comportamento informacional. (GANDRA, 2012)	Coleta de dados: entrevistas semiestruturadas em profundidade, com gravação em áudio. Análise de dados: análise de conteúdo.	Abordagem social dos estudos de usuários; Fenomenologia social de Alfred Schutz.
Busca indícios de como a subjetividade interfere no processo decisório, ou como os aspectos subjetivos se integram às competências individuais para influenciar esse processo. Investigou o processo decisório de bibliotecários durante a atividade de indexação em bibliotecas universitárias. (ARAÚJO, 2013)	Coleta de dados: entrevista, análise de tarefas, protocolo verbal, aplicação do AT- 9. Análise de dados: análise de conteúdo, análise do AT-9, análise de símbolos.	Abordagem clínica da informação. Teste dos 9 arquétipos.
Investiga como pessoas com cegueira congênita e adquirida interagem com a Web e como percebem sua (in)acessibilidade, buscando identificar as carências e contribuições das Diretrizes de Acessibilidade para o Conteúdo da Web WCAG 2.0 para a construção de websites mais adequados a esse perfil de usuários. (ROCHA, 2013)	Coleta de dados: entrevistas semiestruturadas envolvendo ensaios de interação, com gravação de áudio e salvamento das telas. Análise de dados: análise de conteúdo.	Abordagem social dos estudos de usuários; Cognição Situada.
Investiga os elementos simbólico-afetivos envolvidos no compartilhamento do conhecimento na relação de orientação estabelecida entre docentes e discentes de um programa de pós-graduação stricto sensu. (COELHO DE SÁ, 2015)	Coleta de dados: entrevista, análise de tarefas, protocolo verbal, aplicação do AT-9. Análise de dados: análise de conteúdo, análise do AT-9, análise de símbolos	Gestão do conhecimento científico; Teste dos 9 arquétipos; Abordagem Clínica da Informação.
Analisa como as práticas informacionais de mães de crianças com alergias alimentares influenciam no dia-a-dia desses indivíduos. (BARROS, 2016).	Coleta de dados: entrevista semiestruturada em profundidade. Análise de dados: codificação livre e	Práticas informacionais (Modelos de Pâmela McKenzie e Yeoman).

Temática	Método	Aporte Teórico
análise de conteúdo com grade de categorias mista: a priori (a partir do modelo de análise) e liberdade de criação de novas categorias.		

Fonte: Adaptado de SIRIHAL DUARTE, ARAÚJO e PAULA (2017).

O quadro acima permite visualizar que a partir de 2008, a concepção do conceito Práticas Informacionais começa a ser introduzido nas pesquisas que buscam a compreensão da relação do sujeito informacional com as informações que demandam em seu cotidiano, por mais que o termo não se apresente diretamente nos títulos. Essa perspectiva é influenciada, sobretudo, pelo direcionamento que os orientadores passam para seus orientandos conforme podemos observar com as entrevistas.

3.1 A Compreensão do conceito de práticas informacionais durante a pesquisa

A presente categoria compreende o entendimento que os pesquisadores tinham do termo práticas informacionais à época de suas pesquisas de mestrado. Apresenta-se o conhecimento e/ou desconhecimento do conceito de práticas informacionais e apontamentos gerais dos entrevistados sobre o termo.

Quatro entrevistados definem suas pesquisas de mestrado como vinculadas à abordagem social dos estudos de usuários da informação. Observou-se que, no grupo EPIC, as primeiras pesquisas não utilizavam o termo práticas informacionais, já que o conceito ainda estava começando a ser estudado, de forma que as pesquisas se afirmavam pertencentes à abordagem social, promovendo uma ampliação da agenda do campo dos estudos de usuários da informação. Para os entrevistados, um estudo de Práticas Informacionais seria considerado mais profundo, uma vez que a utilização do termo abordagem social sugere um estudo mais amplo e menos específico.

*E1: [...] eu não conhecia o conceito de práticas, e mesmo hoje conhecendo, eu penso que o conceito de práticas faz **parte da abordagem social. Então era abordagem social, era o nome amplo da coisa, que eu tinha conhecimento naquele momento.***

[...] Não, não chega a ser um estudo de práticas. [...] Eu acho que não chega. Eu acho que... Na análise que eu fiz assim eu não fui tão, tão profunda a ponto de chegar a ser práticas (grifo nosso).

E2: *Eu não conhecia o conceito com essa denominação de práticas informacionais. A gente falava da ampliação da agenda de estudos de usuários, fazia a relação com paradigma social naquela visão que Capurro falou sobre os paradigmas na Ciência da Informação e tinha a proposta de estudos dentro do paradigma social e de ampliar a agenda do campo de estudos de usuários, com abordagem compreensiva, mas não era usada essa denominação de práticas informacionais. Quando eu fiz a pesquisa a gente não falava, eu não tinha esse conhecimento com essa denominação de práticas informacionais.*

E3: *[...] na época a gente conversava muito sobre isso: olha e estou querendo pegar uma abordagem... Nós vamos pegar uma abordagem, então a gente trabalhou uma abordagem que seja mais de acordo com o paradigma social do Rafael Capurro. Que tem a abordagem tradicional que ela está muito ligada ao paradigma físico, as abordagens alternativas e da Brenda Dervin sensi-cognitivo, e aí o [orientador] foi construindo o conceito [...] que era uma tentativa de ultrapassar essa ideia de comportamento.*

O entrevistado E5, na ocasião da realização de sua pesquisa, a caracterizou como um estudo segundo a abordagem social, conforme os entrevistados acima mencionaram. No entanto, o entrevistado esclarece ainda que na ocasião da realização de sua pesquisa de mestrado, não havia discussão a respeito da concepção de Práticas Informacionais, embora ela fosse trabalhada, mas utilizando ainda o nome de abordagem social. Na fala abaixo, o entrevistado explicita que havia a concepção de que a abordagem social que trabalhavam no âmbito da pesquisa era diferente, mas ainda não havia sido denominada como Práticas Informacionais.

E5: *Práticas mesmo, que eu me lembre, não tinha uma discussão, mais aprofundada não. Estava começando a se aprofundar numa discussão sobre a abordagem social dos estudos de usuários. E de alguma forma, também, aqui na Escola, com os meus professores que já trabalham com essa abordagem aqui na Escola, eu já percebia que era uma perspectiva, uma abordagem social diferente de como ela é trabalhada no cenário internacional. Mas, ainda assim era tentando fortalecer essa abordagem social. E assim, eu ouvia falar de práticas, mas não se sustentava, não fazia nenhuma construção em relação a isso. Eu defendi em 2012, então era assim em 2010 e 2011. Falava-se de abordagem social, práticas em algum momento, mas só de ouvir falar mesmo.*

Contudo, a noção do conceito se ampliou e, hoje, o entrevistado E5 entende que a pesquisa desenvolvida sob a abordagem social dos estudos de usuários foi o nascedouro conceitual da perspectiva de Práticas Informacionais adotada atualmente.

E5: *Eu me propus a fazer uma pesquisa conforme a abordagem social, mas hoje eu vejo que foi dali que começou a minha construção do que eu entendo do que é a perspectiva de práticas informacionais.*

Assim como o E5, um dos entrevistados relatou que não conhecia o termo em profundidade à época de sua pesquisa. Ele afirma que, ao final da pesquisa, sugeriu-se

que seu trabalho estaria relacionado aos estudos de usuários e ao conceito de Práticas Informacionais.

E7: Na época eu não conhecia o conceito em profundidade. Eu tinha já visto um conceito sobre o conceito de práticas informacionais durante a disciplina da Adriana de estudo de usuários que eu fiz no mestrado, e eu não lembro se eu estava no grupo de práticas, mas ele não tinha esse nome antes. [...] Eu sabia o que era, de certa forma sim, mas eu não consegui talvez na época, pensar na relação com minha pesquisa. [...] Depois não me lembro se foi no final, alguém leu minha pesquisa falou: "Olha isso aqui tem alguma coisa de estudo de usuários, que poderia ser, que poderia colocar."

O E3 também apontou pouco conhecimento sobre o conceito de Práticas Informacionais na época, mas que foi apresentada pelo seu orientador. O entrevistado também citou algumas referências que deram base para ele ir a campo e compreender como se dava a busca de informação no cotidiano do seu universo de pesquisa. Além disso, ele pontuou que o conceito estava sendo construído e citou a obra de Regina Marteleto (MARTELETO, 1995) como base para o seu referencial teórico.

E3: Foi tudo indicação do [orientador] mesmo. Foi um livro que eu li na época, uma pesquisa do Hermano Vianna sobre o funk carioca. Olha! Essa pesquisa do Hermano você não precisa compreender o conteúdo da antropologia. Ele me disse "capítulo muito técnico, mas eu quero que você entenda o trabalho de campo dele, a descrição a narrativa, de como ele entendeu o campo, como ele escreveu a abordagem do objeto". Então assim é muito bom, não foi usado na minha dissertação, mas foi um livro que foi importante porque o Hermano fez uma profunda análise do espaço prático dele, o que ele fazia no Rio na década de 80. Ele ia aos bailes, ele emergia para depois fazer a descrição do era que ele queria que era relação daquela pessoas com funks.

E3: É porque assim... Eu tenho que lembrar aqui porque é eu trabalhei com um conceito que estava presente na obra da Regina Marteleto[...] Na época ela não tinha um conceito claro. Foi um conceito que estava sendo construído ainda. A própria obra dela na época não tinha tudo muito claro, ela vinha com a ajuda do [orientador] que era uma tentativa de ultrapassar essa ideia de comportamento.

Assim como o E3, o E5 pontuou que não tinha conhecimentos suficientes à época da realização de sua pesquisa. Afirmou que na ocasião, não relacionou Práticas Informacionais como uma perspectiva que poderia ser considerada como estudos da abordagem social.

E5: Eu acho que se eu tivesse escutado antes, ou bem no início do mestrado e atrelasse esse termo à abordagem social dos estudos de usuários, talvez eu tivesse utilizado. Mas, como foi no meio e realmente, assim, não tinha uma compreensão do que era, se era exatamente a mesma coisa de uma abordagem social ou não.

Conforme podemos observar, a compreensão da concepção de Práticas Informacionais se iniciou a partir da vinculação dos estudos de usuários realizados com

a abordagem social. Os entrevistados, embora não nomeassem as pesquisas como estudos de Práticas Informacionais, identificaram na ocasião que se tratava de pesquisas com um viés mais amplo do que concebiam os estudos sob a abordagem social da época.

3.2 Concepção atual do conceito de práticas informacionais

Essa categoria apresenta a concepção atual que os pesquisadores possuem sobre o conceito de práticas informacionais.

Uma parte dos entrevistados prosseguiu com atividade de pesquisa, realizando o doutorado. Percebe-se que esse grupo amadureceu as suas concepções sobre práticas informacionais, elaborando melhor o conceito.

*E1: Na tese eu assumi práticas. Apesar de eu ter certeza do que **não** é práticas. O que é práticas eu ainda estou descobrindo, mas eu já assumo termos e quero levar isso até... Inclusive tendo uma discussão teórica um pouco mais aprofundada do que eu fiz na dissertação (grifo nosso).*

E5: Práticas informacionais estaria dentro da abordagem social dos estudos de usuários, talvez, e que essa abordagem tenta entender o sujeito como um ser histórico, cognoscente e que ele é conformado, constituído pelos referenciais sociais. Então, as suas ações, suas ideias, elas são resultados da intersubjetividade presente na sociedade.

E7: E as práticas, elas para mim são as percepções da pessoa mesmo, do sujeito, em relação tanto à realidade dele, quanto também as questões culturais e sociais. Mas eu acho que as práticas, elas entram mais na parte subjetiva do estudo de usuários. Pensando assim, chamando de estudo de usuários, a questão das práticas informacionais, mas acho que as práticas elas eram mais na parte subjetiva dos usuários, mas que também tem um foco nas interações entre os usuários.

No entanto, é notório que o conceito de práticas informacionais ainda é incipiente, não havendo um consenso sobre sua definição. Até mesmo o uso da terminologia é questionado, visto que as Práticas Informacionais podem ser consideradas um conceito ou uma perspectiva, dependendo do ponto de vista de cada pesquisador.

E1: É uma coisa um tanto quanto controversa assim, eu acho que o conceito ainda é incipiente, na verdade eu não... Eu tendo a não ver práticas como conceito, eu tendo a ver práticas como uma perspectiva, uma forma de olhar. Eu tenho um pouco de dificuldade assim de definir práticas conceitualmente falando, eu acho que é uma coisa muito fluida assim pra, pra você criar um conceito, comportamento é mais... Porque passa aquela ideia de mais visível, práticas me passa uma coisa mais fluida, então eu prefiro ver como uma perspectiva. E aí a

diferença que eu vejo é a forma como você analisa, a forma como você olha pra aqueles dados.

Identificou-se nos discursos dos entrevistados que os estudos de Práticas Informacionais são vinculados à pesquisa de uma coletividade, na análise da interação de um grupo de pessoas.

E1: Porque eu vejo e práticas mais como o estudo de um coletivo de pessoas que têm algum vínculo algum tipo de interação em comum. Posso estar equivocada, mas para mim, prática fica mais, mais visível neste sentido da coletividade. [...] E para fazer práticas eu acho que o estudo fica mais interessante com um grupo que interage mais frequentemente, pode ser virtualmente inclusive, não precisa ser presencialmente, mas que tenha uma construção conjunta; ou desconstrução.

E7: [...] partindo desse meu “pré concebimento” das práticas, tem muito foco nas interações tanto sociais quanto dessa realidade mesmo entre as pessoas.

Seguindo a concepção de que os estudos de Práticas Informacionais são voltados a pesquisas com a interação de grupos de pessoas, E6 pontua que nesse sentido, os sujeitos informacionais da pesquisa são vistos do ponto de vista de atores sociais realmente ativos em sua interação com a informação.

E6: Eu percebo as práticas informacionais como esse momento de sujeitos mais ativos, de sujeitos mais complexos ao tratar com a informação, então eles têm um senso crítico, eles têm percepções.

Existe também a concepção de que um estudo de Práticas Informacionais necessita de outra teoria para ser operacionalizado.

E1: [...] exatamente porque eu falei que eu acho práticas uma coisa muito fluida e eu preciso de uma teoria já estabelecida para operacionalizar a coisa.

O grupo EPIC apresenta-se como uma referência para o estudo das Práticas Informacionais, pois direciona leituras e discussões sobre a temática. Entretanto, é reconhecida a multiplicidade de ideias entre os pesquisadores do grupo, de forma que não há unanimidade no entendimento do conceito.

E1: Eu acho que muita coisa tem uma influência do grupo. Eu às vezes assim, apesar do grupo não ter uma, uma unanimidade no que se entende de práticas (às vezes eu tenho a sensação que cada um entende uma coisa diferente), mas eu acho que é importante porque direciona um pouco; mesmo não tendo um consenso, direciona. Apesar de às vezes eu achar que eu tenho um entendimento de práticas, de práticas informacionais, um pouco mais distinto do grande... do que o grupo tem [...].

E7: [...] eu lembro que estava no início das discussões, acho que em 2015 mesmo que talvez eu tenha começado a participar do grupo. Estava sendo uma coisa de

estudo de usuários, de comportamento informacional, tinha uma discussão sobre conceitos, então esse conceito ele não estava muito claro para mim ainda [...].

Tanto que o entrevistado E4 não usou o conceito de Práticas Informacionais em sua dissertação e, atualmente, já no doutorado, também não se sente seguro em usar a conceituação em sua pesquisa.

E4: *A complexidade da minha pesquisa não pede que eu entre com um conceito que pra mim é novo, sem ter o domínio dele. Tanto que eu também não uso no doutorado. Hoje não me sinto confortável pra usar isto.*

No discurso de E1 foi presente a citação de vários autores, principalmente suecos, que se dedicam a pesquisas sobre Práticas Informacionais.

E1: *Tem uma autora da Suécia que ela fala que a prática informacional é meio que corporificada e eu tendo a concordar com isso sabe. [...] Ela chama Harlan, tem a Isah e a Harlan. Elas usam esse termo pra falar que é quase que corporificada assim nas ações do dia-a-dia. Então eu acho que é uma forma de agir meio que inconsciente e meio que sem uma, um start assim, tipo você tem essa necessidade vai lá e busca.*

[...] Porque acaba que eu vou sendo influenciada pela percepção e eles [autores da Suécia] falam inclusive [de] um estudo sobre as; pelas lentes das práticas, então quando eu falo que práticas para mim é uma perspectiva eu acho que é mais pela influência deles. É porque eles também entendem práticas como uma forma de ver uma determinada realidade e não como um conceito. Então eu acho que talvez seja uma influência dessas leituras.

Consonante com o posicionamento de Berti e Araújo (2017), o E6 apontou que os estudos desenvolvidos sob a perspectiva das Práticas Informacionais não se adéquam a um modelo específico de pesquisa. Trata-se de estudos com enfoques socioculturais que não se devem se limitar a modelos ou a uma representação gráfica.

E6: *Eu acho interessante para isso, assim, perceber o quanto que, por mais que a gente tente colocar numa tabela, colocar num gráfico, num quadro, é, essas questões das práticas, elas são muito, muito mais complexas do que a gente possa imaginar, é praticamente impossível a gente colocar isso bonitinho, né, num quadro, aqui, num modelo.*

Outra parte do grupo de entrevistados não prosseguiu com a atividade de pesquisa, voltando-se para o mercado de trabalho. Essas pessoas, que distanciaram-se da academia, percebem que os conceitos evoluíram, contudo não souberam especificar como os compreendem atualmente.

E2: *Eu acho que as terminologias, os conceitos foram mudando e se ampliando com o tempo e refletindo essa nova compreensão e abrangência. [...] Eu acabei me afastando dos estudos e não acompanhando essas novas terminologias. Depois do mestrado eu no mercado de trabalho não estou tendo tanta oportunidade de*

contato com esses campos que estão se ampliando, mas eu acredito que as novas terminologias dão mais a real dimensão dessa abrangência, maior do que está sendo feito na área.

E3: Olha! Como eu disse... como eu estou por fora das mudanças da área, talvez é só uma evolução do conceito de prática, né? E como eu disse antes também, quanto à leitura especialmente nessas áreas, assim, mais novas... a literatura está muito... Tem muita literatura norte-americana, talvez o conceito já tivesse bem trabalhado lá [na época da pesquisa]. Então assim, o que eu talvez... se fosse aplicar hoje, se fosse mudar... Tivesse algum conhecimento da área hoje é seria uma evolução desse conceito de prática [...] deve ter incorporado muita coisa nova. Então assim eu queria ter me aprofundado mais nesse conceito de prática para deixar a dissertação é... mais forte, eu ter ... sei lá... Eu acho que ela... Mais força para ir a eventos da área.

A maioria dos pesquisadores continuaram suas pesquisas iniciadas no mestrado em um doutorado. Entre esses pesquisadores, podemos perceber de um lado, o aprofundamento do conceito da perspectiva dos estudos em Práticas Informacionais por alguns doutorandos em suas respectivas pesquisas. Por outro lado, pouca identificação conceitual e insegurança para usar o conceito por parte de alguns pesquisadores de doutorado; fato que também ocorreu com aqueles que se afastaram do meio acadêmico e, por conseguinte, do grupo EPIC, para se dedicarem ao mercado de trabalho.

Nota-se que parte dos pesquisadores adotou o conceito de Práticas Informacionais em suas pesquisas atuais, devido ao aprofundamento da perspectiva com relação ao período inicial das pesquisas de mestrado. Há ainda um entendimento de que as Práticas Informacionais são uma perspectiva de pesquisa, vinculada a abordagem social de estudos de usuários da informação. Contudo, não há um consenso terminológico por parte do grupo EPIC, uma vez que alguns adotam o termo conceito no lugar de perspectiva.

Atualmente, é perceptível o consenso dentre os pesquisadores investigados da concepção de sujeito informacional no âmbito dos estudos de Práticas Informacionais, abandonando o termo usuários da informação por considerar além dos aspectos cognitivos, os aspectos históricos e socioculturais nas pesquisas.

3.3 Práticas Informacionais X Comportamento Informacional

Nessa categoria apresentam-se as comparações e diferenciações entre os conceitos de práticas informacionais e comportamento informacional.

Nos discursos dos entrevistados identificou-se uma tentativa de fazer uma distinção entre os dois conceitos, uma vez que ambos estão vinculados aos estudos de usuários da informação. Contudo, os conceitos vinculam-se a diferentes vertentes dentro desse campo.

E1: Eu posso tá equivocada, mas eu penso da seguinte forma, estudos de usuários é uma subárea da Ciência da Informação... E estudo de práticas e de comportamento? São vertentes possíveis de se fazer dentro dos estudos de usuários, então um estudo de práticas ele é um estudo de usuários, só que ele pega uma vertente, que é a vertente de práticas, da mesma forma o de comportamento informacional.

E6: [...] o estudo de comportamento informacional, que também já é mais antigo, o estudo de práticas já é mais recente do que o de comportamento, né, mas o estudo de comportamento informacional está mais voltado para um usuário que é mais estático, é um usuário que não é percebido como um ser tão evoluído quanto o da prática informacional. No da prática, o usuário é visto como um ser atuante, que sofre interferência do ambiente, das pessoas, mas também interfere, né, então, ele já é mais para o tipo de estudo que eu tenho a ver, que estou relacionada, dentro da Comunicação mesmo, que percebe o ser como um ser ativo [...].

E7: Do comportamento informacional, eu acho que ele pauta mais na cognição do usuário né? E que seria talvez assim, como que ele se comporta diante da informação. Para mim eu acho que seria mais ou menos isso essa diferença de estudo de usuários para comportamento. E as práticas, elas para mim são as percepções da pessoa mesmo, do sujeito, em relação tanto à realidade dele, quanto também as questões culturais e sociais. [...] E sendo que os outros, são muito focados no aprofundamento da melhoria do sistema, talvez os estudos de usuários, o comportamento acho que não tem muito essa interação entre os usuários né? Acho que é isso.

O entrevistado E1 mostrou certa resistência ao pensar em fazer um estudo utilizando o conceito de comportamento informacional.

E1: Olha, a única certeza que eu tinha é que eu não queria fazer estudo da abordagem cognitiva ou alternativa, sabe, eu já, apesar de tá há pouco tempo na área, eu já via que não era aquilo que eu queria, eu queria um pouco além. [...] Eu tendo a achar que eu aproximei mais de práticas. Eu evitei comportamento conscientemente. Eu não queria fazer um estudo de comportamento informacional; é um tema que eu tenho uma certa resistência.

Na visão dos pesquisadores, o conceito de Práticas Informacionais mostra-se mais profundo do que o conceito de comportamento informacional.

E1: E eu acho que práticas ela aprofunda um pouco mais do que comportamento. Sabe, assim a sensação que eu tenho é... O comportamento ele tem uma motivação mais sei lá, a lacuna, acho que é até lugar comum ficar repetindo isso, mas o comportamento ele parte de uma lacuna, a prática ela já é mais cotidiana e eu não tô falando só de informação pra vida cotidiana, tô falando de forma geral, é meio que uma coisa incorporada... Incorporada sei lá, é uma coisa que a pessoa não tá... Porque o comportamento, eu vejo da seguinte forma, quando se fala de comportamento informacional, você tem uma necessidade, você se levanta vai lá

faz uma busca, planejada, meio que uma sequência de passos. E a prática é como se ela tivesse diluída no dia-a-dia [...].

E2: Eu acredito que estudos de usuários da informação surgiram muito relacionados à visão mais positivista, mais pragmática, mais relacionada a grupos específicos de usuários de sistemas de informação e eu acredito que esses novos termos tem uma abrangência maior do que é feita agora.

Podemos observar a tentativa dos pesquisadores entrevistados em diferenciar os estudos de Comportamento Informacional de estudos dedicados a concepção de Práticas Informacionais. Há um claro consenso sobre as diferenças e finalidades de cada um dos estudos. Embora façam parte dos estudos de usuários da informação, Comportamento Informacional é um estudo conforme a abordagem cognitiva e Práticas Informacionais é um estudo conforme a abordagem social. Os entrevistados frisaram que os estudos sob a ótica das Práticas Informacionais são mais abrangentes, além de dar mais ênfase ao protagonismo do sujeito e sua interação com a sociedade.

4 CONCLUSÃO

Com a realização desta pesquisa, podemos constatar como se deu a constituição do conceito da perspectiva das Práticas Informacionais no âmbito do grupo EPIC. A criação do grupo EPIC se deu em 2013, sendo consolidado por meio do cadastro no CNPq em 2014. Mas muito antes, a maneira de olhar para os sujeitos informacionais por meio da abordagem social de estudos de usuários realizada em vários trabalhos de pesquisa de membros do grupo EPIC, já transmitia a diretriz do que viria.

Conforme podemos observar, os estudos realizados no âmbito das Práticas Informacionais iniciaram vinculados à abordagem social e se mantém até então. Alguns pesquisadores adotaram o termo inicialmente, outros utilizaram “comportamento informacional” mesmo compreendendo que o escopo de sua pesquisa havia sido mais amplo. Contudo, o conceito de Práticas Informacionais foi sendo fundamentado a medida que as pesquisas de mestrado foram se desenvolvendo e esses pesquisadores foram dando continuidade no doutorado. Desde o princípio, a perspectiva das Práticas Informacionais foi concebida de maneira a perceber o sujeito informacional como protagonista da ação informacional, compreendendo que trata-se de um indivíduo cognoscente que busca por informação de maneira natural, cotidianamente, que tem sua

cultura, história, que interage com meio, influencia e é influenciado. Portanto, o sujeito estudado nos estudos de Práticas Informacionais é visto em conformidade com o seu contexto sociocultural, não somente em seu aspecto cognitivo como nos estudos de Comportamento Informacional.

Destaca-se o protagonismo da Profa. Dra. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte na liderança do grupo e das pesquisas em torno das Práticas Informacionais. Profa. Adriana é uma das responsáveis pela consolidação do conceito e adoção de algumas das metodologias utilizadas na perspectiva de Práticas Informacionais desenvolvidas no âmbito do grupo EPIC. Ela tinha o dom didático para categorizar os dados que permitia uma compreensão mais efetiva das pesquisas. Uma profissional apaixonada que buscava sempre inovar e levava consigo generosamente docentes e discentes que ousavam alçar vôos mais altos. Essa pesquisa foi a última pesquisa desenvolvida coletivamente por ela e por discentes em sua última disciplina no PPGCI/UFMG. Mais uma contribuição para a compreensão dos conceitos que o grupo EPIC está construindo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Eliane Pawlowski Oliveira. **Tomada de decisão organizacional e subjetividade: análise das dimensões simbólico-afetivas no uso da informação em processos decisórios.** 2013. 165f. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BARROS, Flávia Moraes Moreira. **Protagonismo nas práticas informacionais de mães de crianças alérgicas.** 2016. 186 f. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BERTI, Ilemar Christina Lansoni Wey; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários e práticas informacionais: Do que estamos falando?. **Informação e Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 389 – 401, maio/ago., 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/issue/view/1320>. Acesso em: 4 abr. 2019.

COELHO DE SÁ, Rosilene Moreira. **Compartilhamento do conhecimento e o processo de orientação de discentes de pós-graduação stricto sensu.** 2015. 158 f. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

GANDRA, Tatiane Krempser. **Inclusão digital na terceira idade: um estudo de usuários sob a perspectiva fenomenológica.** 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, v.24, n.1, p. 89-93, jan./abr. 1995.

MCKENZIE, Pamela. A model of information practices in accounts of everyday – life information seeking. **Journal of Documentation**, v. 59, n. 1, p. 19-40, 2003.

PESSOA, Marina Torres. **A relação entre ouvintes assíduos e o rádio**: um estudo de usuários da informação a partir de uma perspectiva compreensiva. 2010. 95 f. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira. **(In) Acessibilidade na web para pessoas com deficiência visual**: um estudo de usuários à luz da Cognição situada. 2013. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ROCHA, Janice Aparecida Pereira; SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo; PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, v. 23, p. 36-61, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/67014/39098>. Acesso em 4 abr. 2019.

SÁ, Jéssica Patrícia Silva de. **Ler e compartilhar na web**: práticas informacionais de blogueiros literários. 2018. 241 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SAVOLAINEN, Reijo. Everyday Life Information Seeking: Approaching Information Seeking in the Context of “Way of Life”. **Library & Information Science Research**, Amsterdam, v. 17, p. 259-294, 1995.

SAVOLAINEN, Reijo. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **Library Quarterly**, Chicago, v. 77, n. 2, p. 109–132, 2007.

SILVA, Ronaldo. **As práticas informacionais das Profissionais do Sexo da zona boêmia de Belo Horizonte**. 2008. 171 f. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo; ARAUJO, Carlos Alberto Ávila; PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. Práticas informacionais: desafios teóricos e empíricos de pesquisa. In: Encontro Internacional de Usos e Usuários da Informação, 1., Fortaleza. **Anais...** 2017. Disponível em: <http://www.eneu2017.ufc.br/index.php/eneu/1/paper/viewFile/60/31>. Acesso em: 4 abr. 2019.



ABORDAGENS DOS USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO POR PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO E DA INFORMÁTICA

INFORMATION USERS APPROACHES BY INFORMATION AND INFORMATION TECHNOLOGY PROFESSIONALS


Eliane Cristina de Freitas Rocha 

¹ Doutora em Ciência da Informação pela
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: prof.lili.rocha@gmail.com



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma
Licença Creative Commons Atribuição 4.0
Internacional. 

Conflito de interesses: A autora declara que
não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados:
Todos os dados relevantes estão disponíveis
neste artigo.

Recebido em: 17/04/2019.

Revisado em: 02/05/2019.

Aceito em: 09/05/2019.

Como citar este artigo:

ROCHA, Eliane Cristina de Freitas. Abordagens
dos usuários da informação por profissionais da
informação e da informática. **Informação em
Pauta**, Fortaleza, v. 4, n. especial, p. 44-61, maio
2019. DOI: [https://doi.org/10.32810/2525-
3468.ip.v4iEspecial.2019.41036.44-61](https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v4iEspecial.2019.41036.44-61)

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões originadas e
ampliadas de trabalho de tese realizado sobre as

abordagens dos usuários da informação por
profissionais da informação e da informática,
sob orientação da professora Adriana Bogliolo
Siriha Duarte. Apresenta discussão sobre o
conceito de usuário da informação, de sistemas
de informação e de produtos interativos como
categorias distintas. No que diz respeito ao
trabalho dos profissionais da informação e da
informática, há o predomínio da abordagem
tradicional dos estudos de usuários na prática de
ambos os perfis profissionais, marcada pelo
empirismo e tecnicismo.

Palavras-chave: Usuário. Bibliotecário. Analista
de tecnologia da informação. Usuário da
informação. Usuário de sistemas de informação.

ABSTRACT

This paper presents reflections originated and
amplified from a thesis accomplished about user
information approached by information and
information technology professionals, oriented
by Adriana Bogliolo Siriha Duarte. It presents
discussion about information, information
system and interactive products users as distinct
categories. In concern of the work
accomplished by information and information
technology professionals, the tradicional
approach of user studies dominates in the
practice of both professionals, characterized by
empiricism and technicism.

Keywords: User. Librarian. Information
Technology Analyst. Information User. System
information user.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fundamentado, essencialmente, em estudo de tese (ROCHA, 2013) orientado pela professora Adriana Bogliolo, a quem se presta homenagem nesta edição especial da “Informação em Pauta”. Algumas reflexões posteriores à tese, publicadas em língua inglesa (ROCHA, 2016) e relacionados a ela são acrescentadas para permitir ao público brasileiro acesso às contribuições sobre os conceitos de usuários da informação em diferentes áreas do conhecimento – Biblioteconomia e Sistemas de Informação.

Na referida tese (ROCHA, 2013), ficou muito evidente que a temática dos usuários da informação tem recebido muita atenção no campo da ciência da informação, nos últimos anos. No entanto, o esforço teórico da área nem sempre é apropriado para melhoria nas atividades dos profissionais relacionados ao campo. Isso se deve, em parte: 1) à pluralidade temática e metodológica dos estudos da ciência da informação (CI), 2) à não correspondência entre os estudos do campo da CI e os espaços de atuação profissional alinhados ao desenvolvimento do seu campo científico: não existe uma profissão regulamentada de cientista da informação, e a definição de profissionais que podem atuar no campo é objeto de discussão. Para estabelecer um recorte necessário para compreender as abordagens dos usuários da informação em diferentes campos profissionais relacionados à CI, a tese comparou a atuação de profissionais da informação (denominação da CBO/2002 aos profissionais bibliotecários) e profissionais da informática (analistas de tecnologia da informação) nos aspectos referentes às suas práticas relativas aos seus usuários.

Tendo em vista que González Teruel (2005) considera de fundamental importância que os estudos de usuários apresentem contribuições efetivas para a prática do profissional que lida com informação, a questão principal norteadora do trabalho foi: De que maneira têm sido abordados os usuários da informação nas práticas profissionais de bibliotecários e analistas de sistemas? O objetivo principal foi comparar as abordagens teórico-metodológicas dos usuários da informação nas práticas profissionais de bibliotecários e analistas de tecnologia da informação (profissionais da informática).

Para realizar tal empreitada, foi necessário realizar revisão bibliográfica das abordagens dos usuários da informação da CI, apresentada brevemente na seção 2 a seguir, que também apresenta reflexões sobre os conceitos de usuários da informação,

usuários de sistemas de informação e de produtos interativos. Foi empreendido estudo de campo com profissionais 17 bibliotecários e 16 analistas de sistemas que lidam com usuários da informação, na tese. Reflexões originadas do trabalho empírico da tese serão apresentadas na seção 3. Para finalizar, são apresentadas considerações sobre as abordagens dos usuários da informação pelos profissionais.

2 ABORDAGENS DOS USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO

Para González Teruel (2005), o histórico dos estudos de usuários aponta investigações de natureza heterogênea úteis ao planejamento de serviços de informação e voltadas para o estudo das necessidades da informação, estudo de demanda de informação, estudo de usos da informação, estudos de satisfação com os serviços informacionais, e estudos de impacto.

Os primeiros estudos de usuários voltaram-se para melhorias no desenvolvimento de coleções, sendo caracterizados como estudos de usos e de coleções das bibliotecas, empregando técnicas como análises estatísticas de empréstimo e uso da biblioteca, e bibliometria - como a avaliação do uso de periódicos, de referências, de citações (ARAÚJO, 2007). De acordo com Araújo (2007), os primeiros estudos de usuários da informação, das décadas de 1940 a 1980, conhecidos como estudos da abordagem tradicional, tinham orientação metodológica positivista, envolvendo a “aplicação dos métodos das ciências naturais (exatas e biológicas) aos fenômenos humanos ou sociais” (ARAÚJO, 2007, p. 87), com predomínio de técnicas quantitativas de pesquisa.

É característico dos estudos de usuários realizados na perspectiva positivista-funcionalista-empirista, normalmente associados aos primeiros trabalhos de estudos de usuários e ao paradigma físico da CI, o propósito de previsão do uso que indivíduos ou grupos fariam dos serviços de informação numa perspectiva voltada para a melhoria dos sistemas, sendo conhecidos como perspectiva orientada ao sistema (**estudos orientados ao sistema**) ou perspectiva tradicional dos estudos de usuários, associada ao seu valor pragmático no planejamento dos serviços de informação e melhoria/criação de bases de dados (GONZÁLEZ TERUEL, 2005).

Em meados da década de 1980, surgiram novas perspectivas de estudos dos usuários que deslocaram o foco do sistema para o entendimento dos usuários,

desenvolveu-se “uma linha de investigação **orientada ao usuário** que atribuía ao usuário um papel ativo no processo de busca de informação, de tal maneira que o valor da informação dependia de sua própria percepção” (González Teruel, 2005, p. 55, grifos nossos, tradução livre), também conhecida como abordagem alternativa dos estudos de usuários. González Teruel (2005, p. 22) aponta que são característicos dessa abordagem o foco nas características “individuais, tanto cognitivas quanto afetivas que condicionam o modo com que se busca e utiliza a informação” e a observação das situações que levam o sujeito a necessitar da informação. Métodos qualitativos de pesquisa predominam nesta abordagem, alinhada ao paradigma cognitivo da CI (ARAÚJO, 2007). Alguns autores se destacam nesta abordagem: Khulthau, Brenda Dervin, Thomas Wilson, entre outros.

Araújo (2010), em sua revisão do campo, aponta que os estudos da abordagem tradicional (predominantemente marcados pelo paradigma físico da CI) e os estudos da abordagem alternativa (predominantemente marcados pelo paradigma cognitivo da CI) não abarcam a complexidade da constituição da realidade social pelos sujeitos.

Talja (1997) sustenta que estudar o usuário de maneira individualizada conforme os moldes do paradigma cognitivo, e com uma visão de um sujeito orientado a fins racionais e práticos é abraçar o paradigma racionalista do processo de busca da informação, associado à dicotomia platônica que separa sujeito-objeto, a qual pressupõe, para Hjørland (1998) que a pessoa/usuário é provida de um pré-conhecimento que o permite interpretar os dados objetivos do mundo.

Talja (1997) acredita que seria necessário considerar os sujeitos como conhecedores, imersos em seus ambientes culturais (como em suas comunidades de prática), bem como considerar que a informação em si é construída socialmente. Ela propõe uma orientação diferente para os estudos de usuários – nem orientada ao sistema, nem orientada ao usuário – mas orientada para a formação de conhecimento (*knowledge-formation orientation*), a qual deveria dar conta, de um lado, tanto dos processos culturais de produção, organização e limites das necessidades de informação, quanto, de outro, da produção, limites e organização culturais dos sistemas de informação (TALJA, 1997, p. 77). A proposta envolve ampliar a compreensão do usuário da informação como um indivíduo que se comporta para um sujeito que realiza práticas culturais as quais, necessariamente, são informacionais. A abordagem oriunda desta

visão não é tradicional, nem alternativa, mas social (ARAÚJO, 2010). Para abordar tais práticas, predominam técnicas qualitativas de pesquisa, e diversas abordagens teóricas do campo das ciências sociais são empregadas para empreender tais estudos.

Se os estudos de usuários envolvem estudos de “uso de bibliotecas ou de outros sistemas de informação”, é preciso destacar que as mudanças tecnológicas trouxeram outras variáveis para os estudos de usuários. Baptista e Cunha (2007, p.176) incluem os estudos de usabilidade como voltados à “procura de soluções para sistemas de informação automatizados”, o que permite identificar a problemática dos estudos de usuários em ambientes informatizados (como os ambientes informacionais digitais com a sua respectiva arquitetura da informação) como campo de interesse dos estudos de usuários.

Têm-se feito presentes, na CI, os estudos de usabilidade, acessibilidade e de comportamento informacional em contextos digitais, os quais se colocam, também, em abordagens (inter)(trans)(multi)disciplinares com outros campos do conhecimento, em especial com os estudos de caráter multidisciplinar da área de interação humano-computador.

De maneira sumária, o campo de estudos de usuários relaciona-se com os paradigmas da Ciência da Informação em suas potencialidades e fraquezas e não é a ampliação dos contextos de investigação de estudo do campo (como o usuário em contextos digitais) em si portadora de novas abordagens teórico-metodológicas.

As formulações sobre o usuário da informação no campo da Ciência da Informação, no que diz respeito aos contextos digitais, interfaceiam e se apropriam de referenciais do campo da Interação Humano-Computador, o qual apresenta desenvolvimento próprio, também já avaliado como subproduto da tese que aqui se comenta (ROCHA; SIRIHAL DUARTE, 2013).

Os campos de estudo de usuários da Ciência da Informação e da Interação Humano-Computador atribuem aos usuários significados diferentes. Rocha (2016) considera que o usuário de produtos digitais interativos – inclusive dos produtos cotidianos como o tênis inteligente com informação embutida – não é o mesmo usuário de um livro. Primeiramente, não é adequada a expressão usuário de livro: Quem usa o livro é o leitor, o qual, mesmo em diferentes níveis de leitura (da mais ingênua à mais profunda), interage com uma obra aberta à sua interpretação. O livro pode também ganhar a forma digital – o e-book, o hipertexto – mas o sujeito que com ele interage

entra em contato com saberes em diversos gêneros – romances, manuais técnicos – que hoje podem ter formato aberto, estar em constante construção por comunidades de usuários (na forma da escrita coletiva de enciclopédias online, por exemplo). A abertura à escrita e leitura coletiva de textos tem colocado o leitor no papel de produtor – ao mesmo tempo usuário, leitor e produtor de registros de conhecimento (ZILLER; MOURA, 2010).

Na nova mídia (mídias digitais), o sujeito é convertido em usuário (MANOVICH, 2001) – o sujeito é essencialmente utilizador de recursos técnicos. O conhecimento da materialidade do livro impresso não se destaca na criação de um leitor, mas o conhecimento do recurso técnico em si (como os formatos dos livros eletrônicos, por exemplo) pode impedir várias operações de leitura/escrita/produção de registros de conhecimento em formato digital. Algumas ações de mediação explícita para auxílio à leitura podem se voltar, inclusive, para as dificuldades de uso dos aparelhos (ROCHA, 2013). Como se pode igualar o leitor de um livro com o usuário de um dispositivo eletrônico (como de um despertador eletrônico, por exemplo)? (ROCHA, 2016)

A comparação parece esdrúxula, mas constantemente nota-se que o usuário da informação, outrora associado ao leitor (àquele que produz, recupera e usa registros de conhecimento), é equiparado ao usuário de recursos técnicos digitais ou interativos. A terminologia usuário não tem o mesmo significado nos campos da biblioteconomia e da tecnologia da informação. Uma primeira e importante distinção diz respeito ao que seja usuário da informação, usuário de sistemas de recuperação da informação, usuário de sistemas de informação (em geral) e usuário de produtos interativos. Tais categorias encontram-se ilustradas na FIG. 1, com suas respectivas intersecções.

O usuário da informação é visto como o sujeito que manifesta comportamento informacional, entendido como as “atividades em que a pessoa se envolve quando identifica suas necessidades de informação, procura por tal informação por qualquer meio e usa ou transfere aquela informação”ⁱ (WILSON, 1999, p.249, tradução livre). Este usuário pode envolver-se em atividades de busca de informação (*information seeking behavior*) tanto ativa (*active search, ongoing search*) quanto passiva (*passive attention, passive search*), e também em atividades de recuperação da informação (*information search behaviour*) em sistemas de informação, conforme a proposição do modelo de comportamento informacional em camadas de Wilson (1999). Tais camadas são

apresentadas na FIG.1 pelas elipses Usuário da Informação-*Information Behaviour*; Usuário da Informação-*Information Seeking Behaviour* e Usuário da Informação-*Information Searching Behaviour*. O usuário é visto, predominantemente, de uma perspectiva subjetivista – alguém com necessidades de ordem psicológica, afetiva e cognitiva – como um sujeito que vai solucionar alguma questão relativa aos seus papéis nos contextos sociais (WILSON, 1999), como nos ambientes de trabalho, escolares-educativos e no cotidiano (campo da ELISⁱⁱ). Algumas das questões trazidas pelos usuários enfatizam a busca do conhecimento (necessidade da informação da ordem do saber, para Le Coadic, 2004 e que podem ser relativas aos contextos educativos/escolares bem como a situações cotidianas de troca de informação e diálogo entre pessoas apontadas por Savolainen, 2012) e, outras, a realização de tarefas de simples a complexas (SAVOLAINEN, 2012; LE COADIC, 2004), nas quais a necessidade de informação é derivada para realização de outra tarefa. Não se tem, aqui, exatamente, a visão do usuário como sujeito leitor ou como aquele que aprende com os recursos utilizados (ROCHA, 2016).

O usuário da informação pode interagir com fontes de informação variadas tanto analógicas quanto digitais (pessoas, sistemas de recuperação da informação, por exemplo) em processos de busca ativa (*active information seeking behaviour*). Os usuários de sistemas de informação digitais são aqueles que utilizam aplicativos digitais de diversas naturezas – como os aplicativos de produtividade para o trabalho tanto pessoais (planilhas, editores de imagem, som, etc) quanto para empresas (sistemas ERP, por exemplo), incluindo os sistemas de recuperação da informação digitais (SRI) e sistemas de gestão de documentos (GED). Ao usar SRIs digitais, sistemas de informação digitais e produtos digitais em processos de recuperação da informação, o usuário apresenta *information search behavior*, mas pode também ser produtor de registros em repositórios digitais, numa aproximação à expressão *producer* (ROCHA, 2016).

O uso do sistema de informação digital se difere do uso de SRI também pela dinamicidade do tratamento dos dados armazenados: o sistema, para o usuário, é um meio para que ele acesse ou gere a informação que necessita de processamento de dados. A tarefa que o usuário realiza pode: a) envolver processos de busca ativa (*active seeking*) de algum item presente no sistema digital como um insumo informacional a ser recuperado para solucionar uma questão (como é o caso da recuperação da informação nos SRIs); b) precisar de insumo informacional processado ou gerado pelo sistema

(necessidade da informação da ordem da ação, como nos sistemas de produtividade – exemplo: usar sistema na realização de algum cálculo para fazer alguma previsão; ou necessidade da informação da ordem do saber, como um meteorologista que consulta um modelo preditivo pluviométrico) para o qual o comportamento do usuário não se resume ao comportamento de busca, mas também à interação para geração de dados (uso interativo de sistema para processamento de dado); c) não ter como foco procura de informação ou geração de dados para solução de problemas (como em um sistema de entretenimento), mas envolver atividades informacionais relativas a processos de atenção passiva (*passive attention* - encontrar informação por acaso).

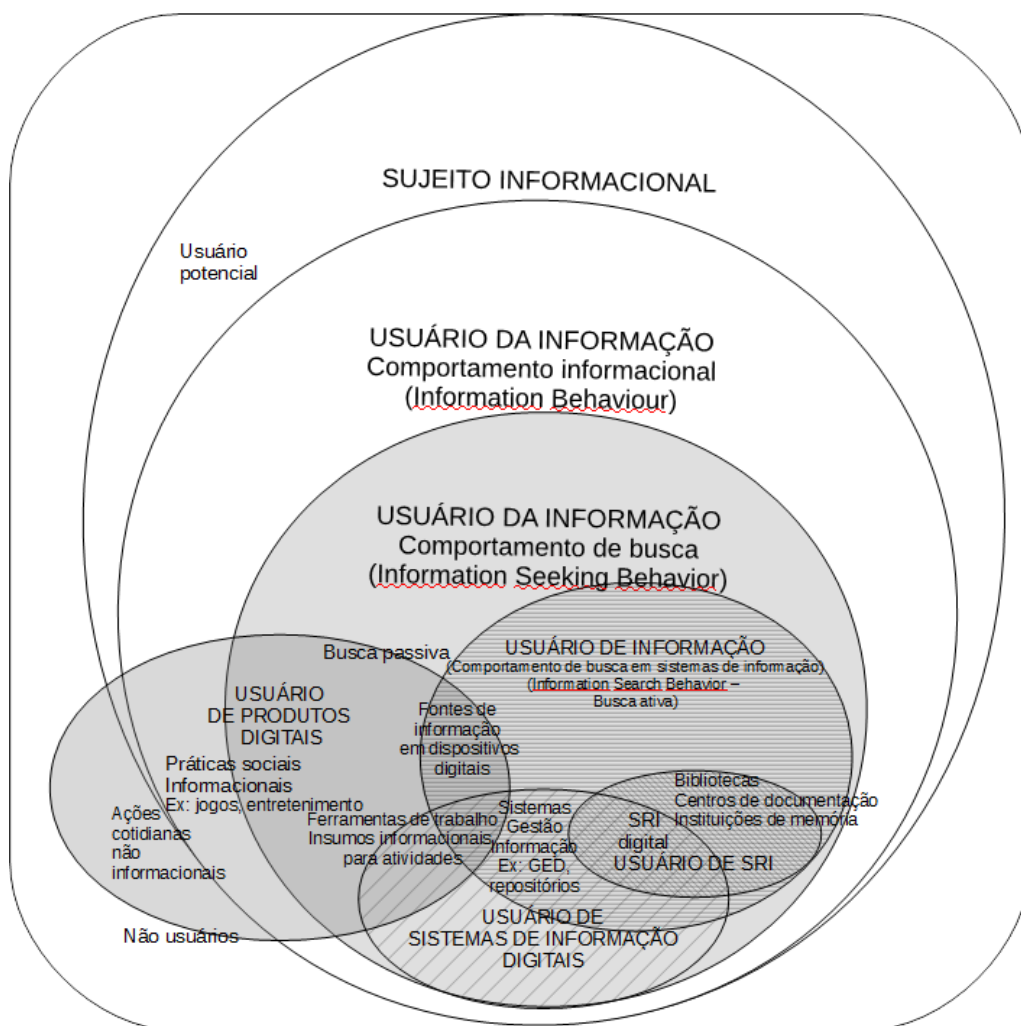
Outra maneira de abordar o usuário da informação, pela perspectiva do paradigma social construcionista, é vê-lo como um sujeito social imerso em comunidades de prática (SAVOLAINEN, 2007). O usuário da informação é aquele que realiza práticas informacionais (ao invés de manifestar comportamento informacional), entendidas como práticas sociais que incluem o trato com a informação em diversas dimensões – procurar, recuperar, receber, usar, transferir, indexar, etc – e por meio de variadas ferramentas que possibilitam comunicação e disseminação do conhecimento. O usuário da informação enquanto realizador de práticas informacionais, representado no círculo mais externo da FIG 1 (Sujeito Informacional), não é visto somente como um sujeito que lida com informação para solucionar alguma questão ou problema – ele realiza práticas sociais que são informacionais (como as práticas de diálogo com seus pares, por exemplo). Os ambientes nos quais são realizadas as práticas informacionais são relativos a contextos sociais com suas configurações próprias (atores e normas) que modelam a forma com que as trocas informacionais acontecem (*information grounds*), (COUTRIGHT, 2007).

Os usuários de produtos interativos, por outro lado, são aqueles que lidam com qualquer produto digital ou que tenha tecnologia digital embarcada para realizar tarefas cotidianas. O comportamento destes usuários de sistemas de informação digitais e produtos interativos nem sempre é associado à busca ativa de informação e não se enquadra completamente nos modelos que caracterizam o usuário em processos de atenção passiva e busca ativa (*information behaviour*). Este é o usuário de ferramentas digitais de uso cotidiano (aqui tratado como usuário interativo) para solucionar problemas da ordem do saber, da ordem da ação (a informação é subsidiária na

realização de tarefas) no entendimento de LeCoadic (2004), ou da ordem da fruição, ou, simplesmente, para realizar práticas informacionais que tenham como suporte a tecnologia da informação digital.

A princípio, o uso de produtos interativos no cotidiano (como jogos eletrônicos, GPS, smart devices) pode ser visto como manifestação de práticas informacionais dos sujeitos, ou práticas sociais que envolvem fluxos informativos entre os sujeitos entre si e deles com os dispositivos técnicos. O foco do usuário, ao interagir com tais produtos, está no uso da ferramenta para realizar uma tarefa que envolverá ou não a busca de informação nas suas formas passiva ou ativa. Como exemplos têm-se: a) os usuários de um aplicativo como o Tinder têm como foco encontrar parceiros afetivo-sexuais (que é uma prática social) e, para isso, se envolverá em processos de busca ativa com a interface da ferramenta (*active seeking*); b) os usuários de uma casa inteligente (uma aplicação da computação ubíqua) que acende as luzes e executa uma música conforme o humor de seu morador, identificado pela leitura da retina, não realizam práticas informacionais nas formas de *active searching*, *active scanning*, *non-directed monitoring* ou *by Proxy* (associadas a práticas informacionais cotidianas por MCKENZIE, 2003). Em outras palavras, há um conjunto de produtos digitais interativos que recebem insumos informacionais dos seus usuários, os quais são tomados como objetos para a ação de tais produtos. No limite, tal objetificação traz à tona a discussão sobre se as práticas de uso de dispositivos digitais são sempre informacionais (se se considera que as práticas informacionais requerem consciência dos sujeitos) e se as aplicações das ferramentas digitais não se voltam para práticas que não sejam sociais (representadas além do sujeito informacional, no box mais externo da fig 1). O usuário de produtos digitais não necessariamente seria um usuário da informação (envolvido em processos de busca ativa ou passiva) nem um sujeito informacional (envolvido em práticas sociais informacionais).

Há, ainda, que se considerar a existência do usuário potencial de sistemas de recuperação da informação, de sistemas de informação digital e de produtos interativos: são todos aqueles que podem fazer uso de tais sistemas (público), mas não o fazem por diversas razões, como inadequação do seu *habitus* ao seu uso. Eles se diferem dos não usuários, os quais não se constituem no público-alvo de tais produtos, como é o caso dos analfabetos em bibliotecas especializadas, por exemplo.

Figura 1 – Pessoas, sujeitos informacionais e usuários da informação

Fonte: elaborado pela autora.

Tendo em vista que há diferenças entre as abordagens teóricas das disciplinas de Usuários da Informação e Interação Humano-Computador, e os distintos conceitos relativos aos usuários da informação, as abordagens dos usuários pelos bibliotecários e analistas de tecnologia da informação foram comparadas tendo como parâmetro os referenciais das abordagens de usuários da CI (tradicional-orientada ao sistema; alternativa-orientada ao usuário e social-orientada à interação usuário-sistema).

3 ABORDAGENS DOS USUÁRIOS PELOS PROFISSIONAIS

Há duas grandes categorias de usuários de sistemas de informação (digitais ou analógicos) tratadas por duas grandes categorias de profissionais: 1) o usuário da

informação, conforme visto pela de Biblioteconomia e Ciência da Informação e pelos profissionais bibliotecários; 2) o usuário de produtos digitais interativos (aqui tratado como usuário interativo) conforme visto pela área dos sistemas tecnológicos de informação, oriundos do campo da computação e congêneres.

O bibliotecário tem a responsabilidade de mediar a relação do usuário com os registros de conhecimento sob sua responsabilidade (ORTEGA Y GASSET, 2006). Para Almeida Júnior (2009) o trabalho de mediação tem duas dimensões: uma explícita, relativa ao atendimento e orientação do usuário, normalmente realizada pelo setor de referência; e outra implícita, relativa ao tratamento dos registros do conhecimento normalmente realizado pelo setor de processamento técnico. Com relação ao trabalho de mediação explícita, observa-se, no geral que: a) os bibliotecários de bibliotecas públicas e escolares se mostram atuantes nas ações de mediação explícita de ordem cultural (como a promoção da leitura), enquanto na biblioteca especializada tais ações não recebem tanta atenção quanto a disseminação seletiva, por exemplo; b) nas bibliotecas universitárias e também nas escolares, tem grande relevo as ações de letramento informacional e digital (auxílio ao usuário na localização de fontes, no uso de equipamentos digitais e normas bibliográficas, na elaboração de trabalhos escolares).

Já com relação ao trabalho do analista de tecnologia da informação, nota-se que há diferentes perfis profissionais a lidar com usuários conforme a divisão das tarefas existente no mercado da tecnologia da informação. Os processos de trabalho dos analistas mais diretamente associados aos usuários de sistemas estão associados, no ciclo de desenvolvimento de sistemas, às etapas de análise de requisitos, implantação e operação de sistemas (NASCIMENTO, 2003); e, no ciclo do design centrado no usuário, às etapas de identificação das necessidades dos usuários e suas tarefas (parte da investigação contextual) e à avaliação do design (ROCHA, 2013). Há diferentes papéis profissionais que lidam com os usuários de sistemas de informação e produtos interativos: os que realizam trabalho de mediação implícita – elaboram projetos de produtos interativos para os seus potenciais usuários – e aqueles que realizam trabalho de mediação explícita – auxílio dos usuários no uso de produtos. De maneira sumária, o trabalho de mediação explícita é realizado por analistas de TI que têm a função de analistas de suporte (e analistas de negócio), os quais teriam a função de facilitar o uso dos sistemas e mediar modificações nele junto às equipes de analistas-desenvolvedores. As tarefas de conhecer as necessidades de usuários para elaboração de sistemas digitais

(software) e produtos interativos – tarefas de mediação implícita – são divididas em dois perfis profissionais, basicamente: a) os designers de interação ou UX designers (User Experience Designers) são responsáveis por projetar as interações dos usuários com produtos interativos de qualquer natureza (desde interfaces de softwares para computadores desktop e interações humanas com dispositivos inteligentes e ambientes com computação ubíqua) e podem atuar em conjunto com arquitetos da informação (estes são responsáveis pela estrutura de navegação, rotulação, organização e busca da informação em variados ambientes digitais); b) os analistas de sistemas ou engenheiros de software são responsáveis pelos produtos de software (desde sua concepção, desenvolvimento e gestão), podendo existir subdivisões desta especialidade conforme o porte e a estrutura da empresa empregadora, como é o caso do perfil profissional específico do analista de requisitos computacionais (responsável pela concepção das soluções).

Além dos profissionais de TI, há outros papéis de mediação, como redação técnica, e acompanhamento de clientes por equipe de marketing (que também prospecta necessidades de usuários e propõe novas funcionalidades ou produtos) e consultores externos (como consultores da área de negócios), atuando no mercado da tecnologia da informação que lidam com usuários da tecnologia digital.

3.1 Abordagens pelos profissionais da informação

Em Rocha (2013), nota-se que, nas atividades de trabalho realizadas pelos bibliotecários, o usuário é visto como o usuário da informação envolvido em busca de informação para solucionar essencialmente problemas de ordem das necessidades do saber (por exemplo: como fazer uma monografia, armazenar ou recuperar um documento). Quando este usuário utiliza os SRIs (no acervo das bibliotecas, nas bibliotecas digitais, nos repositórios institucionais, nos sistemas de gestão de documentos), ele também é usuário de sistemas de recuperação da informação e apresenta comportamento de procura de informação (*information search behavior*) mas também pode ser produtor de documentos (como no caso dos sistemas de Gestão Eletrônica de Documentos, ou no caso dos repositórios de objetos digitais, como os repositórios de objetos de aprendizagem). Tal visão majoritária – o usuário como aquele

que procura informação para conhecer ou saber de algo – é relacionada ao paradigma tradicional dos estudos de usuários (*system-oriented approach*, perspectiva tradicional, centrada no sistema) (TALJA, 1997): o usuário é o sujeito racional à busca da informação para solução dos seus problemas que requerem ações de mediação do bibliotecário relativas à busca da informação, e que exige dele conhecimento acerca dos conteúdos pesquisados e de seus formatos. O papel de mediação do profissional bibliotecário, neste caso, está relacionado à facilitação do acesso às fontes de informação e boa gestão do acervo, e à promoção do letramento digital e informacional, o qual requer, em muitos momentos, ações culturais (como as de promoção da leitura). O usuário é alguém a quem se deve dar atenção, é um sujeito apressado interessado em recuperar registros de informação e também em armazená-los, mas que nem sempre está preparado para realizar tais operações (não sabe ler tão bem, não conhece tão bem a natureza das fontes).

O usuário da informação presente na fala dos bibliotecários entrevistados na tese pode ser entendido como aquele que está à procura de um insumo informacional para solucionar alguma questão, seja na biblioteca, em SRIs, em sistemas de informação (digitais ou não), ou de fontes como meios de comunicação e pessoas. A problematização acerca dos não-usuários, ou dos usuários com necessidades não expressas é tímida entre os profissionais bibliotecários (ROCHA, 2013).

O comportamento informacional (*information behaviour*) não se mostrou objeto de atenção dos profissionais bibliotecários. Tampouco se vê presente a problematização do sujeito informacional – o sujeito imerso em práticas sociais relativas à informação. Valem as impressões do cotidiano para conhecer o usuário. Os usuários, nestas impressões, são vistos como apressados, sem paciência, e pragmáticos: precisam realizar alguma tarefa de recuperação da informação e criação de conhecimento. Mas ele também é visto na faceta de leitor, como alguém a quem se deve instruir e educar.

Para os sistemas digitais, porém, os bibliotecários atuantes em repositórios digitais não têm uma ideia muito precisa de quem é o usuário, especialmente por ele não estar fisicamente presente no espaço da biblioteca. Nestes espaços também é um desafio lidar com o *producer*, como se notou no caso de dificuldades de auxílio a produtores de objetos digitais de aprendizagem em um repositório digital, e também se nota atuação no sentido de melhoria da *findability* de tais ambientes.

De maneira geral, predomina a falta de sistematização do conhecimento do usuário pelos bibliotecários entrevistados na tese (ROCHA, 2013), predominando abordagem tradicional na forma de compreender quem é o usuário. As impressões da experiência direta, empírica, e as abordagens técnicas e práticas predominam para entender o usuário, em uma perspectiva orientada ao sistema.

3.2 Abordagens pelos profissionais da informática

Do ponto de vista do analista de TI, o usuário é, prioritariamente, um executor de processos de trabalho ou de tarefas cotidianas que envolvem fluxos informacionais. Na fala dos analistas de TI (ROCHA, 2013), há distinção entre os sistemas de produtividade (como os sistemas ERP, planilhas eletrônicas, etc), feitos para usuários trabalhadores, e os aplicativos/sistemas sociais voltados para um amplo mercado (como os jogos, com finalidade de entretenimento), feitos para o público (público consumidor). Tal distinção guarda analogias com a especificidade dos estudos de usuários em ambientes de trabalho (*workplace*) e nos ambientes cotidianos (*everyday life seeking*) que já se manifesta no campo da HIB (MACKENZIE, 2003; COURTRIGHT, 2007; SAVOLAINEN, 2012).

O analista de TI, para desenvolver produtos interativos voltados a quaisquer dos perfis de usuários e características dos sistemas, precisa mapear fluxos de informação e definir modelos de dados e sua manipulação. Ele cria uma representação do mundo social e concebe um sistema dinâmico que processa dados de entrada e gera saídas/resultados.

Na prática dos profissionais analistas de TI que não são designers de interação (como os analistas de suporte, analistas de sistemas, engenheiros de software), o usuário é um gerador de problemas, solicitante de serviços, entendedor do domínio de trabalho que precisa ser consultado. Os levantamentos de requisitos de sistemas realizados junto a usuários – como os realizados por analistas de sistemas e de requisitos, bem como por alguns bibliotecários na elaboração de SRIs [Sistemas de Recuperação de Informação] – envolvem realização de pesquisas de necessidades informacionais de usuários. Neste caso, as técnicas utilizadas são qualitativas – como entrevistas e estudo de documentação dos sistemas existentes ou do domínio. O usuário

pode ser visto em seu comportamento informacional, como aquele envolvido em processos de procura de insumos informacionais tanto em SRIs (*information search behavior*) quanto em sistemas digitais ou aquele envolvido em processos de busca (*information seeking behavior*) tanto ativa quanto passiva.

O usuário de sistemas de informação digitais (que pode ser usuário envolvido em busca ativa de informação) requer do analista de TI, em suas funções de suporte e análise de negócios, não exatamente o domínio do saber associado às tarefas dos usuários (trabalho do catalogador), mas a forma com que as tarefas do usuário são realizadas e suas restrições (as regras do processamento e transformação dos dados, as regras de negócio). O trabalho de mediação explícita do analista não se restringe ao auxílio na recuperação de dados estáticos. Não se pode dizer que o analista de TI promova o letramento informacional, nem que ele esteja tão atento ao letramento digital na sua dimensão técnica. Do ponto de vista do analista de TI, de maneira geral, muitos problemas associados aos usos dos sistemas são problemas de projeto e não de falta de preparo do usuário.

Por outro lado, a concepção de produtos interativos requer equipes multidisciplinares que contam com o designer de interação, o qual não tem como atribuição definir modelos de dados para os sistemas. O projeto de tais produtos está mais ligado às ações/tarefas exercidas pelos usuários no cotidiano que podem ou não ter a informação como subsidiária à sua realização. O usuário de tais produtos muitas vezes é visto como o público com necessidades de ordem social a serem exploradas pelo mercado dos produtos interativos, por exemplo: quais são as *features* mais atrativas para os celulares (como a criação do *pau de selfie* para as fotos)? Só se projeta um pau de selfie quando se observa o comportamento social e não os insumos informacionais ofertados pelos aparelhos de celulares e seus usos (seus metadados). O usuário é um usuário do produto, a exercer tarefas cujo foco não está na visão de obtenção da informação para suprir uma lacuna. O comportamento dos usuários nos ambientes digitais pode ser qualificado ou quantificado por meio de testes, como aqueles que empregam análises métricas (análise de *page views* em websites, por exemplo). O usuário de produtos interativos não é necessariamente um usuário de informação que expressa comportamento informacional, embora possa (e deva) ser visto como um sujeito informacional.

No sentido de criar produtos interativos, os designers de interação e UX designers adotam um conjunto de técnicas empíricas que envolvem o conhecimento dos usuários em seu cotidiano, o conhecimento do modelo de negócio (propósitos comerciais) e as restrições da tecnologia envolvida (ROCHA, 2013). Normalmente as técnicas utilizadas são qualitativas – uso da etnografia rápida, observação do ambiente de trabalho, entrevista semi-estruturada, grupos focais. Interessa saber qual é o ponto de vista do usuário sobre as funcionalidades ou produtos que serão criados, a pesquisa tem um caráter prospectivo. O trabalho visa conhecer as práticas sociais para que sejam criadas soluções (na forma de protótipos) que são testados pelos usuários (testes de usabilidade) ou pelas equipes de trabalho (inspeções de usabilidade) para serem produzidos comercialmente.

Embora os usuários participem da prospecção de ideias e validação de protótipos e sejam informantes para geração de sistemas e solução de problemas, não se notou participação efetiva dos usuários nos processos de concepção dos sistemas, experiências de cocriação de produtos interativos (ROCHA, 2013). A eficiência e a eficácia dos produtos e sistemas são critérios de qualidade para concepção de produtos: o usuário é um sujeito pragmático que quer realizar tarefas cotidianas de maneira mais prática, independentemente dele ser visto como público consumidor de produtos interativos (que podem ser ubíquos) ou como trabalhadores usando ferramentas de produtividade. Ele também é visto em uma relação utilitarista: ele é um elemento de cálculo para o sucesso de um produto, de um sistema e não é tido como um sujeito autônomo ou produtor de conhecimento. Nesta direção, predomina a abordagem empirista, orientada ao sistema, típica da primeira orientação de estudos de usuários da CI (abordagem tradicional).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os bibliotecários lidam com usuários que buscam conhecimento, enquanto os analistas de TI com trabalhadores e público consumidor de produtos interativos. De maneira geral, há afastamento no propósito nas ações de mediação dos profissionais – o bibliotecário auxilia a busca do conhecimento do seu usuário (leitor, trabalhador em busca de insumos informacionais), já o analista de TI projeta ferramentas para

realização de alguma atividade cotidiana de maneira mais eficiente (trabalhador, público consumidor) e, eventualmente, dá suporte ao seu uso.

A visão predominante do usuário por ambos os perfis profissionais é orientada ao sistema. Do ponto de vista do analista de TI, é preciso conhecer o seu usuário para cativá-lo, o que torna necessário o conhecimento de suas práticas sociais para esclarecimento dos fluxos informacionais (práticas informacionais) na proposição de produtos para os sujeitos-objetos de ações mercadológicas. Do ponto de vista do bibliotecário, seria importante compreender os usuários em suas práticas sociais para entender o valor da informação na cultura a fim de evitar que o sujeito informacional seja subsumido ao consumidor de produtos interativos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesq. bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários: uma abordagem na linha ICS. In: REIS, A. S; CABRAL, A. M. R. (Org.). **Informação, Cultura e Sociedade: interlocuções e perspectivas**. Belo Horizonte: Novatus, 2007. p. 81-100.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários conforme o paradigma social da ciência da informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 23-39, jul./dez. 2010.
- COURTRIGHT, Christina. Context in Information Behavior Research. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 41, p. 273-306, 2007.
- HJØRLAND, B. Theory and metatheory of information science: a new interpretation. **Journal of Documentation**, v.54, n.5, p. 606-621, 1998.
- BAPTISTA, Sofia Galvão; CUNHA, Murilo Bastos da. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n.2, p. 168-184, maio/ago./2007.
- GONZÁLEZ TERUEL, Aurora. **Los estudios de necesidades y usos de la información: fundamentos y perspectivas actuales**. Ediciones Trea S. L., 2005.
- LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2 ed. rev. e atual. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Massachusetts: MIT Press, 2001.
- MCKENZIE, P.J. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, v. 59, n.1, pp. 19-40, 2003.
- NASCIMENTO, Luciano Prado Reis. **O usuário e o desenvolvimento de sistemas**. Florianópolis: Visual Books, 2003. Cap. 1/3.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário** (1935). Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.
- ROCHA, E. C. F. **Usuário da informação, um velho (?) (des)conhecido: usuários da informação em diferentes profissões da informação**. 2013. 364 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade

Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ROCHA, E. C. F.; SIRIHAL DUARTE, A. B. Reflexões sobre os paradigmas de estudo da usabilidade na Ciência da Informação. **Datagramazero** (Rio de Janeiro), v. 14, p. 01-11, 2013.

ROCHA, E. C. F.. Information Users X Interactive Users: Different Subjects Challenging Different Information Professionals. Annual International Conference on Library and Information Science, 2., 2016, Atenas. **ATINER'S Conference Paper Series**. Atenas: Athens Institute for Education and Research, 2016.

SAVOLAINEN, R. Information Behavior and Information Practice: Reviewing the "Umbrella Concepts" of Information-Seeking Studies. **Library Quarterly**, v.77, n.2, p 109-132. 2007.

SAVOLAINEN, R. Conceptualizing information need in context. **Information**

Research, v.17, n.4., 2012. Disponível em: <http://InformationR.net/ir/17-4/paper534.html>.

TALJA, Sanna. Constituting "information" and "user" as research objects: a theory of knowledge formations as an alternative to the information man - theory. In: VAKKARI, P.; SAVOLAINEN, R.; DERVIN, B (Ed). **Information seeking in context**. Taylor Graham Publishing, London, UK, 1997.

WILSON, T. D.. Models in information behaviour research, **Journal of Documentation**, v. 55, n 3, pp. 249 – 270. 1999.

ZILLER, Joana; MOURA, Maria Aparecida. Semiose e fluxos informacionais: os agenciamentos coletivos e a condição de usuário em ambientes digitais. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p. 324-340, set. 2010.

ⁱ “activities a person may engage in when identifying his or her own needs for information, searching for such information in any way, and using or transferring that information”.


ⁱⁱ Everyday Life Information Seeking.



POR UMA PEDAGOGIA CRIADORA E IMAGINATIVA: retratos de uma prática docente transformadora

FOR A CREATIVE AND IMAGINATIVE PEDAGOGY: portraits of a transforming teaching practice

Eliane Pawlowski Oliveira Araujo 

Claudio Paixão Anastácio de Paula 

¹ Pós-doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).


E-mail: elianepaw@yahoo.com.br

² Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: claudiopap@hotmail.com



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Não se aplica.

Recebido em: 24/04/2019.

Revisado em: 02/05/2019.

Aceito em: 09/05/2019.

Como citar este artigo:

ARAUJO, Eliane Pawlowski Oliveira; ANASTÁCIO DE PAULA, Claudio Paixão. Por uma pedagogia criadora e imaginativa: retratos de uma prática docente transformadora. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 4, n. especial, p. 62-81, maio 2019.

DOI: <https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v4iEspecial.2019.41103.62-82>

RESUMO

A Ciência da Informação, pela inserção de pesquisadores de várias áreas interessados no estudo da informação enquanto objeto científico, acaba tornando-se, à parte qualquer polêmica a respeito, um campo interdisciplinar. Sua práxis pode se fortalecer enormemente se as investigações realizadas na área repercutirem no ensino numa perspectiva afinada com a noção segundo a qual o professor deve, obrigatoriamente, ser um pesquisador. Essa ideia, esboçada por Paulo Freire, parte do pressuposto de não ser possível o real ensino sem pesquisa, e vice-versa. O presente artigo procura destacar essa indissociação por meio da análise dos relatos de experiências vivenciados por vários alunos e colegas que cruzaram a trajetória da pesquisadora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, docente da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Mais ainda, pretende apontar o percurso dessa professora, formada inicialmente em Ciência da Computação, que foi entremeado não só de relevante contribuição para a área, mas de uma prática educativa exercida com afetividade, alegria, capacidade científica e domínio técnico a serviço da mudança, características que Freire atribui ao professor ideal.

Palavras-chave: Adriana Bogliolo Sirihal Duarte. Fazer pedagógico. Espírito científico. Imaginação criadora.

ABSTRACT

Information Science, through the insertion of researchers from various areas interested in the study of information as a scientific object, ends up becoming, apart from any controversy about it, an interdisciplinary field. Its praxis can be greatly strengthened if the investigations carried

out in the area have repercussions on teaching in a perspective that is in tune with the notion that the teacher must, necessarily, be a researcher. This article seeks to highlight this association by analyzing the experiences of several students and colleagues who crossed paths with the researcher Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, a professor at the School of Information Science of the Federal University of Minas Gerais. Moreover, it intends to point out

the path of this teacher, initially formed in Computer Science, which was punctuated not only by relevant contribution to the area, but by an educational practice performed with affection, joy, scientific ability, and technical mastery in the service of change, characteristics that Freire attributes to the ideal teacher.

Keywords: Adriana Bogliolo Sirihal Duarte. Pedagogical doing. Scientific spirit. Creative imagination.

1 INTRODUÇÃO

Esse texto poderia começar com um “*Era uma vez uma professora...*” porque é desta forma que histórias que fazem a diferença se eternizam. Exemplos, lembranças, ensinamentos e um ombro amigo se entrelaçam com competência, paixão pela docência e comprometimento e tornam únicos certos professores que passam pela vida de muitas pessoas e permanecem vivos em suas memórias. Essas características, contudo, nem sempre são destacadas no dia-a-dia nas instituições de ensino e permanecem como marcas apenas para aqueles envolvidos nas relações de afetividade que são construídas no contexto escolar.

Considerando, entretanto, que o ambiente acadêmico, principalmente o universitário, tem se configurado nos últimos anos como um cenário sufocado pela exigência de publicações, cobrança por internacionalização e sobrecarga acadêmico-científica, culminando muitas vezes em questões que envolvem a saúde mental de professores e alunos, destacar pontos que não são mensuráveis a partir de uma análise do currículo Lattes se torna cada vez mais urgente.

Neste sentido, o presente artigo se propõe a apresentar uma das vertentes de atuação da professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, docente da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, que demonstra que a docência não se faz apenas em 50 minutos de uma hora/aula. Estabelecendo um diálogo da trajetória da docente com as proposições do educador Paulo Freire, pretende-se destacar as contribuições da referida professora na construção de uma Ciência da Informação pautada no desenvolvimento de competências individuais e institucionais, na indissociação ensino-pesquisa-extensão, na visão crítica da área, no desenvolvimento de

perspectivas inovadoras de investigação e na afetividade como o motor propulsor dessa engrenagem.

2 UM BREVE CURRÍCULO

A professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte (Figura 1) graduou-se em Ciência da Computação no ano de 1992, tornou-se Mestre em Ciência da Computação, em 1995, com o trabalho sobre “Configuração de Redes de Distribuição em Sistemas de Telecomunicação” e Doutora em Ciência da Informação, em 2005, com a tese sobre “Informação, comunicação e sociabilidade via Internet: um estudo das interações no ciberespaço entre membros do Movimento Escoteiro”. Todos os títulos foram obtidos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), instituição de ensino na qual a docente ingressou como Professora, no ano de 2006, para atuar junto ao Departamento de Teoria e Gestão da Informação da Escola de Ciência da Informação.

Figura 1 - Adriana Bogliolo



Fonte: Facebook da docente

Na esfera administrativa, Adriana coordenou o Centro de Extensão, foi chefe de Departamento por dois mandatos e Vice-Diretora da Escola de Ciência da Informação. No âmbito de pesquisa seus interesses perpassaram os temas Usuários da informação, Aspectos sociais e culturais da informação, Tecnologias e inclusão digital e Biblioteca escolar. Em função desses interesses, liderou o Grupo de Estudos em Práticas

Informacionais e Cultura (Epic) e integrou o Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (Gebe).

Considerando a última atualização do currículo Lattes da docente, em janeiro de 2018, é possível verificar sua produção acadêmica: em linhas gerais, foram 36 artigos publicados em periódicos, um livro publicado sobre o projeto de extensão coordenado por ela, sete capítulos de livros, 37 trabalhos completos publicados em eventos e quatro resumos. Adriana orientou 13 dissertações de mestrado e duas teses de doutorado, além de 18 trabalhos de conclusão de curso de graduação, oito monografias de especialização e 14 bolsistas em projetos de iniciação científica. No período de 2016 a 2017, a professora realizou estágio pós-doutoral na *Florida State University* (FSU), nos Estados Unidos, sobre temática relacionada à Biblioteca Escolar.

3 DA PEDAGOGIA CRIADORA

Os quantitativos acima demonstram uma produção que servem de parâmetro para os relatórios de desempenho acadêmico. Porém, não são suficientes para traduzir o desempenho de um professor em outros aspectos que conformam a prática docente. Para essa análise, considera-se que a referência deve se pautar, não no ramo da produtividade, mas em parâmetros que se situam no campo da Educação.

Paulo Freire, educador brasileiro de reconhecimento internacional, é um dos autores que bem traduzem essa dimensão da prática docente. O autor considera que o cotidiano do professor, que acontece tanto na sala de aula quanto fora dela, deve se basear em uma pedagogia fundamentada na ética e no respeito à dignidade, o que implica uma convivência amorosa com os alunos, dimensões que não são mensuráveis em relatórios estatísticos.

Edina Oliveira, ao prefaciar a obra de Freire (1996, p. 10), destaca as ideias deste autor de que uma prática pedagógica criadora, assim como os demais saberes, demanda do educador um exercício permanente:

A competência técnico científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à produção do conhecimento onde o medo do professor e o mito que se cria em torno da sua pessoa vão sendo desvalados.

Freire (1996) enxerga a prática docente enquanto dimensão social da formação humana e vê a solidariedade como uma das formas de promover e instaurar a “ética universal do ser humano”. O educador considera que a formação é muito mais do que simplesmente treinar o educando no desempenho de destrezas. Para ele, ensinar não é transferir conhecimentos, mas, sim, criar as possibilidades para sua produção ou construção.

Sobre a ética, Freire (1996) a aborda como uma “ética universal do ser humano”, ou seja, a ética como marca da natureza do homem enquanto sujeito e algo absolutamente indispensável à convivência humana. Para o autor, a melhor maneira de trazê-la na atuação docente é vivê-la na prática cotidiana e testemunhá-la no dia-a-dia com os educandos. Isso pode ocorrer no modo como os professores lidam com os conteúdos que ensinam e também no modo como citam autores de cuja obra discordam ou concordam. Para ele, o preparo científico do docente deve coincidir com sua retidão ética:

Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o mal-estar pessoal ou a antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde, mas perseverantemente nos dedicar.

É não só interessante, mas profundamente importante que os estudantes percebam as diferenças de compreensão, as posições às vezes antagônicas entre professores na apreciação dos problemas e no equacionamento de soluções. Mas é fundamental que percebam o respeito e a lealdade com que um professor analisa e critica as posturas dos outros. (FREIRE, 1996, p. 16-17)

Ao falar da prática docente tendo como princípio norteador uma pedagogia criadora, Freire (1996) demonstra que a educação pode ser algo diferente do que os modelos tradicionais preconizam e que se caracterizam como uma “educação bancária”. Nesta, a prática educativa apresenta uma característica imobilista, transferidora de conteúdos e que se opõe ao entendimento do autor de que em todo homem existe um ímpeto criador, sendo a educação mais autêntica quando desenvolve esse ímpeto ontológico de criar (FREIRE, 2016).

4 DA PRÁTICA DOCENTE TRANSFORMADORA

O entendimento de Paulo Freire sobre a docência vivenciada por meio de uma “pedagogia da autonomia” pode ser vislumbrado na prática docente de Adriana Bogliolo, o que nos leva a abordar sua atuação como professora e pesquisadora na vertente de uma “ação transformadora”. Essa identificação, na qual os princípios conceituais se alinham aos práticos, pode ser vista nas falas dos alunos da referida docente, oriundos do programa de pós-graduação em Ciência da Informação, da graduação em Biblioteconomia, bem como de seus colegas de Universidade.

Verifica-se que as características que Freire (1996) atribui a essa pedagogia, que são apresentadas num “plano conceitual”, podem ser visualizadas nas lembrançasⁱ que foram feitas pelos alunos da professora Adriana Bogliolo em evento realizado em fevereiro de 2019 na UFMG (Figura 2). Denominado “II Jornada em Práticas Informacionais”, o evento foi promovido pelo grupo de pesquisa Estudos em Práticas Informacionais e Cultura (Epic) como forma de homenagear a docente por ocasião do seu falecimento, em dezembro de 2018, e destacar sua relevante contribuição para o fortalecimento da Ciência da Informação.

Figura 2 - II Jornada



Fonte: Facebook

O evento, entretanto, constituiu-se mais do que um tributo à memória de uma grande professora; foi responsável também por demonstrar que a pedagogia pregada por Paulo Freire não se situa no nível de apenas mais um discurso, mas que se

personifica no trabalho daqueles que são realmente comprometidos com a educação no sentido de formação integral do indivíduo, como será demonstrado nos paralelos feitos a seguir:

- a) Ensinar exige rigorosidade metódica, diz Paulo Freire. Esse argumento se baseia no entendimento do autor da necessidade de uma aprendizagem crítica: “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 1996, p. 26).

Essa característica pode ser vislumbrada na atuação de Adriana, que tinha como marca o incentivo ao aprendizado de seus alunos não apenas no que se relacionava a conteúdos teóricos, mas no exercício de sua autonomia. Para Freire (1996, p. 26), a verdadeira aprendizagem pressupõe que os educandos “vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”.

O depoimento de Thaianne, aluna na graduação em Biblioteconomia, demonstra essa faceta da educadora:

O que ela contribuiu para o meu profissional hoje [...] o quão importante ela foi pra mim, porque desde que eu entrei para a biblioteconomia eu nunca gostei de biblioteca escolar [...] e eu falei com ela que queria fazer outra coisa na computação e ela olhava assim pra mim e dizia “bom, se você quer, por que não?” [...] Foi uma experiência sensacional.

Ela, por várias vezes, me deixou lecionar algumas aulas; tipo assim, ela tava lá e dizia “Thaianne, eu sei que você gosta disso, você quer falar?” Sabe, ela não precisava ter feito isso; ela não me jogou lá e disse “como monitora você se vira”. Não, ela fazia com carinho porque ela queria me dar oportunidade: [...] “Você pode ir mais além.”

No II Ciclo eu participei como apresentadora. No III Ciclo, como organizadora. Foi uma experiência sensacional que eu levo pra vida inteira.

- b) Ensinar exige pesquisa, diz Paulo Freire. Esse argumento se baseia no entendimento do autor de que por meio da pesquisa é possível conhecer o que não se conhece e anunciar uma novidade. Essa relação da pesquisa com o ensino, segundo Freire (1996, p. 29), se dá no sentido de que “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago”:

Fomos amadurecendo juntos o quadro de estudos de usuários [...] A contribuição dela muito forte é na parte metodológica, a precisão conceitual.

Em 2014 nós propusemos a criação do Epic [...] Nossa ideia foi firmar nesse compromisso da consolidação de um grupo de pesquisa. [...] Hoje nós temos um grupo de pesquisa que é composto por cinco professores da ECI, por seis pesquisadores doutores [...] temos um conjunto de doutorandos, de mestrados, que estão conosco acreditando numa maneira de construir pesquisa. Uma maneira que é inovadora, ela é ousada e ela prima, ela busca, ela é muito sintonizada com uma perspectiva de um referencial teórico com mais complexidade para capturar a complexidade dos fenômenos [...] Existe um reconhecimento do Epic no Brasil. [...] É um grupo de Minas Gerais [...] do qual fazem parte professores da Espanha, do Uruguai, da Argentina e da Colômbia.

Adriana, entre todas as contribuições que ela nos deu, eu destacaria o rigor [...] Ela preparava o terreno para que cada um pudesse ir lá e realizar sua pesquisa. [...] Uma coisa que ela deixou forte para o grupo foi a criação de categorias, a maneira como produzimos categorias de análises dos fenômenos que nós estudamos (Prof. Carlos Alberto).

- c) Ensinar exige risco e aceitação do novo. Nesse aspecto destacado por Paulo Freire (1996) é possível perceber uma característica de Adriana que compõe o seu perfil de pesquisador atento aos movimentos do mundo contemporâneo:

Ela estava sempre buscando coisas novas para trazer para os alunos. Essa discussão de práticas, ela e o Casal foram trazendo, e não foi uma coisa colocada pronta: a gente acompanhou, como aluno, como foi se desenvolvendo na Ciência da Informação.

Essa aproximação [aulas e bancas] fez com que a gente se tornasse parceiras, porque meu tema de pesquisa dentro do campo era um tema que trazia coisas novas. Eu procurei estudar a tomada de decisão organizacional vendo os aspectos subjetivos, mas utilizando pra isso uma dimensão simbólica. Então a Adriana acompanhou como eu desenvolvi minha pesquisa e, a partir de ver esse processo, ela passou a me convidar para apresentar aos alunos nas aulas [...] outras opções metodológicas, outras teorias que poderiam ajudar o campo a ser visto de uma forma mais abrangente. Não eram só questionários e entrevistas, mas havia outras formas de pesquisar. (Eliane Pawlowski)

- d) Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Segundo Freire (1996, p. 38), a grande tarefa do educador não é transferir, depositar ou oferecer ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a intelegibilidade das coisas, dos fatos e dos conceitos, mas desafiar o educando a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Para ele, “Não há intelegibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade”. Na prática acadêmica de Adriana essa característica pode ser percebida em vários momentos:

Ela me ensinou a descobrir o potencial que eu tinha dentro de mim. Ela tem o potencial de nos fazer acreditar. [...] A Adriana contribuiu sim para minha formação, me ensinou o que é ser uma profissional bibliotecária e pesquisadora com ética, responsabilidade, com rigor; acreditou em quem eu sou, acreditou que eu sou capaz. (Pamela)

Ela tem uma didática muito boa para te mostrar os caminhos. (Flávia)

Ela tinha ideias boas e ela era uma pessoa muito boa de trabalhar porque ao mesmo tempo em que ela tinha uma acolhida, ela era objetiva. [...] tenho muito a agradecer a ela pela acolhida, pelo trabalho conjunto. (Eliane Rocha)

- e) Ensinar exige alegria e esperança. Na prática de Freire, o envolvimento com a prática educativa (sabidamente política, moral, gnosiológica) jamais deixou de ser feito com alegria, o que não significa dizer que ele tenha invariavelmente podido criá-la nos educandos. Mas, estando preocupado com ela, enquanto clima ou atmosfera do espaço pedagógico, Freire nunca deixou de se empenhar em buscar e incentivar esse envolvimento (1996, p. 72).

Percebe-se nessa visão de Freire uma grande semelhança com a ação educativa de Adriana. É possível reconhecer nas duas a mesma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. Nas palavras de Freire (1996) a esperança de que professor e alunos juntos podem aprender, ensinar, inquietarem-se, produzir e juntos igualmente resistirem aos obstáculos à sua alegria. Em ambas as práticas, de Freire e de Bogliolo, percebe-se a certeza de que, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha, a esperança é parte constituinte da natureza humana:

O que eu acho que a gente deve guardar da Adriana é a alegria dela e a firmeza dela de lidar com situações as vezes muito difíceis (Profª Mônica Nassif).

Trabalhar com a Adriana era extremamente bacana. Era uma cumplicidade, era realmente trabalha junto [...] A gente trocava muita ideia. [...] Ela tinha uma disponibilidade de dividir: “olha, eu vi isso lá e isso serve pra gente”. (Raquel)

O quanto ela era iluminada, colorida, jovial, generosa, [tinha] essa qualidade do diálogo, do ouvir. [...] postura, alegria, generosidade, seriedade. (Profª Marília)

- f) Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade. Paulo Freire (1996) considera que a segurança com que a autoridade docente se move fundamenta-se na sua competência profissional. Contudo, para Freire (1996), a prática democrática do docente não é determinada apenas pela competência

científica, mas alia-se à generosidade na medida em que não há nada que inferiorize mais a autoridade do que a arrogância e a mesquinhez no comportamento. Esses atributos de Adriana, que aliam competência e generosidade, podem ser percebidos nas seguintes falas:

O que ela tinha de melhor era a generosidade e acreditar nas pessoas. [...] Em nenhum momento ela deixava de acreditar nos alunos que estavam ali com ela. Ela acreditou que eu daria conta [...], fica minha gratidão (Ruleandson)

As primeiras impressões da Adriana foram de acolhimento, de uma pessoa afetiva, de uma pessoa generosa, de uma profissional super competente eu não tenho palavras o quanto a Adriana me inspirava como professora, como mulher, como pessoa. (Pamela)

Se tem uma coisa que é zero na Adriana é arrogância. (Prof^ª Marília)

g) Ensinar exige comprometimento. Para Freire (1996) não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse com o docente. Desta forma ele entende que uma das preocupações centrais deve ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o discurso e a ação, entre o que se parece ser e o que realmente se é de verdade. Ensinar exige, portanto, na visão desse educador, a corporificação das palavras pelo exemplo. Nesta vertente de observação, percebe-se que a preocupação de Adriana na formação de seus alunos e orientandos não era fruto de um discurso teórico, mas era perceptível pelo seu comprometimento com o desempenho destes:

Pra mim a contribuição mais importante da Adriana é a questão da formação do pesquisador. Ela tinha um extremo cuidado, uma extrema dedicação nesse processo de orientação, que não era simplesmente uma orientação, era a formação de um pesquisador.[...] A Adriana não tinha só esse lado de dar um apoio emocional, psicológico, mas desde o início ela ia ensinando mesmo, formando pesquisadores, ensinando cada etapa, passo a passo, os mínimos detalhes de como fazer uma pesquisa bem feita. [...] A gente buscou junto, a gente construiu junto[...] ela estava ali junto comigo e foi o que deu segurança de que a gente está fazendo um trabalho bem feito. E isso tudo ela fazia com empatia, com extrema sensibilidade e integridade. (Tatiane)

Pra mim a Adriana é um exemplo completo de mulher, de pessoa, de profissional. Incentivo e inspiração. Eu relaciono porque eu cresci em um ambiente muito árido na minha família [...] e ela nunca perdeu uma oportunidade de “encher minha bola”[...] ajudou muito a mudar a visão que eu tenho de mim. Ela sempre respeitou a autonomia do meu trabalho [...] eu construí minha narrativa, ela foi só me direcionando com todo carinho, com toda paciência. Ela me ajudou a diferenciar críticas construtivas de destrutivas. (Maria Amorim)

- h) Ensinar exige saber escutar. O educador que escuta, segundo Freire (1996) aprende a difícil lição de transformar o seu discurso em uma fala, não *ao* aluno, mas *com* o aluno. Essa atitude implica, segundo ele, apoiar o educando para que ele vença suas dificuldades na compreensão do objeto e para que sua curiosidade, compensada e gratificada pelo êxito da compreensão alcançada, seja mantida e, assim, estimulada a continuar a busca permanente que o processo de conhecer implica. É neste sentido que o autor considera que se impõe “*escutar* o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar *com* ele” (FREIRE, 1996, p.119).

*Comecei a conversar com a Adriana e ela foi muito pronta a me ajudar a trabalhar esse conceito de ação cultural e levar para o carro biblioteca. Nesse primeiro momento eu ainda não tinha nenhuma experiência de pesquisa, não tinha noção nenhuma, não sabia nem o que era escrever um objetivo de pesquisa, no começo da minha graduação, e a Adriana foi totalmente paciente para me explicar todo um processo de pesquisa, como funciona, metodologia, [...] e eu me lembro que ela estava sempre disponível na sala dela para conversar, sempre.
(Pamela)*

- i) Para Freire (1996) ensinar exige querer bem aos educandos. Ele propunha que nada haveria que ser dito e nem nada se poderia esperar de um professor que não fosse tomado por outro tipo de saber: o saber de precisar estar aberto ao gosto de querer bem e, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa da qual ele participava. Esta abertura ao querer bem não significava que, por ser professor, o mestre deveria se obrigar a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significava, para ele, que a afetividade não deveria assustar, que o professor não deveria ter medo de expressá-la.

Percebe-se na prática preconizada por Freire e a exercida por Adriana a mesma abertura ao querer bem como uma forma de, autenticamente, selar um compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Uma forma de, na visão do autor, descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e efetividade. Para ambos não era certo, sobretudo do ponto de vista democrático, dizer que quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” o professor se põe nas suas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que deveria ensinar, melhor esse professor seria. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade no “pensar freiriano” e na

prática de Adriana. No entanto, percebia-se em ambos, o cuidado para que a afetividade não interferisse no cumprimento ético dos seus deveres como professores no exercício de sua autoridade; com o não condicionamento da avaliação do seu trabalho acadêmico ao maior ou menor bem querer que se tenha por ele. Essa dupla preocupação resulta, por outro lado, na necessidade que Bogliolo tinha de, como Freire, reafirmar a necessidade de não se pensar que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindia da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. Para ambos, a prática educativa era um misto de afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança e uma espécie de *pharmakon* contra o que Freire chamava de permanência do hoje.

Esta característica talvez seja uma das marcas mais fortes de Adriana. Em vários relatos, seja de alunos, orientandos ou de seus colegas de Universidade, é visível o carinho da docente, que é expresso em diferenciadas situações:

Eu entrei em um processo de adoecimento muito grande e ela foi a pessoa que me acolheu. Ela foi a profissional, a professora e a amiga que ligou pra me dizer “tá tudo bem, calma; tudo vai dar certo”. Já teve dias de eu chegar na faculdade e eu corria pra sala dela porque eu não conseguia ir mais para nenhum lugar. E eu me lembro que Adriana me recebia, fechava a porta e por horas ela me ouvia, me abraçava e eu posso dizer que muito da conclusão da minha graduação e do meu mestrado tem muito da parceria, do acolhimento e da amizade da Adriana. (Pamela)

Ela me acolheu, principalmente no final da pesquisa [...] meu problema de saúde, isso me influenciou muito porque eu achei que não fosse dar conta de terminar a pesquisa. E ela me acolheu, me deu força e disse que eu ia dar conta sim, que eu ia conseguir (Andreza)

Ela não abria apenas a porta do gabinete, mas da casa dela também pra gente. (Janicy)

Os excertos apresentados, referentes às falas das pessoas que conviveram com Adriana, possibilitaram fazer uma associação entre conceito de professor defendido por Paulo Freire (1980) e a trajetória da docente, e demonstraram que não há um sujeito que ensina e um que aprende, mas sim dois sujeitos que pensam em conjunto e que aprendem um com o outro. Acredita-se que essa relação de confiança e cumplicidade é potencializada porque há um diálogo da razão com a emoção que é alimentado por um simbolismo presente na imagem do professor.

Os símbolos constituem-se como uma “categoria invisível” e, conforme mencionam Chevalier e Geerbrant (1998), representam um microcosmos, um mundo total que permite concentrar, sobre uma realidade de partida, todas as forças evocadas em todos os planos do cosmos e em todos os níveis de consciência. Segundo os autores, o símbolo é um instrumento de compreensão que conduz às mais profundas dimensões e que tem uma capacidade simultânea de introdução, tanto no cerne individual, quanto no social. Nessa dimensão de análise cabe ressaltar a fala de Jung (1977), um dos autores que destacou a existência de aspectos inconscientes na percepção da realidade de que

[...]quando nossos sentidos reagem a fenômenos reais, as sensações visuais e auditivas, tudo isto, de certo modo, é transposto da esfera da realidade para a da mente. Dentro da mente esses fenômenos tornam-se acontecimentos psíquicos cuja natureza extrema nos é desconhecida[...]. Assim, toda experiência contém um número indefinido de fatores desconhecidos, sem considerar o fato de que toda realidade concreta sempre tem alguns aspectos que ignoramos desde que não conhecemos a natureza extrema da matéria em si. (JUNG, 1977, p. 23)

Percebe-se, assim, que as relações entre professor e aluno, compostas por um emaranhado de relações e afetos, são tecidos tendo uma base que pode se situar, não em um nível consciente, mas como cita Araújo (2018) em suas pesquisas, em imagens oriundas de um imaginário coletivo.

5 ASPECTOS SIMBÓLICOS DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Os modelos exemplares que regem psicologicamente as relações humanas e que parecem transcender história e culturas são frequentemente denominados arquétipos (JUNG, 2000, DURAND, 1997). Como uma tendência estruturadora da experiência humana calcada basicamente nas emoções e na forma como simbolizamos as relações entre os seres humanos e o universo (incluindo a relações dos seres humanos uns com os outros), os arquétipos guardam em si polaridades. Mais que isso, os arquétipos guardam possibilidades: podem ser boas, más ou, mais comumente, situarem-se em algum lugar da infinidade de possibilidades situadas entre os extremos “bom-mau” dessa polaridade mais ampla. Podem, inclusive, ser frequentemente o substrato através do qual se constelam representações mentais multiunívocas que reúnem e buscam

interlocução entre duas ou mais posições antagônicas de difícil conciliação: os símbolos, já mencionados anteriormente (JUNG, 1986).

A prática docente da professora Adriana, em sua estreita relação com as ideias preconizadas por Paulo Freire para uma prática pedagógica plena, parece remeter, simbolicamente, a um dos aspectos essenciais para a transposição da prática da docente de um modelo tradicional alinhado com um dos extremos da polaridade arquetípica professor-aluno, para outro modelo menos conservador mais afinado com as necessidades da contemporaneidade. Uma passagem de um modelo calcado nas oposições Eu-Outro, agente-receptor ou ativo-passivo (BYINGTON, 1996) – onde o professor se identifica somente com o polo daquele que sabe e identifica o aluno com o polo daquele que deve “receber” o conhecimento e que implica no reforçamento de uma fantasia, bastante comum na sociedade contemporânea, segundo a qual o bom professor deve transferir o seu conhecimento para os seus estudantes e ir, gradualmente, preenchendo-os com seu conhecimento – para uma postura “suficientemente boa” (WINNICOTT, 1953; SAMUELS, 2002; QUEIROZ e PAULA, 2017).

Nessa nova postura, o professor – ciente da impossibilidade da idealizada “transferência de conhecimento”, impõe, gradualmente, um desapontamento sistemático ao aluno diante dessas expectativas quase “mágicas” e promove a sua substituição por uma avaliação mais real do processo de ensino-aprendizagem. Nessa avaliação mais realística, o desapontamento inevitável do aluno com as capacidades “transcendentais” de o professor lhe transferir conhecimento acaba abrindo espaço para um novo percurso de aprendizagem que se situa a meio caminho entre a dependência de antes e a autonomia futura. Essa nova postura, ao falar à experiência das pessoas, mostra ao aluno a possibilidade dele crescer ocupando os espaços deixados em aberto pelo seu professor – agora visto não como um repositório de todo o saber, mas como um interagente no processo de construção de conhecimento que tem características particulares. Dentre essas características está o lugar de tutor que ele ocupa (simultaneamente: facilitador, incentivador e avaliador), sua afetividade e, inevitavelmente, a sua falibilidade. Será exatamente essa falibilidade que tornará possível a esse aluno prosperar como uma entidade criativa e não apenas como um mero reproduzidor dos modelos que anteriormente lhe foram apresentados.

As vantagens dessa postura são evidenciadas nos estudos de Queiroz e Paula (2017) e Sá e Paula (2017), onde em duas situações completamente diversas, é demonstrado que a relação docente-discente culmina, muitas vezes, no estabelecimento de uma relação duradoura de colaboração que ultrapassa a dimensão formal e se prolonga pela vida toda através de um profundo vínculo emocional entre eles. Em ambos os casos é sugerido que essa relação de vínculo estabelecida seja responsável por alimentar um substrato imaginário que virá a ser parte constituinte não somente dessa relação, mas das identidades das pessoas nela envolvidas.

Em outras palavras, ainda remetendo a Queiroz e Paula (2017) e Sá e Paula (2017), quando a relação se horizontaliza e o professor se torna próximo, será exatamente por causa da proximidade dessa relação, que ocorrerá o processo de “desidealizá-lo”. O aluno passa a reconhecer esse professor como um modelo humanizado e é esse movimento que torna possível uma “passagem do bastão”. Nessa passagem o aluno encontraria espaço para crescer psicologicamente, amadurecer a ponto de, no futuro, sentir-se apto e capaz o suficiente para ocupar um lugar semelhante ao assumido pelo seu preceptor e buscar ele próprio, novas formas de contribuir para a sociedade.

Será um desdobramento particular do impacto dessa vinculação simbólico-afetiva pela via do imaginário – não somente com as pessoas, mas com a própria ciência – na prática docente e na pesquisa da professora Adriana que será alvo de reflexão no próximo tópico.

6 ESPIRITO CIENTÍFICO E IMAGINAÇÃO CRIADORA

Existiriam inúmeros caminhos para se buscar a relação entre o imaginário e a ciência. Talvez o mais próximo do discurso acadêmico seja o mais singular de todos, o de um professor de ciências: Gaston Bachelard. Contam que, certa vez, Bachelard ouviu um estudante remeter-se ao seu modo de lecionar tanto a ciência quanto a filosofia como oriundas de um “universo pasteurizado”. Sobre essa passagem Bachelard, numa espécie de autocrítica, citada por Quilet (1970, p. 21) *apud* Japiassu (1976, p.86), iria comentar:

Foi como uma iluminação para mim. Era isso: um homem não poderia ser feliz num mundo esterilizado; era-me necessário introduzir nele certos micróbios para restituir-lhe a vida. Corri em direção aos poetas e ingressei na escola da imaginação.

Pode-se dizer que, ao ser confrontado por seu estudante, o autor viu constelar-se a sua frente o resultado de um longo período de reflexão que, nos dizeres de Barreto (2016), contrabalançou “os efeitos da organização racional-instrumental do mundo” com gênese uma singular teoria da imaginação que pode ser mais bem descrita a partir da noção de imaginação criadora. É a partir de uma breve leitura da interação desse conceito com a noção clássica bachelardiana de formação do espírito científico que se pretende delinear uma última leitura sobre os comentários sobre a vida e a obra da professora Adriana apresentados até aqui.

Sem medo de cometer uma heresia, poder-se-ia, dizer que a passagem feita pela professora Adriana da graduação e do mestrado em Ciência da Computação para a Ciência da Informação em sua vertente mais ligada à cultura tem notas bachelardianas. Como uma espécie de confirmação dessas notas, está o fato de que a entrada da professora em sua escola de eleição tenha se dado através de pesquisas e docência ligadas a disciplinas que poderiam ter seus títulos reunidos sobre um grande guarda-chuva chamado “Necessidades e usos da informação”. É sintomático dos tempos atuais de “hiperespecialização” que esse seja o último bastião em que a Psicologia – disciplina que em última instância é a que mais coloca em relevância a humanidade dos sujeitos informacionais e que foi reconhecida e apontada por diversos teóricos como uma área interdisciplinar à Ciência da Informação – ainda apareça e seja seriamente considerada (sobre essa questão ver Pinheiro, 2002). E é ilustrativo que tenha sido exatamente essa subárea que tenha capturado a atenção da jovem professora em sua transposição seu curso de formação para o curso em que viria a lecionar.

Essa passagem, que foi marcada desde o início pelo apreço da professora pelas humanidades e pelo mundo das artes – e que a conduziu, inclusive, ao estudo das artes cênicas e a atuação no palco (experiências não mencionados em seu Currículo Lattes) – parece remeter a uma busca de um caminho, nas humanidades e nas artes que permitisse ir além não somente do tecnicismo que ela enxergava na Ciência da Computação, mas também da tendência, ainda presente em alguns estudos na área da Ciência da Informação, de “repetir as abordagens convencionais em pesquisas de comportamento [...] informacional [...] num viés nomotético.” (PAULA, 2012). A professora Adriana sempre foi um agente neguentrópico que se rebelou contra uma

visão da Ciência da Informação que se preocupa mais com o estabelecimento de leis ou com o estudo de eventos recorrentes do que com a compreensão daqueles que se tornaram o centro maior dos seus interesses: os sujeitos informacionais. Não é de se espantar que o leitor atento encontre na história da professora o mesmo prazer de render-se aos resultados de se deixar permear pela interação com seus estudantes que foi expressa, em tons diferentes, tanto por Paulo Freire como por Gaston Bachelard.

No trabalho acadêmico e na prática pedagógica cheios de inspiração da professora Adriana fica evidente a resultante de uma rica convergência de posturas sobre sua prática acadêmica. A convergência de uma consciência aberta a um sentimento de infinitude e de uma postura que constata que existem significados no fazer científico e pedagógico que estão para além do que as palavras podem transmitir por completo imprimiu uma dinâmica muito mais rica à produção do conhecimento e à formação de pesquisadores sob sua tutela.

Para Bachelard (BARRETO, 2016), a prática efetiva da ciência deve ter prioridade sobre as construções epistemológicas que tentam compreendê-la, mantendo-se ao lado da produção científica e não lhe impondo ou prescrevendo-lhe condições e limites. A solução radical de Bachelard foi apontar o papel dominante que a imaginação tem sobre o conhecimento e o discurso científico. Para o autor havia um “paradoxo das imagens” nas ciências. As imagens seriam o ponto de partida do pensamento científico e necessárias à evolução deste. As imagens, por fazerem parte da própria estrutura da mente humana, de seu funcionamento elementar, gozariam de uma anterioridade psíquica sobre as ideias. Segundo Bachelard, se por um lado, as imagens estariam na origem do conhecimento científico como um elemento deflagrador da sua intenção; por outro, o pesquisador deveria acautelar-se com a intromissão indébita das imagens no discurso científico. Para o autor, a imaginação humana alimenta dois irmãos inimigos: o sonho e a teoria.

Conforme nos demonstra Barreto (2016), ao mesmo tempo em que a imaginação produz imagens poéticas que instigam a descoberta e os voos da imaginação que lançam o humano à indagação dos “comos” e os “porquês” de si mesmo e do universo que o envolve, também produz seduções imaginárias que falseiam as inferências científicas. Pelo fato de poesia e ciência desenvolverem-se segundo vetores opostos, a adesão acrítica às impressões primitivas das adesões simpáticas imaginárias coloca em perigo a objetividade do conhecimento científico. Diante da impossibilidade das antigas

condições de devaneio serem eliminadas, tornar-se-ia fundamental saber distinguir entre o imaginário simbólico, afetivo e ardente que é fonte de inspiração e beleza poética que podem fazer brotar um tratado científico, de um segundo imaginário que é fonte de extravio e ilusão para o espírito científico. Em outras palavras, distinguir entre o fogo que foi “descoberto em nós antes de ter sido arrancado do céu” (BACHELARD, 1989, p. 38) e o fogo da explicação racionalista segundo a qual os nossos ancestrais pré-históricos descobriram o fogo ao observar que os incêndios nas florestas durante o verão eram resultado da fricção espontânea dos ramos secos movidos pelo vento. Para Bachelard, se esse fenômeno

[...] houvesse sido observado com toda ingenuidade, nunca se teria pensado numa fricção, mas num choque; ninguém descobriria nada que pudesse sugerir um fenômeno lento, preparado, progressivo, como essa fricção que leva à inflamação da madeira. Chegamos, portanto a esta conclusão crítica: nenhuma das práticas alicerçadas na fricção, usadas pelos povos primitivos com o fim de produzir fogo, pode ter sido sugerida por um fenômeno natural (BACHELARD, 1989, p. 42).

Essa leitura comporta uma dupla chave: a primeira nos alerta para o fato de que certos produtos da imaginação podem se converter em falsidade ao generalizar um princípio e estender a perspectiva científica para além das suas fronteiras legítimas; a segunda nos introduz a noção de que, na impossibilidade da descoberta da fricção como indutora do fogo ser resultado da mera observação, talvez possa ser postulado que a autonomia do imaginário, ao reunir percepções não reconhecidas (por assim dizer, inconscientes), possa resultar numa inspiração para determinação de uma ação objetiva – no caso apresentado, friccionar dois gravetos para, do atrito entre eles, obter calor e, conseqüentemente, fogo.

Finalizando, após essa rápida digressão, é relevante destacar a afinada abertura da professora Adriana a esses princípios organizadores que não somente dão consistência ao espírito poético, mas também oferecem inspiração, originalidade, autenticidade, coerência e consistência à investigação científica. Ela sempre se esforçou para incentivar a ousadia criativa e a originalidade de seus alunos; paralelamente, ela sempre foi uma crítica atenta das inconsistências lógicas presentes no discurso das ciências e dos obstáculos epistemológicos que uma abordagem rasa do método científico imprimia a muitos dos estudos desenvolvidos na Ciência da Informação.

7 CONCLUSÃO

Paulo Freire fala do professor ideal, do ensino com autonomia, do espírito crítico e de uma pedagogia criadora. Mas não fala disso como algo utópico ou como uma tarefa a ser exercida por uma pessoa dotada de superpoderes. O educador considera nessa análise que o professor é um indivíduo como os outros, “gente, como a gente” e isso é um fator importante:

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta as influências das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. (FREIRE, 1996, p. 53)

Pelo que foi exposto até aqui, é possível reconhecer esse “gosto por ser gente” como uma abertura ao “suficientemente bom” e ao experienciar em profundidade as nuances da vivência simbólica da relação professor-aluno – com todo o impacto dessa relação na formação de futuros pesquisadores e docentes. E neste trajeto em que se desenvolve a docência cabe destacar a fala de Rubem Alves de que o exercício do ensinar, no contexto de que aprendemos também para a vida, é um exercício de imortalidade: “De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais.”

Talvez essa seja a melhor forma de alcançar a imortalidade. Adriana continuará viva nas memórias, nas histórias, nos corações e no legado que deixa para todos que conviveram com ela e todos aqueles que, mesmo sem a ter conhecido, se beneficiarão das sementes que ela plantou ao longo de sua trajetória:

Ela certamente cumpriu com nós todos a missão. Ela esteve conosco o tempo todo. Nas relações que nós tivemos com ela acadêmicas, algumas mais pessoais, ela sempre estava ali. (Prof^a Marília)

Ela mudou a minha vida. (Janicy)

Na verdade, ela foi uma fada madrinha para todos nós. (Thaiane)

Em mim não fica a tristeza, fica a gratidão. (Ruleandson)

Isso é a Adriana: afetividade, alegria, uma competência muito grande e domínio técnico, visando sempre a mudança. [...] Ela fazia tudo com amor. (Eliane Pawlowski)

A Adriana está presente. Eu acho que ela está presente pra [sic] todos nós por uma diferença. Todo mundo fez uma fala pessoal por essa diferença. Adriana era amiga e amizade se faz com duas pessoas. Amar a gente consegue amar sem ser correspondido; a gente consegue ser apaixonado sem que a pessoa seja apaixonada de volta. Agora não tem jeito de ser amigo sem ter correspondência. (Prof. Claudio)

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Eliane Pawlowski O. A dimensão simbólica como perspectiva heurística: possibilidades do uso do imaginário em investigações sobre o fenômeno infocomunicacional. *In: XI Encuentro de la Asociación de la Universidad de Antioquia* - XI EDICIC, Medellín. 2018.
- BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. Lisboa: Litoral Edições, 1989.
- BARRETO, Marco Heleno. **A imaginação criadora na estética de Gaston Bachelard**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- BYINGTON, Carlos, A. B. **Pedagogia simbólica: a construção amorosa do conhecimento do ser**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1996.
- CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 37. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2016
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 44. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- JAPIASSU, H. **Para ler Bachelard**, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976
- JUNG, Carl Gustav. O arquétipo com referência especial ao conceito de anima. *In: Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (volume IX/I das obras coligidas). Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação** (volume V das obras coligidas). Petrópolis: Vozes, 1986.
- JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- PAULA, Claudio Paixão Anastácio. Proposta de metodologia para a investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo uma abordagem clínica na informação. **Anais do XIII ENANCIB**. Rio de Janeiro, 2012.
- PINHEIRO, Lena Vânia R. **Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: IBICT/MCT, 2002.
- QUEIROZ, Tatiana Pereira.; PAULA, Claudio Paixão Anastácio. A força do imaginário:

apego, vínculo e identidade acadêmica como potencializadores da relação com os egressos. **Prisma.com, Especial (Informação e Imaginário)**, n. 34, 2017, p. 84-104.

QUILET, P. **Bachelard**, Paris: Seghers, 1970

SÁ, Rosilene Moreira Coelho; PAULA, Claudio Paixão Anastácio. Compartilhamento de conhecimento na orientação acadêmica: a perspectiva de orientadores. **Prisma.com**,

Especial (Informação e Imaginário), n. 34, 2017, p. 105-126.

SAMUELS, A. **A política no divã**. São Paulo: Summus, 2002.

WINNICOTT, Donald. Transitional objects and transitional phenomena. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 34, n. 2, p. 89-97, 1953.

¹As citações feitas nesse artigo referentes aos depoimentos dos alunos estão disponíveis na página do EPIC no Facebook - <https://www.facebook.com/epicufmg/> - em vídeos postados no dia 25 de fevereiro de 2019.



ORIENTAÇÃO ACADÊMICA COMO ESPAÇO DE INTEGRAÇÃO INTELLECTUAL, SOCIAL E AFETIVA

ACADEMIC SUPERVISION AS A SPACE FOR INTELLECTUAL, SOCIAL AND AFFECTIVE INTEGRATION

Tatiane Krempser Gandra¹ 

Janicy Aparecida Pereira Rocha² 

¹ Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Analista de Gestão - Bibliotecária da Diretoria de Educação Escolar e Assistência Social da Polícia Militar de Minas Gerais.


E-mail: tatikrempser@gmail.com

² Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora no Instituto de Gestão e Tecnologia da Informação (IGTI).

E-mail: janicy.rocha@gmail.com



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: A autora declara que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Não se aplica.

Recebido em: 18/04/2019.

Revisado em: 02/05/2019.

Aceito em: 09/05/2019.

Como citar este artigo:

GANDRA, Tatiane Krempser; ROCHA, Janicy Aparecida Pereira. Orientação acadêmica como espaço de integração intelectual, social e afetiva.

Informação em Pauta, Fortaleza, v. 4, n.

especial, p. 83-100, maio 2019. DOI:

<https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v4iEspecial.2019.41208.83-100>

RESUMO

O presente artigo objetiva rememorar características da orientadora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte conforme a percepção de suas orientandas. Para tanto, intercala elementos da literatura acerca da relação orientando-orientador com a narrativa de sete de suas orientandas, em nível de mestrado e doutorado. A narrativa se divide em três instâncias que se integram, a saber: (a) esfera intelectual, que centra-se nas contribuições epistemológicas da docente nas atividades da pós-graduação e no desenvolvimento da pesquisa; (b) esfera social, compreendida como uma ampliação do processo de orientação, estendendo-se à formação profissional dos discentes e percebendo o orientador como um mentor; (c) esfera afetiva, que aborda as diversas formas de suporte emocional que o orientador pode oferecer ao discente, guiando-o em sua vivência acadêmica. Os relatos evidenciam o extenso suporte oferecido pela orientadora Adriana ao longo de todo o processo de formação de mestres e/ou doutores por ela orientados. Muitas vezes, tal relação configurou-se como uma verdadeira parceria que se estendia, inclusive, para além da jornada acadêmica.

Palavras-chave: Relação orientando-orientador. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte. Narrativa. Pós-graduação.

ABSTRACT

This paper aims to recall the supervisor's characteristics of Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, according to the perception of her students. It interweaves elements of literature about the supervisor-student relationship with the narrative of seven postgraduate students. The narrative is divided in three instances that are integrated, namely: (a) intellectual sphere, that

focuses on the epistemological contributions of the teacher in the activities of the postgraduate and in the development of the research; (b) social sphere, understood as an extension of the orientation process, extending to the professional formation of the students and perceiving the supervisor as a mentor; (c) affective sphere, refers to many forms of emotional support that the postgraduate supervisor can offer to student, guiding him in his

academic experience. The reports show the extensive support offered by Adriana throughout the entire process of masters or doctors formation. Often, such relationship became a true partnership that extended even beyond the academic journey.

Keywords: Supervisor-student relationship. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte. Narrative. Postgraduate studies.

1 INTRODUÇÃO

Embora cotidiana, a atividade de orientação na pós-graduação é permeada por desafios diversos, alguns deles oriundos do tipo de relação estabelecida entre orientandos e orientadores. Orientar é um processo complexo e multidimensional que, nos dizeres de Sá (2015), contempla desafios didáticos-pedagógicos e dialógicos-afetivos. Desempenhar o papel de orientando também é um processo árduo e passional que envolve a construção de identidade e carreira do pós-graduando (JOHANSSON et al., 2014), levando-o a experimentar angústias e incertezas diversas durante o desenvolvimento de sua pesquisa.

Desafios enfrentados por orientandos e orientadores durante essa convivência são distintos e possuem motivações diversas. Todavia, superá-los demanda compromisso substancial de ambos. Articular expectativas distintas, cumprir prazos e definir limites e atribuições de ambos são algumas situações que podem resultar em conflitos ou, se bem administradas, em crescimento profissional e pessoal para ambos .

Ainda que a literatura sobre a relação orientando-orientador indique não haver uma fórmula para sua construção, dois aspectos são fundamentais (ABIDDIN; HASSAN; AHMAD, 2006). Um deles refere-se à orientação como um processo aberto à negociação e à mudança, quando o orientador assume o papel de guia. O outro aspecto diz respeito à diligência do orientador em explicitar, em conjunto com o orientando, expectativas, responsabilidades e regras para as interações relativas ao processo de orientação. Isso é fundamental para que problemas éticos, técnicos, metodológicos e pessoais sejam minimizados, ou até mesmo evitados.

Similaridades e dissimilaridades das características comportamentais e cognitivas dos envolvidos na referida relação também são apontadas por Machado, Tonin e Clemente (2018) como fatores cruciais para seu sucesso ou insucesso. Ainda que determinantes

para a configuração do relacionamento que se estabelece nesse período, tais características, se bem administradas, podem convergir em confiança e respeito mútuos.

A relação orientando-orientador não é pautada apenas por atividades relativas à produção de um trabalho acadêmico em formato de dissertação ou tese. De forma complementar, o processo de orientação visa, também, a transformação do então estudante em um pesquisador independente e, na maioria das vezes, em docente e futuro orientador. Assim, ainda que entendida como uma “intervenção formal” (LIDÉN; OHLIN; BRODIN, 2013) oferecida aos pós-graduandos pela universidade, a orientação, eventualmente, extrapola esse formalismo intelectual. Exceções à parte, nesse percurso os orientadores podem se tornar mentores de seus orientandos; figuras de referência com as quais vínculos sociais e afetivos duradouros são estabelecidos e perduram para além da integração intelectual.

O intuito desse artigo é discutir a relação orientando-orientador como um espaço de integração intelectual, social e afetiva. Para tal, aborda a referida relação, narrada do ponto de vista de sete orientandas da professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte (1970-2018), nos níveis de mestrado e doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCI/UFMG). Dessas orientandas, duas são as autoras. As demais, selecionadas conforme critério de acessibilidade, compartilharam suas experiências narrando fatos marcantes da relação construída com Adriana.

Objetivamos, com isso, rememorar e registrar características da orientadora Adriana, conforme a percepção de suas orientandas. Para tanto, iniciamos com uma breve apresentação de sua formação e trajetória acadêmica. Em seguida, apresentamos trechos das narrativas coletadas com as cinco participantes, intercalados com relatos de nossas próprias experiências, quando orientadas por Adriana.

2 FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA ACADÊMICA: UMA CIENTISTA DA COMPUTAÇÃO QUE SE ENCANTOU PELA BIBLIOTECA ESCOLAR

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte graduou-se em Ciência da Computação em 1992 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nessa mesma instituição, concluiu o mestrado em Ciência da Computação em 1995 e o doutorado em Ciência da Informação

em 2005. Tão logo concluiu o mestrado, lecionou em cursos de graduação da área de Ciência da Computação em universidades privadas mineiras.

No entanto, escolheu a Ciência da Informação para se estabelecer como docente e pesquisadora, sempre reafirmando a alegria dessa escolha. Aprovada em concurso para o Departamento de Teoria e Gestão da Informação (DTGI) da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG), iniciou suas atividades em 2006. Desde então, lecionou diversas disciplinas em cursos de graduação e pós-graduação na referida instituição, atuou em projetos de extensão e coordenou o departamento ao qual esteve vinculada.

Como pesquisadora, participou ativamente da formação de pessoal, orientando projetos de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso de graduação e especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Também atuou como coorientadora e participou de diversas bancas de qualificação e defesa, tanto na UFMG quanto em outras instituições. De forma geral, esses trabalhos relacionam-se à subárea de Estudos de Usuários da Informação e similares.

Nos últimos anos, também agregou a Biblioteca Escolar a seus interesses de pesquisa, inclusive fazendo um pós-doutorado na Florida State University entre 2016 e 2017, período no qual iniciou o projeto “Possibilidades curriculares para a Biblioteconomia Escolar”. Além de um acervo maravilhoso, em um espaço maravilhoso, para atender o público infanto-juvenil, a Biblioteca Escolar dos seus sonhos “... não é o lugar do silêncio, não é o lugar da introspecção: é o lugar do barulho, é o lugar do estímulo à curiosidade e é o lugar do relacionamento!”ⁱ.

Também liderou o Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE)ⁱⁱ. Líder do grupo de pesquisa “Estudos em Práticas Informacionais e Cultura” (EPIC)ⁱⁱⁱ, desde sua criação em 2013, o conduziu com dedicação e proatividade. Ao finalizar o pós-doutorado e retornar ao Brasil, foi eleita vice-diretora da ECI/UFMG, cargo exercido por um curto período de tempo devido ao seu adoecimento.

3 A JORNADA DA ORIENTAÇÃO: RELAÇÕES DE PARCERIA E COAPRENDIZAGEM

Não há, na literatura, consenso acerca da definição do papel e das atribuições de um orientador de pós-graduação. A temática, aliás, é ainda pouco explorada, assim como

são poucos os estudos que investigam a interação entre orientadores e orientandos (LEITE FILHO; MARTINS, 2006; MACHADO, 2012; COSTA; SOUSA; SILVA, 2014). Ademais, os papéis e as atribuições na referida relação assumem diferentes características conforme o país, a área de conhecimento e a cultura institucional à qual ambos, orientando e orientador, estão vinculados.

Assim como em qualquer relação interpessoal, inúmeras outras dimensões perpassam o processo de orientação, não apenas no âmbito intelectual, mas também no social e no afetivo. Resultados de uma pesquisa conduzida por Johansson e outros (2014) indicam, inclusive, que importante parte do processo de orientação está ligada à gestão emocional do relacionamento orientando-orientador. Em consonância com essa perspectiva, Costa, Sousa e Silva (2014) argumentam que a orientação é uma atividade especializada do trabalho docente e, assim como ele,

[...] envolve um conjunto de elementos que se inter-relacionam: contexto sócio-histórico particular, sistema educacional, sistema de ensino, professor, objeto de ensino, “outros” (colegas de trabalho, alunos...) e artefatos simbólicos ou materiais. (COSTA; SOUSA; SILVA, 2014, p. 827).

As narrativas das orientandas de Adriana indicam que suas relações perpassaram pelas diferentes dimensões dos relacionamentos interpessoais e, por isso, são subdivididas em três eixos: intelectual, social e afetivo. No entanto, esses eixos se integram e, muitas vezes, são vivenciados de modo indissociável.

3.1 Esfera intelectual

A esfera intelectual, de acordo com Halse e Malfroy (2010), refere-se aos saberes teóricos, metodológicos e epistemológicos, oferecidos pelo orientador. Cabe a ele definir, junto ao discente, o planejamento da pesquisa, auxiliando na elaboração do plano de trabalho durante o percurso acadêmico, bem como contribuir para a formação do orientando.

Como orientadora, Adriana acompanhava seus orientandos, fossem eles de iniciação científica, mestrado ou doutorado, decidindo em conjunto os detalhes referentes a cada etapa dos projetos. Especificamente quanto à escolha do tema de pesquisa, as orientandas ressaltam sua flexibilidade. As narrativas mostram-na como alguém que conseguia guiá-las ao propor caminhos nessa fase inicial da pesquisa, mas também aceitar

ideias e temas de pesquisa trazidos por elas nas primeiras reuniões. Juntas, buscavam a melhor alternativa para o desenvolvimento da pesquisa.

A Adriana desde o primeiro momento me deu total abertura para prosseguir com o meu tema de interesse do pré-projeto. Tive total abertura de escolher o tema, os autores com os quais trabalhar e a forma de conduzir a narrativa. Muito apoio (P2, orientanda de mestrado).

A escolha do tema partiu do meu interesse, mas foi toda delineada em conjunto. A Adriana tinha uma incrível capacidade de trabalhar em conjunto. As decisões foram tomadas sem dramas ou problemas. Sempre na base da conversa, da ponderação, sempre em comum acordo, aliando a experiência e o conhecimento de ambas. O diálogo sempre prevaleceu (P4, orientanda de doutorado).

Eu cheguei na Sala da Dri para trabalhar com a Mediação de leitura em bibliotecas da UFMG que não tinham como foco o público universitário [...]. Ela foi muito sincera e pediu para que eu pensasse com carinho sobre a possibilidade de mudar o campo da pesquisa, pois achava que não colheria frutos nessas unidades. Mas deixou claro que a escolha era minha, sugerindo um contato de início com as bibliotecas para verificar a possibilidade da pesquisa acontecer. [...] Então, me sugeriu trabalhar com a Biblioteca Escolar, depois que contei de uma escola que tem um projeto o Clube da Leitura com o intuito de compartilhar leituras, ela gostou muito da história dessa escola e me incentivou a procurar escolas que eu realmente encontrasse insumos para minha pesquisa e que atendesse as três modalidades de ensino: privado, público municipal e estadual (P5, orientanda de mestrado).

Percebe-se que, mesmo na controvérsia, na diferença de opiniões, o trabalho em conjunto e o respeito em relação às ideias do outro prevalecia, o que sempre contribuiu para uma harmoniosa relação orientando-orientador. É nesse sentido que Ventorini e Garcia (2004) se apropriam de conceitos de Robert Hinde^{iv}, ao discorrer sobre as relações interpessoais, para salientar que as diferenças são positivas no trabalho em equipe, na medida em que estimulam o confronto de diferentes perspectivas e a troca de ideias. Os relatos das orientandas suscitam, também, outros conceitos de Hinde: a reciprocidade e complementaridade, que aludem a casos de manifestações e comportamentos amistosos de ambas as partes, inclusive no que se refere às trocas de conhecimentos e informações.

As orientandas relatam, ainda, que a mesma postura e forma de trabalho de Adriana eram mantidas nas demais etapas da pesquisa: escolha dos referenciais teórico-metodológicos e dos instrumentos de coleta de dados, bem como nas contribuições oferecidas por ela nas decisões metodológicas e na análise de dados.

Contribuição para a delimitação do escopo da investigação, e para que não me perdesse em muitas questões que não teriam importância (P1, orientanda de doutorado).

Nesse ponto [escolha dos referenciais teórico-metodológicos e instrumentos de coleta de dados] a colaboração da Adriana foi fundamental. Sempre sugerindo e mostrando possibilidades. Sempre ouvindo o que eu tinha "descoberto" e contribuindo com o que ela tinha "descoberto". Era uma troca prazerosa, mas ela tinha uma capacidade de

orientação fantástica. Ela sabia me guiar pelas possibilidades de forma muito tranquila. [...] Ela me ajudou muito ouvindo e pesquisando as possibilidades comigo. Eu queria pesquisar adolescentes e nós tivemos muita preocupação com a forma de abordar esses sujeitos. Ela caminhou comigo, procurando, estudando e pesquisando, até nos depararmos com a etnografia. Eu trouxe a proposta, mostrei, demonstrei e ela abraçou a ideia comigo. E me ajudou muito a delinear o que seria feito, como seria, os locais de pesquisa, de maneira muito presente e participante. (P4, orientanda de doutorado).

Ela me sugeriu trabalhar com a teoria etnográfica. Pois a partir de observações contínuas, durante no mínimo dois meses, eu poderia conhecer melhor o campo a ser estudado e no momento das entrevistas em profundidade teria base de buscar informações mais detalhadas sobre os fatos observados, que poderiam ser confirmados com a observação pós entrevistas (P5, orientanda de mestrado).

Algumas dessas características e atitudes, lembradas nos relatos, são apontadas por Mainhard (2009) como essenciais em um orientador. O autor assinala que o docente deve ser capaz de ouvir o orientado, encorajando o debate e oferecendo *feedback* contínuo. Além disso, deve ser entusiasmado e demonstrar atenção e respeito.

No que tange às contribuições na fase da análise de dados, algumas entrevistadas destacam, especialmente, uma nova forma de categorizar os dados, trazida por Adriana após seu retorno do pós-doutorado, e compartilhada com os orientandos.

Nossa! Essa parte foi fundamental. Ela tinha acabado de chegar dos Estados Unidos e aprendido lá uma forma boa de categorizar e analisar os dados de entrevistas utilizando uma macro do Word. Com toda a generosidade dela, aquela vontade de ajudar, reuniu seus orientandos e nos deu uma aula desse método. Foi a minha salvação! (P4, orientanda de doutorado).

Depois de sugerir a teoria para dar base as observações e entrevistas, ela apresentou uma ferramenta que poderia auxiliar na categorização dos dados das entrevistas. Eu tive a grande oportunidade de cursar a disciplina da Pós Usuários e práticas informacionais com a Adriana em 2017/2, foi ótimo, pois entrevistamos ex-alunos do PPGCI e praticamos esse processo de entrevista e categorização dos dados (P5, orientanda de mestrado).

[Ela contribuiu] discutindo as categorias de análise. Também pela leitura cuidadosa do texto, em sua coerência (P1, orientanda de doutorado).

Apenas uma orientanda afirma que, nesta etapa da pesquisa, não houve necessidade de um auxílio muito efetivo por parte da orientadora.

Nesta etapa, não muito... Ela me deixou bem solta, por que segundo ela, "sabia que eu conseguiria" (P2, orientanda de mestrado).

Para nós, autoras, as contribuições da Adriana na etapa de análise de dados foram essenciais durante nossas pesquisas de mestrado. Embora ainda não tivesse aprendido essa técnica de categorização por meio do uso de macros do Word - o que só aconteceria durante seu pós-doutoramento - ela nos orientou, de forma prática, como agrupar os

dados relacionados e rotulá-los. Revisou categorias construídas previamente, nos mostrando como elas poderiam ser desmembradas em subcategorias para melhor expressar o que os dados indicavam. Complementarmente, nos ensinou como relacionar os achados expressos nas categorias com o suporte teórico de nossas respectivas pesquisas.

Profissional comprometida, Adriana demonstrava grande preocupação, zelo e rigor com as questões metodológicas de uma pesquisa científica. Orientava que fundamentássemos muito bem nossas escolhas, justificando-as com clareza para não suscitar questionamentos posteriores. Essa sua preocupação não se manifestava apenas em relação às pesquisas de seus orientandos, mas se estendia às pesquisas de quaisquer discentes que cursassem disciplinas por ela ministradas.

Nessas disciplinas, dedicava-se a ensinar o passo a passo do processo de categorização, embora ela mesma dissesse, repetidas vezes, que não havia uma 'receita pronta' e, portanto, cada caso exigia reflexões apropriadas. Na disciplina "Usuários da Informação", ofertada para a graduação, ela ensinava com trabalhos práticos, orientando os discentes na criação de categorias de análise dos estudos de usuários por eles desenvolvidos. O mesmo acontecia nas disciplinas da pós-graduação, com maior nível de aprofundamento.

Frequentemente, durante conversas sobre pesquisas, reuniões de orientação e de grupos de estudo, ela explicava o que são e como se criam categorias de análise e sugeria pesquisas já concluídas para serem lidas como exemplo. Complementarmente, convidava orientandos cujas pesquisas já tinham sido concluídas para as apresentarem em suas disciplinas, incentivando trocas entre eles e os alunos não apenas sobre os resultados, mas também sobre processo de elaboração das ideias e redação das pesquisas. Fazia, ainda, demonstrações de como se categorizar dados de pesquisa com o intuito de facilitar que discentes mais inexperientes compreendessem o processo.

Essa habilidade, marcante na Adriana (enquanto professora e orientadora), é uma temática abordada por Lowman (2007), para quem dois pontos são importantes como habilidades para um docente criar estímulo intelectual. Um deles é a capacidade de ter clareza nas apresentações (relaciona-se com o que se apresenta, com o conteúdo) e o outro se refere ao impacto emocional que é estimulado (tem a ver com o modo como o material é apresentado). Possuindo essas habilidades, o docente consegue explicar

tópicos complexos - como o processo de criação de categorias de análise - de forma mais simples e compreensível para os discentes.

Sendo uma orientadora que acompanhava efetivamente cada etapa da pesquisa, ao chegar às bancas de qualificação e/ou defesa, também oferecia total suporte aos orientandos. Isso emerge nos relatos das orientandas, a maioria afirmando ter recebido suporte além do esperado nos exames de qualificação e/ou nas defesas de teses e dissertações. Em momentos como esses, decisivos e muitas vezes angustiantes, o respaldo do orientador é fundamental para que o orientando se sinta mais confiante ao apresentar a pesquisa à banca avaliadora. A parceria intelectual e o acompanhamento efetivo ao longo de toda a pesquisa aumentam a confiança de ambos na qualidade do trabalho a ser apresentado.

Ela transmitiu segurança (P1, orientanda de doutorado).

Indescriível. Na qualificação, ela anotou item por item as sugestões da banca (P2, orientanda de mestrado).

[...] sentou comigo, traçou brilhantemente o caminho das minhas correções (P4, orientanda de doutorado).

Adriana transmitia confiança aos orientandos de que as escolhas feitas ao longo da pesquisa eram decisões tomadas em conjunto e como tal, caso houvesse alguma crítica por parte da banca arguidora, a responsabilidade era, também, assumida por ambos. Ela sempre se dedicou a acompanhar seus orientandos de perto, o máximo possível, mesmo quando esteve em pós-doutoramento fora do Brasil. Nessa ocasião, as reuniões eram feitas por meio de videoconferência, além de frequentes trocas de e-mails. Seu suporte excedia a dimensão intelectual, manifestando-se também na forma de incentivos e palavras afetuosas de encorajamento.

Acerca do posicionamento do orientador em acompanhar de forma mais próxima ou mais distante o orientando, alguns aspectos devem ser destacados. Costa, Sousa e Silva (2014), em sua proposição de modelo de orientação, salientam que a forma de orientação mais próxima (*hands on*) ou a mais distante (*hands off*) depende, dentre outros fatores, do nível de maturidade do orientando e, especialmente, da sensibilidade do orientador “em reconhecer qual o nível de aproximação ou de distanciamento do processo de formação é mais adequado para cada aluno durante o período de sua formação” (p. 842).

Com efeito, espera-se que o doutorando seja conduzido a um processo de *hands off* na medida em que avança no curso, ao passo que o mestrando, em razão do tempo de formação e da falta de experiência na pós-graduação, precisa de um acompanhamento mais próximo do orientador (COSTA; SOUSA, SILVA, 2014, p. 842).

Contudo, os autores atentam para uma questão relacionada que ocorre com frequência nos processos de orientação acadêmica: dar autonomia ao orientando é diferente de não orientar. Então, mesmo adotando uma postura *hands off*, principalmente em relação à orientandos de doutorado, mais experientes, isso não significa que o docente não deve acompanhar o discente em todas as etapas da pesquisa, oferecendo suporte intelectual.

Uma das características notáveis em Adriana refere-se exatamente a essa sensibilidade de perceber qual forma de orientação, ou de acompanhamento, cada um de seus orientandos demandava. Na medida certa, ela se mantinha ao lado do discente, auxiliando-o, mas sempre deixando espaço para que o mesmo pudesse *caminhar com seus próprios pés*. E mesmo com orientandos mais experientes, ela mantinha-se sempre disponível, buscando contribuir para com a pesquisa da melhor forma possível.

Por fim, não poderíamos passar para o próximo tópico sem frisar que, muito mais que uma postura profissional exemplar como orientadora, as habilidades, comportamentos e atitudes em geral, relatadas aqui pelas orientandas, são as características pessoais, qualidades da personalidade e caráter de Adriana Bogliolo.

3.2 Esfera social

Além das atividades de orientação da pesquisa, propriamente ditas, entendemos que o processo de orientação é muito mais abrangente, estendendo-se à formação profissional de mestres e doutores, futuros professores, docentes e pesquisadores. Tal “[...] perspectiva amplia o papel da orientação para além da elaboração do trabalho final e passa a estar vinculada também à visão do orientador como um conselheiro ou mentor acadêmico [...]” (COSTA; SOUSA; SILVA, 2014, p. 833).

Para Khene (2014 *apud* COSTA; SOUSA; SILVA, 2014, p. 831), o orientador deve ir além da dimensão de orientação de pesquisa, “conduzindo o discente para o seu ingresso na comunidade acadêmica, pela pesquisa, pela vivência do campo, pela inserção no mundo da universidade.” Em consonância, Gardner e Barnes (2014, *apud* COSTA; SOUSA;

SILVA, 2014) reiteram que a formação dos discentes mestres e doutores como futuros pesquisadores, professores e profissionais é de responsabilidade dos orientadores. Imbricadas, as dimensões contextual e social vinculam-se ao ambiente de aprendizagem dos discentes, o que perpassa pela estrutura física e ambiente institucional, que podem favorecer ou prejudicar o processo de formação dos orientandos (COSTA; SOUSA; SILVA, 2014).

A formação e trajetória acadêmica da Adriana, apresentadas na Seção 2, evidenciam os cargos e funções já assumidos por ela. Estes contribuíram para que ela tivesse ampla compreensão acerca da estrutura e funcionamento de diferentes setores da Universidade enquanto instituição acadêmica, o que por sua vez mostrou-se indispensável nos momentos de interação com discentes e entre seus pares. Um exemplo é sua função enquanto líder do grupo de pesquisa Estudos em Práticas Informacionais e Cultura - EPIC, da UFMG.

[Como líder do EPIC] Muito querida, carismática, com a real capacidade de unificar e reunir inúmeras pessoas, com pesquisas e interesses distintos. (P2, orientanda de mestrado).

Era um exemplo de líder. Apesar de sua sabedoria e conhecimento, dava voz a todos os participantes e os incentivava a prosseguir nos estudos das práticas. (P3, orientanda de mestrado).

Muito responsável, criativa, super didática e sempre aberta ao diálogo. (P5, orientanda de mestrado).

Como narrado nos trechos de fala das orientandas, Adriana era uma líder que conseguia incentivar e entusiasmar as pessoas à sua volta, estimulando os participantes do EPIC a buscar o crescimento do grupo e da temática trabalhada. Sem nunca perder o bom humor e a empatia, era, também, muito prática e objetiva, com uma postura dinâmica para resolver pendências e encontrar soluções em prol do grupo e/ou de seus orientandos.

A Adriana me acolheu na mudança de orientadora, algo que serei sempre grata. A história fica por conta do dia da defesa, em que eu estava muito atarantada e atarefada, nem pensei em lanchinho... E ela preparou tudo! (P1, orientanda de doutorado).

Como já relatado anteriormente, Adriana era uma orientadora presente e ativa, que contribuía em todas as etapas da pesquisa. Muitas vezes, como exemplificado no relato anterior, o apoio oferecido extrapolava aquilo que concerne, exclusivamente, ao fazer de uma pesquisa científica. Sensível e atenta aos ritos de diversas ocasiões no

ambiente acadêmico, ela estava sempre pronta para ajudar, independentemente de a tarefa ser ou não, estritamente, uma obrigação de orientadora.

Outra característica da Adriana refere-se ao seu interesse em manter uma relação próxima e cordial com discentes e seus pares, inclusive, estendo-a para além dos limites da universidade.

No meio a turbulência de nossas vidas no início de 2018, Dri me convidou para o lançamento do livro da mãe dela, esta[va]mos com muita esperança de dias melhores. Depois de conhecer o lado escritora da [cita o nome da mãe de Adriana], começamos a trocar informações sobre uma possível visita da [cita o nome da mãe de Adriana] para compartilhar suas vivências de escritora com esses jovens leitores, mas infelizmente não foi possível. Mas ela não esqueceu em nosso último encontro, outubro 2018, me disse: ‘temos que levar os livros para os alunos do Clube de Leitura’. Eu falei: ‘Dri não se preocupe, depois a gente vê isso’. (P5, orientanda de mestrado).

Mais uma vez é ressaltado, nos relatos, um traço característico da Adriana: o desejo de unir, de integrar as pessoas ao seu redor. Ele gostava de compartilhar seus bons momentos, suas conquistas e orgulhos com as pessoas de seu convívio.

Nós, autoras, ressaltamos que, além da excelente relação de parceria orientadora-orientanda, Adriana contribuiu de maneira crucial para nossa formação profissional, de modo completo. Além de nos guiar e apoiar desde os primeiros passos na pós-graduação, aspirantes a pesquisadoras, ela nos incentivou e orientou, também, no início de nossas carreiras docentes.

Durante o período em que lecionamos disciplinas para cursos de graduação na ECI/UFMG, em formato de Estágio Docente, Adriana discutia conosco o cotidiano da sala de aula, oferecendo orientações quando solicitávamos e nos incentivando a exercermos nossa autonomia, enquanto professoras responsáveis pelas disciplinas. Eventualmente, assistia a nossas aulas e nos orientava sobre o que poderia ser melhorado em termos de didática, métodos e técnicas de ensino e avaliação. Nós também assistíamos algumas de suas aulas para outras turmas, por sempre serem momentos de aprendizado e também de inspiração, enquanto uma profissional que amava o que fazia.

Dessa forma, Adriana Bogliolo é, para nós, um exemplo de orientadora no sentido mais amplo (como discutido no início deste tópico), cuja atuação extrapolou as atividades específicas da pesquisa científica, se refletindo em outras esferas da formação humana e profissional de seus orientandos.

3.3 Esfera afetiva

Relacionada à esfera social, a dimensão afetiva manifesta-se em qualquer relacionamento interpessoal, o que não é diferente da relação orientador-orientando. O ingresso em um curso de mestrado ou doutorado é um momento de transformações na vida de qualquer estudante, gerando, naturalmente, grande expectativa. No caso do discente de mestrado, a pesquisa científica pode ser algo totalmente novo, o que causa apreensão e ansiedade no aluno. Já em relação aos estudantes de doutorado, embora a maioria já tenha experienciado a vivência do mestrado, existem outras cobranças e responsabilidades que tornam esse período igualmente estressante.

Trabalhos como os de Costa, Sousa e Silva (2014) e Johansson *et al.* (2014) abordam a temática ao discutir o processo de orientação na pós-graduação. Para esses autores, são vários os fatores que afetam emocionalmente os discentes em formação: desde a própria adaptação com contexto da pós-graduação, passando pelas dificuldades próprias dos processos de aprendizagem, até os problemas pessoais que interferem na vida acadêmica do orientando.

Johansson *et al.* (2014) salientam, ainda, que, a partir da década de 1990, houve grandes mudanças no sistema de pós-graduação envolvendo o contexto administrativo e todo o conjunto de regras e demandas acadêmicas. Aliado à natureza problemática do processo de aprendizagem, o formalismo do sistema acadêmico potencializa as tensões vivenciadas pelos discentes no processo de escrita. Neste momento de transformações na vida do discente, o orientador pode assumir importante papel como conselheiro ou mentor. A capacidade de ouvir o outro, tentando compreender suas angústias, ansiedades e incertezas, e o compartilhamento de suas experiências com o estudante, representa um grande apoio emocional.

A seguir, apresentamos excertos de relatos das orientandas indicativos de que, em qualquer momento do processo de formação na pós-graduação, Adriana ofereceu suporte também na esfera afetiva.

A Adriana era um furor! Sempre ativa, sempre disposta, com muita capacidade de ajudar e de ouvir. (P4, orientanda de doutorado)

Muito responsável, criativa, super didática e sempre aberta ao diálogo. (P5, orientanda de mestrado)

Na defesa, chegou a desconvidar uma suplente, por considerar que o tipo de críticas que a mesma ofereceria, não seriam produtivas. (P2, orientanda de mestrado)

Considero que o suporte oferecido ultrapassou a fronteira orientando x orientador. Ela era uma pessoa de uma sensibilidade e compreensão inexplicáveis. (P3, orientanda de mestrado)

Vou me focar na defesa. Quando eu comecei a análise de dados, ela estava começando a fazer os exames. Logo veio o diagnóstico e nós duas perdemos o chão. Foi um período muito conturbado para ela, e, mesmo assim, ela queria me ajudar. Ela já não conseguiu compor a minha banca de defesa, mas foi lá, me apoiou. [...] Em nenhum momento ela deixou eu me sentir sozinha nessa caminhada. Até o fim, ela esteve comigo. Sempre apoiando, sempre contribuindo. (P4, orientanda de doutorado)

Muitas vezes, o processo de formação na pós-graduação é um projeto de vida para o estudante, por isso a dimensão emocional tem uma demarcação tão forte nessas experiências. “Esses são elementos da vivência da pós-graduação que podem provocar, por exemplo, medo, raiva, sofrimento e angústia. [...] Cabe ao orientador conduzir o aluno na “vivência” de sua formação”. (COSTA; SOUSA; SILVA, 2014, p. 837).

Adriana sempre compreendeu as dificuldades e questões emocionais presentes na formação dos pós-graduandos. Estava sempre aberta para ouvir e ajudar quem a procurasse. Um exemplo disso é que ela recebeu inúmeros discentes que trocaram de orientador no meio do processo. Sempre aberta ao diálogo e oferecendo suporte nas esferas intelectual, social e afetiva, ela era considerada muito mais do que uma orientadora para a maioria de seus orientandos. Mesmo após finalizar o vínculo formal de orientadora com as autoras, Adriana continuou presente, oferecendo apoio - em todas as esferas discutidas até aqui - sempre que necessário.

Ao término das narrativas, pedimos às participantes que definissem a orientadora Adriana em uma única palavra e, na sequência, questionamos o porquê de tal palavra. As respostas, em sua maioria, fazem referência a uma dimensão afetiva, denotando admiração e respeito à sua postura enquanto orientadora e, de forma mais ampla, como pessoa. Assim, transcrevemos as palavras escolhidas, bem como suas justificativas, no Quadro 1. As duas últimas palavras são aquelas atribuídas a Adriana pelas autoras, respectivamente.

Quadro 1 – Adriana Bogliolo em uma palavra.

ORIENTADORA ADRIANA EM UMA PALAVRA	POR QUE ESSA PALAVRA?
Prática	Ela procurava desatar os nós, não perdia tempo, era muito profissional.
Potência	Qualidade do que é potente, eficaz, que inicia movimento, impulsão e eminência.
Humana	Porque traduz a essência de uma pessoa competente, sábia e humilde.
Amor	Porque era transparente que ela fazia tudo com muito amor! E acho que esse amor pela vida, pela profissão, pela pesquisa, pelo outro que fez dela essa pessoa especial, que marcou a todos que tiveram o prazer de conviver com ela.
Dedicada	Porque a vejo assim, sempre pronta para ajudar a solucionar nossas dúvidas, dando sugestões, com uma vasta experiência no assunto, ela pegava em nossa mão, escrevia junto o texto para a dissertação.
Especial	Porque ela reunia tantas qualidades incríveis. Era uma ótima professora e a orientadora ideal. Mas acima de tudo, era uma pessoa notável, com sua empatia, benevolência, coragem e um bom humor e alegria contagiantes.
Generosidade	Porque ela estava sempre disposta a partilhar, a oferecer algo às pessoas, ainda que fosse um sorriso, uma palavra de incentivo.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir das narrativas coletadas.

Por fim, a partir das narrativas apresentadas e das relações vivenciadas por nós, autoras, com a orientadora Adriana Bogliolo, evocamos três metáforas propostas por Grant, Hackney e Edgar (2014). Conforme a metáfora da máquina, de fundo mecanicista, a orientação tem uma meta predeterminada e funciona de maneira previsível, conforme as políticas institucionais. Na metáfora do treinador, a orientação assemelha-se a uma atividade de aconselhamento relacionada não apenas ao projeto de pesquisa, mas também à construção da carreira. Já conforme a metáfora da jornada, a orientação é uma parceria na qual orientando e orientador aprendem juntos, negociando por meio de diálogos construtivos.

Entendemos que o estilo de orientação adotado por Adriana agregava elementos das três metáforas: ela observava com cuidado as políticas institucionais da universidade;

estendia seu papel de orientadora para além dos limites dos projetos de teses e dissertações - se o orientando fosse receptivo a isso - e, principalmente, empreendia parcerias com os orientandos ao longo da jornada do mestrado ou doutorado e, não raro, para além dela.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adriana será lembrada por seu legado à Biblioteconomia e à Ciência da Informação, fruto de seu amor à docência e à pesquisa. Ela também será lembrada por sua alegria, generosidade, objetividade, conduta ética e a admirável capacidade de tornar o ambiente acadêmico mais humano, sempre estimulando a cooperação e a afetividade entre pares.

Para nós, é difícil separar, em Adriana, a amiga da orientadora. Como amiga, era expansiva, afetuosa, generosa. Como orientadora e professora, também o era. Dona de uma gargalhada farta, ouvia com interesse, aconselhava com firmeza, trabalhava (e vivia) com brilho nos olhos. Sabia aceitar os orientandos conforme suas particularidades: estendia a mão e caminhava junto com quem precisasse, mas também oferecia espaço a quem assim desejasse. Discordava, questionava e cobrava, sem perder a ternura. E nos incentivava a crescer, traçando nossos próprios caminhos.

Ao imaginar um modo de falar sobre Adriana, prestando a ela nossa homenagem e, ao mesmo tempo, apresentando suas contribuições, algumas possibilidades nos ocorreram. Escolhemos a aqui apresentada, por acreditarmos que melhor representa algo fundamental que aprendemos com ela: a importância do trabalho colaborativo. Nós, duas de suas orientandas, aqui reunimos outras colegas para registrar sua participação em nossa formação e, conseqüentemente, suas contribuições à [pesquisa em] Ciência da Informação. Esperamos ter conseguido transpor para esse texto a dádiva que foi para nós, suas orientandas, tê-la conhecido e partilhado de sua vida. A ela nossa deferência.

5 AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem a Andreza Barbosa, Eliane Rocha, Flávia Abreu, Maria Antunes e Raquel Paiva pela gentileza em compartilhar seus relatos acerca da experiência como orientandas de Adriana Bogliolo, contribuindo, dessa forma, para a elaboração desse texto.

REFERÊNCIAS

- ABIDDIN, N. Z.; HASSAN, A.; AHMAD, A. R. Research Student Supervision: An Approach to Good Supervisory Practice. **The Open Education Journal**, v.2, p. 11-16, 2009.
- COSTA, F. J.; SOUSA, S. C. T. de; SILVA, A. B. Um modelo para o processo de orientação na pós-graduação. **RBPG**, Brasília, v. 11, n. 25, p. 823 - 852, 2014.
- GARDNER, S. K.; BARNES, B. J. **Advising and mentoring doctoral students: a handbook**. USA: Lexington, 2014.
- GRANT, K; HACKNEY, R; EDGAR, D. Postgraduate research supervision: an 'agreed' conceptual view of good practice through derived metaphors. **International Journal of Doctoral Studies**, v. 9, p. 43-60, 2014.
- HALSE, C.; MALFROY, J. Rethorizing doctoral supervision as professional work. **Studies in Higher Education**, v. 35, n. 1, p. 79-92, 2010.
- JOHANSSON, T. *et al.* PhD Supervision as an Emotional Process - Critical Situations and Emotional Boundary Work. **Pertanika Journal Social Sciences and Humanities**, v. 22, n. 2, p. 605-620, 2014.
- KHENE, C. P. Supporting a humanizing pedagogy in the supervision relationship and process: a reflection in a developing country. **International Journal of Doctoral Studies**, v. 9, p. 73-83, 2014.
- LEITE FILHO, G. A.; MARTINS, G. A. Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, p. 99-109, 2006.
- LINDÉN, J.; OHLIN, M.; BRODIN, E. Mentorship, supervision and learning experience in PhD education. **Studies in Higher Education**, v. 38, n.5, p.639-662, 2013.
- LOWMAN, J. **Dominando as técnicas de ensino**. São Paulo: Atlas, 2007.
- MACHADO, A. M. N. A relação entre autoria e a orientação no processo de elaboração de teses e dissertações. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Org.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 60-81.
- MAINHARD, T. et al. A model for the supervisor-doctoral student relationship. **Studies in Higher education**, v. 58, n. 3, p. 359-373, 2009.
- SÁ, R. M. C. de. **Compartilhamento do conhecimento e o processo de orientação de discentes de pós-graduação *stricto sensu***. 2015. 158f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.
- VENTORINI, B.; GARCIA, A. Relacionamento interpessoal: da obra de Robert Hinde à gestão de pessoas. **rPOT**, v.4, n.2, p. 117-144, 2004.

NOTAS

ⁱ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dlhXaUD6cdQ>. Acesso em: 04 abr. 2019.

ⁱⁱ Disponível em: <http://gebe.eci.ufmg.br>. Acesso em: 04 abr. 2019.

ⁱⁱⁱ Disponível em: <http://epic.eci.ufmg.br>. Acesso em: 04 abr. 2019.

^{iv} Zoólogo, etologista e psicólogo britânico, Robert Hinde desenvolveu conceitos relacionados à formação de uma ciência dos relacionamentos interpessoais.



DA CULTURA DO IMPRESSO ÀS PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM UMA BIBLIOTECA PATRIMONIAL

FROM THE PRINTED CULTURE TO THE INFORMATIONAL PRACTICES IN A PATRIMONIAL LIBRARY


Elizabeth Aparecida Duque Seabra 

¹ Pós-Doutora em Ciências da Educação pela Universidade do Minho, Portugal.

E-mail: elizabeth.seabra@ufvjm.edu.br



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: A autora declara que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 30/04/2019.

Revisado em: 02/05/2019.

Aceito em: 09/05/2019.

Como citar este artigo:

SEABRA, Elizabeth Aparecida Duque.

Informação em Pauta, Fortaleza, v. 4, n. especial, p. 101-120, maio 2019. DOI:

<https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v4iEspecial.2019.41146.101-120>

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar e discutir os resultados de uma pesquisa de pós-doutorado realizada junto ao grupo de Estudos em Práticas Informacionais e Cultura (EPIC) da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais que teve por objeto uma Biblioteca subordinada à administração regional

do Iphan, abrigada em um edifício tombado desde 1954, a Casa do Muxarabiê, localizada no centro de Diamantina, Minas Gerais. A biblioteca é analisada a partir do conceito de *práticas informacionais* engendradas pelos usuários que a frequentam (estudantes, turistas e pesquisadores) e seus profissionais em suas ações cotidianas, experiências e aprendizagens. A investigação utiliza como estratégias metodológicas a pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas com diferentes usuários. A partir da análise documental e das falas dos usuários estabelece-se questionamentos em relação ao lugar social da biblioteca como parte da paisagem e patrimônio da cidade. Postula-se que a relação entre instituição e usuários desencadeia práticas de produção de conteúdos informacionais diversificadas. Destaca-se como resultado da pesquisa que esta instituição não apresenta em suas ações cotidianas uma separação rígida entre as funções de arquivo, biblioteca e museu e, não se exhibe claramente aos diferentes públicos com todas as potencialidades educativas decorrentes da riqueza de linguagens documentárias e de seus conteúdos específicos estando aberta a novas práticas informacionais.

Palavras-chave: Estudos de usuários. Práticas Informacionais. Diamantina. Biblioteca Antônio Torres.

ABSTRACT

The main objective of this article is to introduce and discuss the results of a postdoctoral study made alongside with EPIC group - Studies in Informational Practices and Culture the in Information Science of Federal University of Minas Gerais. The object in question is a library

associated with Iphan's regional administration, and it is located in a building in the center of Diamantina, which was recognized as a national monument in 1954, the Muxarabiê house. The library is analysed through a concept of *informational practices* developed by its users (students, tourists and researchers) and its professionals, through their daily actions and learning experiences. The analysis uses documental research and semistructured interviews with the varied users as a methodological strategy. The questionings of the library's social role as part of the city landscape and heritage are established through the documental analysis and the users testimonies. It is postulated that the relationship between institution and user triggers varied practices of

informational content production. The fact that this institution does not present a strict separation between functions of archive, library and museum in its daily actions is highlighted as one of the results of the research. In addition to that, the library does not present itself to its different publics with all the educational potential of the documental languages and its specific contents, being opened to new informational practices.

Keywords: User studies. Informational practices. Diamantina. Antônio Torres library.

1 INTRODUÇÃO

Infelizmente, ao longo do ano de 2018, enquanto participava das atividades do grupo de pesquisa EPIC (Estudos em Práticas Informacionais da Escola de Ciência da Informação da UFMG) só pude conviver com a professora Adriana Bogliolo em duas ocasiões. A primeira reunião do grupo EPIC da qual participei foi em sua casa e comemoramos seu aniversário e seu retorno do pós-doutorado. O último encontro foi de despedida. Senti ao longo do ano sua presença por meio de seus orientandos externada na preocupação com sua saúde. Foi um ano de muita expectativa de sua melhora. Eu pensava que a qualquer momento ela retornaria e eu poderia discutir com ela minha pesquisa sobre a biblioteca Antônio Torres. Foi um breve intervalo no qual senti a sua presença na ausência. Registro aqui minha saudade e peço licença para comunicar um pouco da pesquisa realizada.

Este artigo resulta do processo de reflexões sobre minhas experiências profissionais e de pesquisa no campo da História e da Educação em relação ao campo epistemológico da Ciência da Informação. Em especial, com as possibilidades teóricas dos estudos de usuários na perspectiva das práticas informacionais de modo a dialogar com uma pesquisa empírica sobre usuários de uma biblioteca patrimonial existente desde meados do século XX na cidade de Diamantina-MG. A questão central que perpassa todo o trabalho é discutir em que medida os “modelos” de práticas informacionais podem responder a cenários e processos históricos como o de uma biblioteca patrimonial.

Uma biblioteca que comemora 65 anos e tem seu acesso por uma escadaria em um largo comercial do centro de Diamantina identificada por uma pequena placa que avisa que ela “disponibiliza para a pesquisa acadêmica diversos documentos do século XVIII, XIX e XX”. Junto à porta o horário de funcionamento, dividido ao longo da semana, entre aberto para “Pesquisa e/ou Visitação”. A pesquisa na Biblioteca Antônio Torres implicou em visitar os “paradigmas da Ciência da Informação”, no entrelaçamento entre o “físico, o cognitivo e o social”, se pensarmos a partir da lógica do *usuário da informação* e observarmos aspectos das materialidades de suas práticas.

O uso do termo do usuário para esta biblioteca parece incluir os seus vários sujeitos. Aqueles que cumprem uma rotina de trabalho, aqueles que prestam serviços de higienização e conservação, de limpeza, outros que para lá se dirigem para realizar pesquisas acadêmicas, outros que também a procuram por lazer, numa dispersão de experiências, para conhecer o Muxarabiê.

O primeiro movimento foi deslocar o problema de pesquisa da instituição biblioteca para um conjunto de *práticas informacionais* e fazer um percurso da cultura do impresso para os usuários. A aproximação com as práticas informacionais, a partir da história da uma biblioteca e dos vestígios deixados por diferentes usuários em relação aos seus acervos, implica em considerar como são produzidas e circulam em um prédio de musealizado de uma cidade colonial mineira práticas sociais situadas.

Uma abordagem das práticas informacionais provoca posicionamentos sobre o processo dinâmico e emergente de uma polifonia - um fluxo contínuo de informações entre os sujeitos e a materialidade - de modo a entrelaçar os registros, categorizações, construções de significado entre o acervo da biblioteca e seus usuários.

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: UMA EPISTEMOLOGIA PRÁTICA

Este trabalho não pretende realizar um balanço das principais tendências, abordagens e recortes teórico-metodológicos em relação ao campo dos Estudos de Usuários. Considerar as teorias existentes em uma revisão de literatura, tentando localizar e selecionar, entre as várias abordagens contemporâneas, aquelas pertinentes à análise pretendida, é um trabalho já realizado de maneira competente por autores como

Cunha (1981), Araújo (2009; 2012; 2013), Rolim e Cedon (2013), Moreira e Duarte (2016), Figueiredo (1994), dentre outros. Cabe definir e indicar, frente as inúmeras possibilidades, as escolhas tomadas para evidenciar o problema de pesquisa e dar encaminhamento adequado nos marcos dos Estudos de Usuários na Ciência da Informação.

Araújo *et al.* (2018, p. 209) apontam que com a instauração do “paradigma social” o conceito de informação passou a ser visto de modo intersubjetivo e de dentro de um contexto ou “regime de informação”, em oposição ao conceito físico e cognitivo da informação. Tornou-se, portanto, o local de encontro e de diálogo entre as correntes teóricas consideradas como campos autônomos de conhecimento, a arquivologia, a museologia e a biblioteconomia, ainda que com percursos históricos distintos (CAPURRO, 2003; GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2012).

Esta aposta no campo da Ciência da Informação como uma ciência interdisciplinar tem sido capaz de oferecer aportes para diferentes subáreas de pesquisa, em especial para os Estudos de Usuários, que se aproximam empiricamente dos três campos das “ciências dos acervos” a partir do conceito de informação. Na pesquisa empírica com os usuários de diferentes idades e formações acadêmicas é possível perceber como eles identificam, dialogam e apontam, em suas experiências com os documentos bibliográficos, arquivísticos e museais, a questão do fundamento social, ou do peso da herança patrimonialista dessa cultura e memória social.

Ao escolher a abordagem social também se assume uma opção por uma amostra qualitativa e descritiva na pesquisa empírica. Nesse artigo, trabalhamos com um recorte a partir de entrevistas semiestruturadas com quatro usuários, escolhidos frente a uma tipologia definida pela própria instituição/biblioteca, e um desenho flexível da pesquisa documental, considerando as possibilidades oferecidas pelas leituras dos documentos internalistas, aqueles produzidos pela própria Biblioteca – os Livros de Registro de Visitantes, os inventários e catálogos. Também nos valem de observações assistemáticas das práticas dos diversos sujeitos (usuários) da Biblioteca. Como investigadora de certa maneira externa, à medida que não realizo habitualmente pesquisas no ambiente escolhido, mas visitas com estudantes da educação básica, o trabalho teórico-metodológico implicou em uma codificação aberta e em categorias de análise ou de compreensão dedutivas (GONZÁLEZ-TERUEL, 2012). A observação, a pesquisa documental e as entrevistas se realizaram entre os meses de junho e julho de

2018. A visita com estudantes foi realizada em julho de 2017 e orientou a elaboração da primeira versão de um projeto de pesquisa.

Cabe também explicitar a adesão dessa pesquisa a uma abordagem que entende o conhecimento como parte de um agir cotidiano, um fazer que é uma das modalidades de saber. Neste caso, esta abordagem se afasta daquelas que dividem e classificam numa ordem hierárquica o senso comum, o conhecimento científico, o filosófico, o artístico, o religioso e o mítico, restringem o conhecimento ao saber científico e defendem uma linguagem acadêmica que se afasta do nível da ação e fixa-se na dimensão da representação. Aqui o agir cotidiano e o fazer, entendidos como as *práticas informacionais* dos usuários, são considerados como modalidades de fazer e conhecer. O conhecimento envolve o entendimento e a sensibilidade numa tentativa de romper com a concepção presente tanto na cotidianidade quanto no fazer científico, em que o agir e o fazer são opostos ao conhecer. Este enfoque para pensar os estudos de usuários demanda uma abordagem interdisciplinar em suas teorias e empirias, mantendo no horizonte de expectativas a ideia de que as reflexões teóricas fundadoras do campo também possibilitam uma epistemologia prática, uma vez que consideram a possibilidade de diálogo entre os campos da ação e da representação (PAVIANI, 2013, p. 18).

A problematização de um objeto empírico a partir do chamado “paradigma social” é um trabalho de “contextualizar” ou “recontextualizar” a informação sob o prisma de seus produtores e do cenário no qual estão inseridos. É necessário historicizar a relação teoria/prática que produz a informação considerando que o conteúdo e o conceito são compreendidos numa relação tensa com uma série de critérios de seleção e valores, numa dinâmica de continuidades e discontinuidades temporais e no momento de seus usos por sujeitos específicos. As fontes do cotidiano e as experiências individuais não devem ser alocadas imediatamente no “contexto social”, ou em um passado prefigurado. Segundo Certeau (1994), há no cotidiano uma dimensão epistemológica que nomeia, corta, codifica e enquadra as experiências. Investigar essa pequena história em contraponto aos grandes fatos da “grande história” é remontar aos lugares privilegiados das lutas sociais e aos aspectos de esperanças e significações que foram invisibilizadas numa totalidade abstrata.

Frente às limitações de um método apropriado para capturar uma experiência subjetiva dotada de sentidos diversos e inserida no terreno da experiência histórico-

cultural (ARAÚJO, 2009, p. 203), parece imperativo discutir conceitos de experiênciaⁱⁱⁱ capazes de envolver práticas de rememoração, seleção, esquecimento e atualização de conceitos, expressão de identidades e a construção de valores de pertencimento a uma comunidade de sentido ou uma tradição.

Paulo Freire, em *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*ⁱⁱⁱ, oferece uma inspiração para pensar o conceito de experiência que permite uma leitura das vivências dos sujeitos para impulsionar emancipações. Com isso nos dá a chance de repensar nossas próprias concepções epistemológicas e políticas admitindo a reconstrução do conhecimento a partir da realidade concreta das classes populares e de uma crítica da modernidade, como concepção linear, e da crítica da razão, que seria capaz de domesticar as subjetividades e experiências individuais ou coletivas.

A questão metodológica colocada para o campo dos Estudos de Usuários sofre, nessa perspectiva, uma alteração significativa. Segundo González-Teruel (2012), o enfoque nos sujeitos informacionais pode ser fundamentado nas características da própria metodologia qualitativa, o que implica em orientar-se pela ideia de intersubjetividade e multiplicidade da própria realidade diferentemente do enfoque das pesquisas quantitativas que buscam objetivar e unificar a realidade. O “contexto” é o lugar onde os sujeitos estão e atribuem significados às suas ações, não o laboratório. O investigador interage com o investigado e não se aliena de sua experiência. Os resultados da pesquisa são de interesse comum e permitem compreender as singularidades dos processos de investigação sem generalizações e preleções. Tais pesquisas dedutivas constroem categorias e dados e existem inúmeras formas de fundamentá-las conceitualmente. Do ponto de vista dos estudos sobre a documentação, são estratégias flexíveis que canalizam processos de investigação e construção teórica partindo de dados reconhecidos por meio do enfoque qualitativo-dedutivo (GONZÁLEZ-TERUEL, 2012).

Todavia, a crítica às teorias da representação, à medida que elas dificultam a visibilidade das vivências dos sujeitos como parte de suas explicações sobre o social, não nos leva necessariamente a um outro lugar analítico menos ingênuo em suas explicações que nos ajudaria a não cometer outros erros na pesquisa. A proposição de um roteiro que considere os usuários sujeitos de práticas informacionais é ainda um desafio a ser enfrentado com os limites metodológicos aqui apresentados.

A bibliografia sobre os Estudos de Usuários na Ciência da Informação indica que essa temática tem início com pesquisas empíricas nas bibliotecas norte americanas nos

anos de 1930 e sofre uma intensificação na Inglaterra da década de 1970, quando se consideram abordagens sobre os “usos da informação por determinados grupos e as “necessidades” de caracterizar o indivíduo usuário da informação. Frente a toda esta tradição de investigação, quando avaliamos instituições brasileiras concretas verificamos que as práticas de pesquisa estão muito distantes de suas realidades. No Caso da Biblioteca Antônio Torres, não há nenhum estudo sobre a instituição ou seus usuários. O que pode sugerir que mesmo as abordagens mais tradicionais sobre os usuários poderiam contribuir para um “conhecimento, o aperfeiçoamento, e o entendimento das relações e distribuição de recursos de sistemas de informação e tantos outros aspectos direta ou indiretamente relacionados à informação” (PINHEIRO, 1982, p. 5).

O conceito de usuário resulta de longa tradição de pesquisas no campo da Ciência da Informação e é objetivado em diferentes públicos, sujeitos e interações nos processos de recriação empírica dos objetos de pesquisa. O usuário é sujeito histórico, que estabelece fronteiras entre sua identidade e as diferenças dos cenários em que se inscreve. Mais que sustentar que o usuário é uma classe, uma quantidade, uma ordem, ou quaisquer outras categorias, a proposição aqui defendida é o que o usuário é sujeito de experiência e que dialoga com os produtos da informação e cria práticas sociais de significação.

Aproximar as linhas de investigação do universo das práticas cotidianas nas instituições pode ser feito não procurando reconstituir um *déficit* de pesquisas, mas situar estes novos estudos a partir das experiências dos indivíduos ou grupos cujos cenários de busca, gestão, difusão e uso da informação se apresentam frente aos sistemas (virada cognitiva) com base na ideia de comportamento informacional. Trata-se de uma perspectiva que condiciona a maneira como a informação é interpretada e usada ao próprio mapa do usuário, que gera ele mesmo modelos teóricos, justificativas, intervenções e metodologias para validar suas práticas informacionais e transformar-se em provedor de seu próprio conhecimento.

A realidade dos usuários pode ser pensada frente aos instrumentos e políticas das instituições, como se afetam mutuamente e como as atividades dos profissionais conformam determinadas práticas, observadas e compreendidas nas condições específicas no qual acontecem e sem a pretensão de controlar ou aplicar tais resultados em outros contextos. Se o usuário desenvolve habilidades de leitura de fontes

documentais, como os jornais do século XIX, por exemplo, este mesmo contexto que lhe permite uma “competência” limita uma leitura mais ampla e o acesso a outras fontes de informação. Explicar a relação do usuário com a instituição não é explicar um fenômeno isolado, mas também não é compreender e controlar todo o fenômeno e o seu entorno.

É importante destacar que as teorias sociais ligadas a fundação e desenvolvimento da Biblioteconomia, como o behaviorismo, o funcionalismo, o estruturalismo, o pragmatismo, o construtivismo e o interacionismo, cada um com uma maneira de considerar o usuário, não deixaram de existir nos universos de formação acadêmica e menos ainda de orientar práticas sociais em determinadas instituições. Permanecem como formas de “redimensionamento histórico-social dos estudos de usuários, política de acervo, uso das fontes de informação, elaboração de produtos e serviços de informação, preservação da memória etc. aplicados em bibliotecas e outros ambientes de informação” (SILVA, 2018, p. 33).

Esta perspectiva de biblioteconomia social nos interessa à medida que defende o foco nos sujeitos e implica reconhecer sua autonomia. É o usuário quem constrói suas próprias informações por meio das *práticas informacionais* (mediações, políticas, programas, projetos, eventos, estudos, pesquisas, visitas, serviços, produtos, tecnologias da informação). É importante enfatizar que as práticas informacionais institucionais, defendidas pela biblioteconomia social, não comparecem apenas aos lugares clássicos como as bibliotecas físicas. Podem estar em qualquer lugar em que estejam os sujeitos informacionais (escolas, universidades, ambientes de trabalho, lazer, residência etc.), primando pela multiplicidade e opção do acesso presencial e/ou virtual.

O usuário entendido como um sujeito, não um objeto ou uma ação genérica, se apresenta assim como o ator principal, possui interesses e conhecimentos tácitos e é socialmente constituído, elabora perguntas, respostas e caminhos para suas demandas. O protagonismo na ação do usuário cria significados complexos e dinâmicos. O postulado das práticas informacionais procura dar uma dimensão intersubjetiva a própria informação de maneira que as identidades dos usuários e os usos socialmente constituídos liguem-se diretamente às experiências dos sujeitos.

3 BIBLIOTECA, ARQUIVO OU MUSEU: DA INVISIBILIDADE DA BIBLIOTECA ANTÔNIO TORRES À VISITAÇÃO AO MUXARABIÊ

O Jornal *Voz de Diamantina* noticiava em uma pequena nota, em agosto de 1954, a criação da Biblioteca Antônio Torres associada ao nome de Juscelino Kubitschek, então governador de Minas Gerais, que havia defendido junto à Câmara dos Deputados a proposta de criação da Biblioteca e do Museu do Diamante. O nome Antônio Torres aparece como uma homenagem ao escritor e diplomata diamantinense.

A multiplicidade do acervo documental da Biblioteca constituído de parte arquivística e de parte bibliográfica testemunha a cultura do impresso entre os séculos XIX e XXI. Os documentos cartoriais dos séculos XIX e XX são bastante consultados por pesquisadores profissionais. A biblioteca possui 8.185 documentos do 1º e 2º Ofício entre os períodos de 1781 a 1959 organizados em 299 caixas. Conta também com 164 Livros de Registro do 1º, 2º e 3º Ofícios do período de 1806 a 1902. Século XX: Possui 15.234 do período de 1832 a 1978 organizados em 493 caixas.

Os documentos particulares, ao todo seis arquivos, são os menos consultados. Arquivo de Antônio Torres: 241 documentos de 1826 a 1934; Arquivo Godofredo Filgueiras Filho: 25 documentos de 1929 a 1983; Arquivo Cônego Severiano Campos Rocha: 09 documentos sem data; Arquivo José Teixeira Neves: 145 documentos de 1945 a 1968; Arquivo Delenda Carthago: 06 documentos de 1910 a 1911; Arquivo Ciro Arno: 02 documentos sem data. Partituras: Cerca de 200 partituras de 1877 a 1908. Iconografia: Cerca de 14 estampas de 1899 a 1960.

Os jornais são um total de 88 títulos, totalizando mais de 3224 exemplares todos em papel, sem qualquer tratamento em meio digital. Alguns só existem no formato impresso própria Biblioteca Antônio Torres. A Catedral, A Diamantina, A Estrela Polar, A Família Maçônica, A Floresta, A Gazeta, A Idea Nova, A Verdade, A Voz do Norte, Cidade de Diamantina, Decreto, Diamantina, Diário do Rio, Folha do Dia, Gazeta Tijucana, Jornal do Comércio, Liberal do Norte, Monitor do Norte, Nova Diamantina, O Aprendiz, O Arariboia, O Atomo, O Azorraque, O Beija-Flor, O Canarinho, O Cathólico, O Conciliador, O Correio de Minas, O Demolidor, O Diamante, O Diamantinense, O Diamantino, O Echo do Serro, O Futuro, O Imparcial, O Itambé, O Jequitinhonha, O Momento, O Mucury, O Município, O Nordeste, O Normalista, O Norte, O Novo Argos, O Operário, O Peixe Vivo, O Perereca, o

Piruruca, O Porvir, O Pygmeu, O Restaurador, O Sete D’Abril, O Tambor, O Tempo, O Tic Tac, Pão de Santo Antônio, Sete de Setembro, Voz de Diamantina, Voz do Povo, Voz Feminina, entre outros, são títulos que testemunham a vida do Tejuco e região do Vale do Jequitinhonha e são amplamente consultados por pesquisadores.

Esta biblioteca também guarda outra peculiaridade que a coloca como privilegiada para a discussão das *práticas informacionais*: um edifício tombado pelo IPHAN antes mesmo da criação da biblioteca e da constituição da coleção documental e bibliográfica. (IPHAN-MG, S/D).

Do ponto de vista de seus usuários a instituição é vista, ao longo de sua trajetória histórica^{iv}, como um misto de museu, arquivo e biblioteca à medida que os próprios usuários se identificam como estudantes, visitantes, consulentes e pesquisadores. O caráter patrimonial é aquele que se apresenta para os visitantes da Biblioteca. Ao tomarmos a edificação, localizada no centro de Diamantina e considerada como uma construção singular do chamado período colonial mineiro, podemos dizer que ela representa a função de um *museu*. É algo perceptível ao receber visitas agendadas e espontâneas de diversos públicos (estudantes, professores, excursionistas, grupos organizados por agências, etc.) que percorrem os cômodos da “Casa” descritos por um/uma funcionário/a da biblioteca que chama a atenção para detalhes como a conservação de um balcão de “procedência mourisca” fechado com treliças e que se projeta, no segundo andar do edifício, para a rua juntamente com duas outras sacadas em madeira. Este balcão é identificado como uma forma original de Muxarabiê, “destinado a assegurar a ventilação, sobra e maior privacidade, sobretudo às mulheres” (Livro do Tombo, p. 108). A visita apresenta a estrutura interna do prédio com grande pátio contornado por varanda e pequenos cômodos nos quais estão acomodadas as coleções documentais e bibliográficas. A parte inferior do edifício é apresentada como um “local onde os escravos ficavam”.

A tentativa de aprofundar alguns detalhes desta narrativa oral sobre o edifício, ou encontrar outras narrativas sobre o prédio da Biblioteca, por meio de referências bibliográficas e documentais existentes na própria Biblioteca, resultou na apresentação por parte do funcionário responsável de atas, revistas, livros de memórias, todas as referências muito genéricas. Neste conjunto de obras de referência se confirma que a doação do prédio à União foi feita “no ano de 1942 por Virgínea Neto Aguiar, sendo tombado pelo IPHAN em 28 de junho de 1950 através do Processo Nº 429-T-50, Inscrição

Nº 372, Livro de Belas Artes, folha 75”. Não há detalhes sobre as condições físicas da casa naquele momento, também não há dados sobre a doadora. Da mesma forma, não foi localizado o processo ou outra documentação sobre a casa. Naquele momento da investigação, toda questão relativa à pesquisa documental era remetida ao Escritório Regional que fica em outro edifício, a chamada Casa Chica da Silva, sede do Escritório Regional do IPHAN. Outra pesquisadora que demandava documentos sobre o tombamento de outros edifícios e que se encontrava na sala de consulta nessa mesma ocasião também foi orientada para que procurasse o escritório regional.

Em outro momento da investigação foram realizadas quatro entrevistas com os usuários escolhidos a partir de um “mapa” construído a partir das observações e pela visita realizada por estudantes da educação básica. Priorizou-se dois profissionais que testemunham a rotina da Biblioteca há mais de trinta anos^v. Também foram entrevistados dois pesquisadores, um jovem e outro um professor universitário com maior experiência de pesquisa.

O principal objetivo das entrevistas era traçar uma história do usuário com a Biblioteca. A usuária, que também responde pela gestão do espaço à medida que o escritório regional se encontra em outro imóvel, quando perguntada sobre o que mais impressiona aqueles que visitam o edifício, construiu uma *tipologia dos visitantes* a partir de suas impressões e conhecimentos adquiridos ao longo de muitos de trabalho na instituição. Para ela, são diferentes “categorias de visitantes”:

Tem aquele esporádico, que está na cidade, vê o prédio e sobe. O que a gente tem é uma visita guiada. (...). Tem vários tipos de visitantes, tem aquele que mal escuta o que você está falando e tem aquele que quer saber dos detalhes de tudo. Quer saber até porque aquela fechadura é assim. É prazeroso quando a gente pega esse visitante que quer saber de tudo. Tem a visita de escolas. Geralmente são agendadas.

P- As escolas de Diamantina têm vindo?

R- Em geral tem vindo. Depende muito do professor. São os mesmos professores. Eles mudam de escola e continuam vindo. Vem escolas particulares de outras cidades. Tem uma aula-passeio da universidade aqui. Visita/aula, a gente explica toda a biblioteca e no final o professor explora alguns documentos. É uma aula temática. Ele vem dá uma aula prática e utiliza a biblioteca. Mostra os documentos, os jornais, como é feita a higienização, a conservação como é feita, os materiais que a gente usa. (Usuário 1)

Esta separação entre os visitantes e os pesquisadores é apontada no Livro de Registro, que contém poucas informações, basicamente a data, o local de origem do usuário e se se trata de uma pesquisa ou visita. A partir dessa anotação os responsáveis encaminham uma primeira abordagem na sala de consultas.

Os imóveis públicos tombados em Diamantina e vinculados diretamente ao IPHAN têm um histórico bastante intrigante. Disputas entre o público e o privado, entre o poder municipal legislativo, executivo e o IPHAN levam à demora da definição legal sobre o tombamento do casario. O prédio do Muxarabiê, ao que indicam as pesquisas de Julião (2008), Oliveira (2016) e Fassy (2016), seria a sede do Museu do Diamante. Pelo que informa um telegrama do diretor do IPHAN o processo de tombamento foi concluído em 1950 e só em 1954 estava pronto para receber o Museu do Diamante.

P- A visita aqui na Biblioteca mantém uma certa regularidade? Como é?

R- Bem menos que o Museu, mas sempre tem turistas.

P- O turista ele vem com a referência da Biblioteca ou ele fica sabendo quando chega aqui que é uma Biblioteca?

R- Ele vem sabendo por meio de sites, nas próprias pousadas eles ficam sabendo dos pontos turísticos. A casa do Muxarabiê. O prédio. Vem mais pelo prédio, eles chegam aqui para ver a Casa do Muxarabiê e não a Biblioteca, não sabem que aqui funciona uma biblioteca (Usuário 2).

Outro visitante também se impressiona com o prédio

R- O primeiro contato que eu tive com a Biblioteca Antônio Torres foi através do Ensino Médio, com minha professora de História, a Sophia (tem um sobrenome grego), ela sempre levava a gente. Eu lembro só dela, acho que no Ensino Médio a gente veio aqui umas duas vezes (...) E quando a gente conhece a BAT da maneira que é apresentada. Foi uma visita guiada quando eu vim e foi uma maneira assim de conhecer a história de Diamantina. O prédio tem peculiaridades, o Muxarabiê. Não sei se me influenciou, mas com certeza me encantou das primeiras vezes que eu vim.

P- O que mais chamou a atenção na época? O prédio? Os livros?

R- Principalmente o que eu me lembro, a discussão se na época do Ensino Médio, se a parte da Biblioteca de baixo era uma senzala, ou não.

Especulavam que aqui era uma senzala, a gente não sabia. Quando eu entrei aqui, olhava e ficava imaginando, a parte de baixo e eu ficava imaginando como era a circulação de pessoas ali a situação das pessoas. Imaginava a quantidade de conteúdo historiográfico, claro que eu aprendi esse termo depois, mas a quantidade de história que tem aqui na Biblioteca (Usuário 3).

O impacto da arquitetura não é menos importante para outro usuário, que se identifica como pesquisador da biblioteca.

P- Para você a Biblioteca Antônio Torres aparece com essa ideia de um museu, de um arquivo e ou de uma biblioteca? Essa questão faz diferença para a pesquisa?

R- Olha, por um lado eu não posso dizer que faz diferença para a pesquisa, faz, mas depois de um primeiro momento com a biblioteca eu passei a me relacionar com a Biblioteca como um arquivo, como uma instituição como arquivo. Meu interesse principal na Biblioteca é como um arquivo porque ela contém um acervo que me interessa como pesquisador e me forneceu elementos importantes para as minhas pesquisas. (...) Estando lá para pesquisar eu acho que essa situação de uma casa que teve vários usos ao mesmo tempo é algo interessante, gostoso de viver eu acho que ambientação colabora com o sentido que a gente com a pesquisa e um pouco

estranho eu falar isso, mas estar naquele lugar parece que me exige um certo comportamento por estar ali, certo respeito aquele lugar (Usuário 4).

Os quatro usuários ressaltam o papel específico da Biblioteca em sua formação profissional e pesquisas, bem como o papel de documentos específicos só existentes na biblioteca, como a coleção de jornais de Diamantina dos séculos XIX e XX. O atendimento cuidadoso dos funcionários e seu conhecimento das coleções também são ressaltados nas entrevistas. Entretanto, estar presente em um local que foi objeto de vários usos e práticas no passado e que carrega uma dimensão de deslocamento temporal, de questionamento das experiências de estar no tempo presente, imediato, mas influenciado por processos que estão em outras situações e condições, provoca novas experiências aos usuários para além das demandas de uso da própria informação.

Um quadro teórico e metodológico favorável ao diálogo entre as áreas de museologia, biblioteconomia, arquivologia e ciência da informação pode ajudar na compreensão de questões que ficam na fronteira, ou numa zona de confluência entre a empiria e a teoria, um pensar sobre os princípios e ambiguidades das práticas que organizam os diversos campos nos quais as instituições se configuram e se diferenciam para os usuários, sujeitos de práticas de visita, pesquisa, estudo e leitura.

A questão que se coloca para o estudo de uma Biblioteca cujo edifício e o próprio acervo podem ser considerados “patrimoniais”^{vi}, do ponto de vista de um *olhar informacional*, ou seja, dos diversos sujeitos que se interessam por suas coleções, ou que apenas visitam seu prédio, é de aprofundar suas particularidades associadas a sua função social. A biblioteca Antônio Torres é então um conjunto de fontes e práticas passíveis de investigação no campo da Ciência da Informação, entendida como campo teórico e empírico capaz de fazer dialogar com as similaridades e diferenças entre as instituições arquivos, museus e bibliotecas em práticas interdisciplinares em cenários profissionais e de formação teórica.

Examinar as *práticas informacionais* implica em discutir essa vertente “patrimonial” da Biblioteca a partir da relação com seus *usuários*. No caso aqui apresentado, em que medida ela se aproxima ou se distancia, ao longo de sua trajetória, de diferentes públicos ou *sujeitos informacionais*. Um primeiro olhar sobre a biblioteca é aquele dos estudantes de Educação Básica que formam um público em visitas escolares ao longo dos anos. A Biblioteca está aberta a esse público e é apresentada com uma

narrativa oral sobre o prédio e o acervo da biblioteca. Alguns aspectos dessa visita são analisados a seguir.

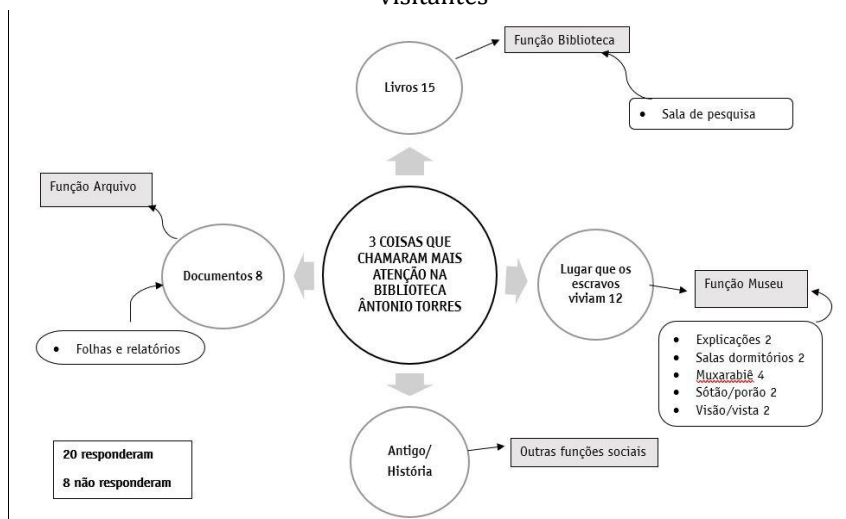
A visita ocorreu como parte de um projeto desenvolvido em escolas públicas na cidade de Diamantina, cujo objetivo central era potencializar ações educativas de interpretação do patrimônio, apropriação e usos dos bens preservados considerando os estudantes. Uma das visitas realizadas ao chamado “centro histórico” por estudantes de uma escola localizada fora do circuito do tombamento e as atividades desencadeadas em sala de aula, como desdobramento, são aqui utilizadas para debater os significados atribuídos por uma turma de estudantes da educação básica à Biblioteca Antônio Torres frente ao conjunto dos locais visitados e ao que viram durante a visita. O instrumento utilizado foi um inquérito pós-visita, respondido em sala de aula, cujo primeira parte era composto de questões gerais sobre o número de vezes que visitou cada ponto da cidade e o que mais gostou em cada um deles. A intenção aqui é destacar o momento da visita à Biblioteca, mas é importante considerar que o circuito foi realizado a pé, saindo do bairro e percorrendo os principais pontos de referência turística, passando pela Casa da Glória, onde funciona o Centro de Geologia Eschwege, ligado à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pelo prédio do Campus I da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), pelo Hotel Tijuco, um dos prédios projetados em Diamantina pelo arquiteto Oscar Niemeyer, pelo Museu do Diamante, pelo Mercado Velho, local onde ocorrem eventos culturais e feiras artesanais, e pela Biblioteca Antônio Torres.

O grupo totalizou 28 estudantes, acompanhados por sete universitários, uma professora da escola e por mim, professora da universidade e coordenadora do projeto. Ao longo do percurso foram dadas explicações, pelos estudantes universitários, acerca dos prédios e lugares que compõem o circuito do tombamento. Muitos dos estudantes da educação básica não sabiam ao certo a história e os usos dos espaços presentes na caminhada, por isso foi elaborado com antecedência um roteiro para explicar cada ponto durante a passagem. Acostumados à rotina de sala de aula, ou mesmo não estando presentes nesses ambientes, a maioria dos estudantes não sabia dizer a função social desses locais. No inquérito pós-visita se confirmou essa visão. Apenas dois estudantes conheciam ou já haviam visitado os monumentos destacados, indicaram que já haviam visitado o Museu do Diamante duas vezes, a Casa da Glória e a Biblioteca Antônio Torres uma vez.

Após percorrer vários pontos da cidade, realizar uma pausa para o lanche no Mercado Velho que fica na Praça Barão de Guaicuí, foi realizada a visita à Biblioteca Antônio Torres, ou Casa do Muxarabiê. O prédio está localizado em terreno estreito e ocupa todo o terreno. Há um pátio quase retangular e vai até os fundos do terreno com estrutura em pau-a-pique parcialmente substituída por alvenaria de tijolos.

Após a visita foi aplicado em sala de aula um instrumento de registro e avaliação composto de dezenove questões divididas em três partes que poderiam ser respondidas, ou não, pelos estudantes. A primeira parte solicitava informações básicas sobre idade, gênero e anos de escolaridade. A segunda parte avaliava o número de vezes que visitou cada ponto turístico e solicitava que o estudante escrevesse três coisas que mais gostou de cada um dos locais. Foram listados o “Centro histórico de Diamantina”, a Casa da Glória, O Museu do Diamante e a Biblioteca Antônio Torres. A terceira parte do inquérito avaliava visitas a museus^{vii}. Quando perguntados quais dos pontos visitados eles mais gostaram, as respostas ficaram divididas entre o Mercado Velho, o Museu do Diamante e a Casa da Glória. A Biblioteca foi apontada por apenas um estudante.

Figura 1 - O que mais chamou a atenção na visita à Biblioteca Antônio Torres - Inquérito visitantes



Fonte: Esquema elaborado pela autora

Dos 28 estudantes que participaram da visita à Biblioteca Antônio Torres apenas dois já a haviam visitado. Entretanto, em apenas uma visita os estudantes da educação básica parecem identificar as três “funções” da Biblioteca Antônio Torres. Quando

perguntados, após a visita, sobre as três coisas que mais gostaram na Biblioteca as respostas foram “livros”, “o lugar que os escravos viviam” e os “documentos”.

Ainda que possa parecer óbvio relacionar livros a biblioteca, esta associação na Biblioteca Antônio Torres não é tão evidenciada. Há livros nas salas ao longo de dois corredores laterais, mas a biblioteca prioriza sua coleção documental, seus usuários habituais são consulentes especializados em história local e regional e não há empréstimos de livros. Entretanto, esta “função” de uma biblioteca pode estar no imaginário dos estudantes que a reconhecem ali, quer pelo nome, quer pelos objetos nas estantes de uma Biblioteca. É importante lembrar que houve um momento em que os usuários da Biblioteca Antônio Torres eram predominantes estudantes que utilizavam uma sala de leitura e consultavam enciclopédias e livros para trabalhos escolares. Também houve um curto período da história da biblioteca em que ela realizava empréstimos domiciliares.^{viii}

Os estudantes reconhecem outra “função” que podemos identificar como de um museu, ainda que eles não tenham visitado outros museus. O fato do local ser identificado como uma “senzala” chama muito a atenção e o destaque para tais peculiaridades faz com que seja lembrado no pós-visita. A visão e a vista das sacadas também chamam a atenção, todos querem ver a rua do segundo andar, ver de dentro do Muxarabiê, percorrer as salas e ir do sótão ao porão. A casa é percebida neste momento como um museu e não como uma biblioteca.

A terceira “função” que os estudantes podem experienciar é a de um arquivo. Não exatamente aquele arquivo que os pesquisadores utilizam, mas eles também são apresentados a folhas e relatórios antigos que classificam como “documentos”. Tudo isso marcado pela ideia de o centro da cidade e seu casario ser lugar do “antigo”, da “história” diferente do local onde moram, que é “novo”.

Podemos inferir que os jovens estudantes reconhecem nesta instituição uma diversidade de *práticas informacionais*. Pelo olhar dos estudantes pode-se deduzir que há um usuário específico de arquivo (consulente), de museu (visitante) ou de uma biblioteca (leitor). Este usuário pode ser uma mesma pessoa, ou vários sujeitos que realizam diferentes práticas como a leitura e reprodução de um trecho de um documento, uma mirada pelo casarão da biblioteca, identificando seus usos no passado, ou anotações a partir de um livro referência ou de memorialistas sobre a cidade de Diamantina.

4 CONCLUSÃO

Ao observar uma biblioteca e seus usuários pode-se concluir que suas atividades cotidianas talvez não tenham sido suplantado um modelo patrimonialista dos “tesouros”, a serem custodiados, ou um “modelo tradicional tecnicista”, no tratamento dos acervos. No caso da instituição destacada nesse artigo, a Biblioteca Antônio Torres em Diamantina (MG), é importante ressaltar que esta instituição não apresenta em suas ações cotidianas uma separação rígida entre as funções de arquivo, biblioteca e museu e, menos ainda, não se apresenta claramente a diferentes públicos com todas as potencialidades pedagógicas decorrentes da riqueza de linguagens documentárias e seus conteúdos específicos. Inclui-se também a questão do próprio edifício, entendido como parte do acervo e objeto de práticas específicas de interpretação pelos usuários/visitantes. Não se trata apenas de estratégias da Biblioteca para criar visualidade, mas de uma materialidade/lugar central na própria lógica da instituição que se apresenta neste caso mais museológica que bibliográfica ou arquivística. Os conteúdos (acervos documentais, bibliográficos e coleções) colocam-se dentro de um plano, se apresentam simbolicamente e são aceitos socialmente como parte de uma cultura universal e voltados a um público universal, uma vez que a própria cidade se define como patrimônio da humanidade.

No caso da instituição destacada nesse artigo, a Biblioteca Antônio Torres em Diamantina (MG), inclui-se também a questão do próprio edifício, entendido como parte do acervo e objeto de práticas específicas de interpretação pelos usuários/visitantes. Não se trata apenas de estratégias da Biblioteca para criar visualidade, mas de uma materialidade/lugar central na própria lógica da instituição que se apresenta neste caso mais museológica que bibliográfica ou arquivística. Os conteúdos (acervos documentais, bibliográficos e outras coleções) colocam-se dentro de um plano, se apresentam simbolicamente e são aceitos socialmente como parte de uma cultura universal e voltados a um público universal, uma vez que a própria cidade se define como patrimônio da humanidade.

Considerando uma tentativa de sair do nível representacional para pensar os atores sociais e suas práticas informacionais, os estudos de usuários se aproximam, em um primeiro momento, da abordagem que tematiza uma biblioteca que ainda não atingiu uma digitalização mínima de seus acervos e que é tratada de maneira quase

individualizada no que se refere às necessidades de mediação profissional junto aos usuários. Um ambiente informacional que, quanto ao *uso* e acesso, aprofunda uma vertente patrimonial da Biblioteca e as consequências de uma tipologia nas suas atividades cotidianas, implicando na percepção de como os seus atuais usuários podem ampliar esse uso social e público da biblioteca.

A Biblioteca entendida como um lugar onde texto e leitor ainda se encontram: pesquisadores, curiosos, silenciosos e falantes. Ela faz circular entre aqueles que procuram seus espaços uma preocupação com uma dimensão pública da leitura e uma tradição que abraça um projeto intelectual que considera a conservação do gesto da leitura necessária frente a outros gestos de dispersão da experiência.

Ao reforçar o lugar de seus atuais usuários como consulentes a biblioteca invoca sua função de preservação. O usuário possível nestes termos é um pesquisador especializado com bastante tempo para se dedicar a consulta no local. Entretanto, como procuramos mostrar a própria instituição entende e atende outros públicos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. G.O. (org.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ARAÚJO, C. A. Á. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível**. Brasília: Briquet de Lemos; São Paulo: Abrainfo, 2014.
- ARAÚJO, C.A.Á. et al. Consolidação do diálogo entre Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: a contribuição brasileira. **Bibliotecas. Anales de Investigación**, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 207-217, jun. 2018. Disponível em: <http://revistas.bnjm.cu/index.php/anales/article/view/4250>. Acesso em 23 jul. 2018
- ARAÚJO, C.A.Á. Um mapa da Ciência da Informação: história, subáreas e paradigmas. **ConCl. Conv. Ciência da Informação**. São Cristóvão, SE, v.1, n.1, p. 45-70, maio/ago.2018.
- ARAÚJO, C.A.Á. A perspectiva de estudos sobre os sujeitos na Arquivologia, na Biblioteconomia e na Museologia. **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e documentação da UFRGS**. Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 213-238, jan./jun. 2013.
- ARAÚJO, C.A.A. Estudos de usuários da Informação como campo potencializador das aproximações entre a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. *In*: MURGUIA, E.I; RODRIGUES, M.E.F. (org.). **Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação: identidades, contrastes e perspectivas de interlocução**. Niterói: Editora da UFF, 2012. V2, p.181-202.
- ARAÚJO, C.A.Á. Um mapa dos estudos de usuários da informação no Brasil. **Em questão**. v.15, n.1.p.11-26, jun./jul,2009.
- CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. *In*: **Encontro Nacional De Pesquisa em Ciência da Informação**, 5, 2003, Belo Horizonte. *Anais*. Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-

Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.

CUNHA, M. B. Metodologia para estudo dos usuários da informação científica e tecnológica. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 5-19, 1981.

FASSY, M.M. **Museu Do Diamante, Diamantina, MG: o projeto de construção de uma identidade nacional por meio da criação de museus em Minas Gerais pelo SPHAN nas décadas de 1940-1950**. Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Ciências Humanas) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2016.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudos de usos e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 43-60, set./dez. 2012.

GONZÁLEZ-TERUEL, A. Investigación sobre usuarios y realidad de la gestión de unidades de información. Interacciones posibles y necesarias. In: MURGUIA, E. I.; RODRIGUES, M.E.F(org). **Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação: identidades, contrastes e perspectivas de interlocução**. Niterói: Editora da UFF, 2012. (Coleção Estudos da Informação, 2). p. 181-202.

JORNAL Voz de Diamantina. Ano III, n.18, Diamantina, 1º de agosto 1954.

JULIÃO, L. **Enredos museais e intrigas da nacionalidade: museus e identidade nacional no Brasil**. Tese (Doutorado), Belo Horizonte: UFMG/ FAFICH/Departamento de História, 2008.

SPHAN. Serviço de Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Livro do Tombo**, 1938, p. 108.

MOREIRA, F.M.; DUARTE, A.B.S. O paradigma social da informação e as teorias sociais: relações e contribuições. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v.11, n.1, p. 169-178, 2016.

OLIVEIRA, L.A. **Antiquário, coleções particulares e religiosa na origem da instituição do Museu do Diamante, Diamantina, MG**. Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Ciências Humanas), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2016.

PAVIANI, J. **Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico**. Caxias do Sul: EDUC, 2013

PEREIRA, T.I. A vida ensina: o “saber de experiência feito” em Paulo Freire. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, p. 112-125, jun. 2017. ISSN 1517-1256. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/6896>. Acesso em: 18 jul. 2018. doi: <https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.6896>

PINHEIRO, L. V. **Usuário-Infomação: o contexto da ciência e da tecnologia**. Rio de Janeiro: LTC/IBICT, 1982.

ROLIM, E. A.; CENDÓN, B.V. Modelos teóricos de estudos de usuários na ciência da informação. **DataGramZero**, v.14, n.2, p. A06, 2013. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/11781>. Acesso em: 24 Jul 2018.

SAVOLAINEN, R.; WILSON, T.D. Social phenomenology. In: WILSON, T. D. **Theory in information behaviour research**. 2013, p. 141-158.

SILVA, J. L. C. Perspectivas sociais em biblioteconomia: percepções e aplicações. In: **Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o Século XXI**. SPUDEIT, D. F. A. O. MORAES, M.B. (org.). São Paulo: ABECIN Editora, 2018. 278 p.

NOTAS

ⁱ Outra perspectiva diferente da aqui adotada é apresentada por Schutz (1964, p. 93) que trabalha com o conceito de experiência prática a partir de conhecimentos socialmente distribuídos por tipos ideais: “o homem da rua”; o “cidadão bem informado” e “o especialista”. Citado por SAVOLAINEN e WILSON (2013, p.143)

ⁱⁱ “A obra de Paulo Freire é referência em suas concepções antropológicas, epistemológicas, políticas e éticas, ofertando premissas teóricas que oportunizam a reconstrução do conhecimento a partir da realidade concreta das classes populares”. Ver PEREIRA, 2017, p. 112-125.

ⁱⁱⁱ A pesquisa documental não levou a muitos indícios para o período que vai da fundação da Biblioteca em 1954 até a década de 1990, quando temos pastas com fichas de empréstimos de livros, Livros de Visitas e Termos de Empréstimo e Requerimentos de Documentação que permitem levantamento de dados sobre os diferentes tipos de usuários.

ⁱⁱⁱ Entendemos que os servidores podem ser identificados como os principais usuários uma vez que eles são aqueles que promovem as exposições durante as visitas, organizam documentos elaborando instrumentos de busca e auxiliam nas pesquisas na sala de consulta. Três entrevistas foram realizadas na própria Biblioteca e outra no local de moradia do usuário.

ⁱⁱⁱ Ainda que a legislação de proteção esteja limitada ao prédio e não ao conjunto de suas coleções documentais.

ⁱⁱⁱ Este questionário foi utilizado em outros trabalhos e apresentações produzidos pelo grupo de estudos ligados ao PIBID-História da UFVJM.

ⁱⁱⁱ Informações obtidas por meio entrevista com funcionário da Biblioteca Antônio Torres.

^{iv} A pesquisa documental não levou a muitos indícios para o período que vai da fundação da Biblioteca em 1954 até a década de 1990, quando temos pastas com fichas de empréstimos de livros, Livros de Visitas e Termos de Empréstimo e Requerimentos de Documentação que permitem levantamento de dados sobre os diferentes tipos de usuários.

^v Entendemos que os servidores podem ser identificados como os principais usuários uma vez que eles são aqueles que promovem as exposições durante as visitas, organizam documentos elaborando instrumentos de busca e auxiliam nas pesquisas na sala de consulta. Três entrevistas foram realizadas na própria Biblioteca e outra no local de moradia do usuário.

^{vi} Ainda que a legislação de proteção esteja limitada ao prédio e não ao conjunto de suas coleções documentais.


^{vii} Este questionário foi utilizado em outros trabalhos e apresentações produzidos pelo grupo de estudos ligados ao PIBID-História da UFVJM.

^{viii} Informações obtidas por meio entrevista com funcionário da Biblioteca Antônio Torres.



DOS ESTUDOS DE USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO AOS ESTUDOS EM PRÁTICAS INFORMACIONAIS E CULTURA: uma trajetória de pesquisa

FROM INFORMATION USER STUDIES TO INFORMATION PRACTICES AND CULTURE STUDIES: a research trajectory


Carlos Alberto Ávila Araújo¹ 

¹ Doutor em Ciência da Informação pela UFMG. Professor da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

E-mail: carlosaraujofmg@gmail.com



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: Não se aplica.

Financiamento: Não se aplica.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 26/04/2019.

Revisado em: 02/05/2019.

Aceito em: 09/05/2019.

Como citar este artigo:

ARAÚJO, Carlos A. Á. Dos estudos de usuários da informação aos estudos em práticas informacionais e cultura: uma trajetória de pesquisa. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 4, n. especial, p. 121-136, maio 2019. DOI: <https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v4iEspecial.2019.41209.121-135>

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar a trajetória intelectual da professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, tendo como eixo sua atuação na área de estudos de usuários da informação até a

consolidação do grupo de pesquisa EPIC, Estudos em Práticas Informacionais e Cultura, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCI/UFMG). Essa trajetória é apresentada em três momentos: a configuração da disciplina usuários da informação na UFMG; a ampliação das problemáticas e questões, entre os anos de 2008 e 2014; e o trabalho junto ao grupo de pesquisa EPIC. No artigo são ressaltadas as parcerias e atuações conjuntas da professora, bem como os avanços teóricos, metodológicos e empíricos dos diferentes membros do EPIC.

Palavras-chave: Adriana Bogliolo Sirihal Duarte. Estudos em Práticas Informacionais e Cultura. Estudos de usuários da informação.

ABSTRACT

The objective of this article is to present the intellectual trajectory of Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, having as its axis her work in the area of information users studies until the consolidation of the research group EPIC, Information Practices and Culture Studies, linked to the Post-Graduation Program in Information Science of the Federal University of Minas Gerais (PPGCI/UFMG). This trajectory is presented in three moments: the configuration of the discipline information users in the UFMG; the expansion of issues between 2008 and 2014; and her work with the EPIC research group. In the article the partnerships of Adriana Bogliolo are highlighted, as well as the theoretical, methodological and empirical advances of the different researchers of the EPIC group.

Keywords: Adriana Bogliolo Sirihal Duarte. Information practices and culture studies. Information users studies.

1 INTRODUÇÃO

A história da ciência é fascinante. Ela representa o desejo humano de conhecer coisas distintas (o mundo, a natureza, o universo, os animais, e também a nós mesmos), de maneiras distintas (utilizando métodos de observação, dedução, indução, experimentos) e, ainda, se relacionando com aspectos diversos como valores morais, elementos culturais, forças políticas, tabus religiosos. Ao longo de muitos séculos, mas sobretudo nos três últimos, o conhecimento humano cresceu imensamente em quantidade e qualidade, alterando profundamente nossa condição no mundo.

Mas a história da ciência, uma história de teorias, modelos, instrumentos, hipóteses, é sobretudo uma história de seres humanos. São pessoas que produziram e fizeram avançar a ciência. Pessoas que viveram em determinadas épocas, sujeitas a determinados modos de compreensão, categorias de pensamento, estruturas de premiação, valorização e marginalização. Assim, por exemplo, Galileu Galilei foi acusado e enfrentou um julgamento pela inquisição por suas teorias heliocêntricas. Charles Darwin escondeu por anos a sua teoria da evolução por medo das possíveis punições religiosas e sociais. Karl Marx chegou a ser expulso da França por conta de suas ideias. Sigmund Freud foi profundamente hostilizado pelos seus contemporâneos. Poderíamos prosseguir indefinidamente com essa lista. Tão fascinante quanto a história da ciência é a história dos seus protagonistas, dos cientistas - dos desafios que enfrentaram, das forças contra as quais tiveram que lutar, dos seus questionamentos e autocríticas que resultaram em mudanças em suas próprias teorias. Compreender a ciência é compreender não apenas seus produtos (o conhecimento científico propriamente dito) como, também, seus produtores (a vida dos pesquisadores).

Essa pequena introdução tem por objetivo demarcar o sentido deste texto. Este artigo foi produzido imediatamente após o falecimento da professora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG), ocorrido no dia 03 de dezembro de 2018. A intenção é apresentar alguns aspectos de sua vida intelectual, de seu percurso como pesquisadora. Ao mesmo tempo, este artigo se insere no âmbito da II Jornada em Práticas Informacionais, um evento do grupo de pesquisa EPIC, Estudos em Práticas Informacionais e Cultura, registrado no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e ligado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal

de Minas Gerais (PPGCI/UFMG), do qual a professora Adriana era líder, junto comigo. A existência desse grupo e a consolidação de sua temática de pesquisa - práticas informacionais - representam de maneira muito significativa a trajetória de pesquisa dela ao longo de 13 anos. Não foi o único campo de pesquisa ao qual ela se dedicou, mas foi, com certeza, o principal. Por esse motivo houve a opção de, neste artigo, apresentar a trajetória da professora Adriana a partir da evolução das preocupações com o estudo das práticas informacionais.

Neste sentido, cabe aqui uma pequena observação. Considerando que o desenvolvimento da disciplina Usuários da Informação, na ECI/UFMG, e do grupo EPIC, no âmbito do PPGCI/UFMG, foi um trabalho conjunto entre Adriana e eu, será absolutamente impossível tratar, neste texto, apenas dela. Nossas carreiras e trajetórias se entrelaçaram em vários momentos. Fomos verdadeiramente parceiros de ensino e pesquisa, além de amigos. Por esse motivo, este artigo também terá um certo tom pessoal, subjetivo. Tudo isso faz parte do processo da produção científica, inclusive as questões pessoais e sentimentais - o que torna ainda mais fascinante a descrição e o estudo da atividade científica. É a partir deste enquadramento que se propõe, a seguir, um mergulho em como se desenvolveu, na ECI e no PPGCI/UFMG, o pensamento que levou dos estudos de usuários da informação à perspectiva das práticas informacionais e suas interrelações com a cultura.

2 O COMEÇO DE TUDO: ESTUDOS DE USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO

É sempre difícil demarcar quando é o “início” de uma história. Trata-se de uma decisão arbitrária, uma escolha. Em nosso caso, contudo, há um marco que claramente pode significar um ponto de partida. Em 2005, a ECI/UFMG abriu um concurso para uma vaga de professor adjunto da área de Usuários da Informação. Havia vários candidatos, entre eles, Adriana e eu. Após a realização das provas, fomos ambos aprovados. A ECI/UFMG ganhou mais uma vaga e foi decidido que seríamos os dois contratados. Em 2006, éramos, nós dois, professores desta área na escola, para ministrar a disciplina junto ao curso de biblioteconomia (para as turmas do matutino, do vespertino e do noturno) e o recém-criado sistemas de informação no Instituto de Ciências Exatas.

O primeiro desafio que se colocava então era o de decidir como deveria ser o programa dessa disciplina – quais conteúdos, quais textos, quais unidades programáticas, quais atividades e métodos didáticos. Não nos conhecíamos até acontecer o concurso mas, uma vez contratados como professores, imediatamente começamos uma relação amistosa e decidimos que iríamos ministrar a mesma disciplina, isto é, que iríamos montar um programa comum a ser usado por ambos.

Consultamos os programas da disciplina que haviam sido ministrados até então, na escola, e também programas ministrados em outras universidades. Numa avaliação geral, nos pareceu que a disciplina tinha um perfil bastante instrumental, como uma espécie de apoio para a gestão de bibliotecas e unidades/sistemas de informação. A maior parte dos conteúdos de praticamente todos os programas era relacionado a métodos quantitativos de coleta e tratamento de dados sobre perfil de usuários e diagnóstico/avaliação de bibliotecas e sistemas de informação, mapeando usos, frequências, indicadores de satisfação, itens de necessidade. Nossa primeira avaliação era de que a área tinha potencial para ser muito mais do que isso, sem prejuízo destes conteúdos. Percebemos a ausência de uma fundamentação teórica e conceitual para esses estudos. De uma forma geral, havia apenas uma definição instrumental de conceitos como requisito, demanda, necessidade e uso; uma apresentação também instrumental de métodos de coleta de dados e algumas noções de estatística para o tratamento descritivo dos dados; e a articulação com algumas noções de planejamento de bibliotecas, para o aproveitamento dos dados levantados.

Colocamo-nos o desafio de construir um outro tipo de programa para a disciplina. Para tanto, iniciamos uma busca na literatura da área. De maneira imediata, o que mais chamou nossa atenção foi a existência de uma relevante e extensa produção científica naquilo que era chamado “abordagem cognitiva” ou “abordagem alternativa” de estudos de usuários, principalmente os trabalhos em teoria sense-making de Brenda Dervin, o modelo information seeking process de Carol Kuhlthau, os modelos de comportamento informacional de Tom Wilson e o modelo integrativo de Chun Wei Choo. Já conhecíamos algumas dessas teorias e autores, mas nos espantou o fato de que suas contribuições até então – estávamos em 2006 – eram pouco ou nada incorporadas nos programas de disciplinas de Usuários da Informação no Brasil. A primeira decisão que tomamos foi a de incorporar essa abordagem com praticamente o mesmo grau de importância da abordagem quantitativa instrumental até então em vigor. A disciplina teria, então, dois

momentos distintos: introdução, apresentação e exemplificação da primeira abordagem, a “tradicional”; e o mesmo conteúdo para a abordagem “alternativa”.

Ainda nos parecia pouco. Sentíamos falta de uma fundamentação conceitual para cada uma das abordagens, que demonstrasse de onde vinham os conceitos, os métodos de estudo, os objetivos de cada uma. Foi a partir dessa preocupação que nos dedicamos a um questionamento e um aprofundamento teórico em cada uma das abordagens. No caso da abordagem dita tradicional, o movimento foi o de buscar compreender o positivismo e o funcionalismo, as duas matrizes teóricas dessa abordagem. Mergulhamos nos fundamentos das ciências humanas e sociais para apontar os elementos centrais dessas matrizes, bem como as suas apropriações por parte dos estudos de usuários da informação. O positivismo, como se sabe, representa a transposição, para as ciências humanas e sociais, do mesmo modo de raciocínio das ciências naturais (exatas e biológicas). Isso significa a concepção de que a realidade possui um fundamento nela mesma, isto é, que pode ser objetivamente compreendida pelo método científico; a pressuposição de que a realidade é composta por regularidades, que podem ser expressas em leis; e que os aspectos da realidade relevantes são aqueles que podem ser observados e quantificados. Já o funcionalismo, que é uma vertente ou aplicação dos princípios positivistas, baseia-se numa concepção organísmica da realidade humana, isto é, compreendo as ações, instituições e atores humanos como parte de uma estrutura maior exercendo determinadas funções ou tarefas para a manutenção do equilíbrio dessa estrutura (ou, eventualmente, desempenhando determinadas disfunções).

No caso da abordagem dita alternativa, buscamos nos trabalhos dos autores mais destacados os seus fundamentos, e encontramos elementos relacionados ao construtivismo, ao interacionismo simbólico, à fenomenologia e à etnometodologia. São todas abordagens das ciências humanas e sociais que se construíram em oposição ao positivismo, calcadas nas ideias de que a causalidade dos fenômenos humanos e sociais é distinta dos fenômenos naturais (o ser humano é um sujeito consciente das suas ações, possui intencionalidade, atribui significado ao que faz) e que o caráter situacional e contextual dos fenômenos é decisivo (os fenômenos são profundamente imbricados nas realidades econômicas, culturais, políticas nos quais se inserem). Decidimos, portanto, que a disciplina deveria incluir e contemplar aspectos relacionados tanto ao positivismo e ao funcionalismo quanto às perspectivas compreensivas e fenomenológicas, buscando

ver as contribuições delas para o desenho do campo de estudos de usuários da informação.

Outra questão que nos parecia fundamental é que a disciplina não deveria ser apenas teórica, mas envolver também um trabalho de efetiva pesquisa por parte dos alunos. Nos programas que havíamos analisado, havia sempre a previsão de um trabalho de campo a ser realizado pelos alunos. Como nosso programa estava dividido em duas partes, concluímos que deveria haver dois trabalhos de campo, ou um trabalho de campo em dois momentos: um com uma pesquisa seguindo os moldes da abordagem tradicional, outro a partir dos parâmetros da abordagem cognitiva. Isso implicava a compreensão de duas maneiras de aproximação da realidade: uma basicamente quantitativa, buscando dados sociodemográficos dos usuários, indicadores de uso, de frequência, de satisfação; e outro buscando significados, interpretações, impressões, por parte dos sujeitos.

Uma vez concluída essa primeira tarefa, resolvemos ministrar em conjunto a disciplina no segundo semestre de 2006: ela assistindo às minhas aulas, eu assistindo às aulas delas. Fazíamos a seguir uma sessão de críticas e comentários, íamos incorporando um do outro sugestões, exemplos, métodos, e fomos com isso consolidando a maneira como a disciplina seria ministrada daí em diante e também sua importância dentro dos cursos de biblioteconomia e sistemas de informação, e dentro da área de ciência da informação. Nos preocupamos também em mostrar para a comunidade científica o nosso trabalho. resolvemos apresentar um pouco de nossas inquietações com a área em congressos científicos (ARAÚJO, 2007; ARAÚJO, 2008; ARAÚJO; JILOCHKIN; SIRIHAL DUARTE, 2008; SIRIHAL DUARTE, 2011) e, depois, resolvemos apresentar a maneira como se deu esse processo de construção da disciplina (ARAÚJO, 2009; ARAÚJO, 2010b; SIRIHAL DUARTE, 2012; ARAÚJO; SIRIHAL DUARTE, 2014; ARAÚJO, 2014b).

3 A AMPLIAÇÃO DAS QUESTÕES: DE 2008 A 2014

Nos anos seguintes, novos desafios foram se apresentando. As primeiras apresentações em congressos e publicações em periódicos provocaram interlocuções interessantes com outros pesquisadores brasileiros. Percebemos que havia uma grande produção científica relevante sobre o assunto, embora não sob a designação de “usuários da informação” – estudos em mediação da informação, competência informacional,

informação e cultura, informação e sociedade, entre outros. Particularmente no âmbito do grupo de trabalho 3 (GT 3 – Mediação, circulação e apropriação da informação) da ANCIB, a Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, pesquisadores vinham apresentando resultados de pesquisas com temas e contribuições fundamentais para se entender os usuários da informação, ainda que não usassem essa expressão. Era preciso conhecer essa produção, estabelecer diálogos com ela e incorporar suas contribuições, como foi feito, por exemplo, em SIRIHAL DUARTE (2009) e ARAÚJO (2012).

Um outro desafio se deu quando a ECI/UFMG criou, em 2008, o curso de graduação em arquivologia e, em 2009, o curso de graduação em museologia. Usuários da informação era uma disciplina presente nos dois cursos, e era preciso adaptar o programa da disciplina para incorporar questões, aspectos e demandas destas áreas de conhecimento. Começamos, então, a ler, discutir e estudar questões relativas a estudos de usuários de arquivos e estudos de público de museus, de forma a ampliar o escopo conceitual e teórico da disciplina de Usuários da Informação (ARAÚJO, 2013; 2014a)

Além disso, começamos algumas interlocuções internacionais, o que nos conduziu a uma série de questionamentos e descobrimentos. A primeira dessas interlocuções se deu com Martha Sabelli, pesquisadora da Universidad de la Republica, Uruguai. Mas foi 2014 o ano decisivo. Neste ano, resolvemos enviar um trabalho para o ISIC: The information behaviour conference, o evento mais importante do mundo na área de usuários da informação, que iria acontecer em Leeds, Inglaterra. Escrevemos junto o artigo e o enviamos. O trabalho foi aprovado (ARAÚJO; SIRIHAL DUARTE, 2014) e viajamos para a Inglaterra para participar do evento. Foi uma experiência decisiva. Conhecemos pesquisadores da Europa, da América, da Ásia e da África. Assistimos a apresentações muito distintas, com referenciais teóricos e objetos empíricos muito diferentes. Nos identificamos com alguns, claramente não nos agradaram outros. Mas a experiência foi importante para nos situarmos em relação à produção científica mundial. Naturalmente, já conhecíamos muito dessa produção pelas leituras, mas estar em interação face a face com os pesquisadores, e acompanhar tanto as apresentações quanto os debates, foi fundamental. Na volta da Inglaterra, ainda passamos pela Espanha, para alguns dias de reunião com Aurora González Teruel, pesquisadora da área vinculada à Universitat de Valencia. Assim como o contato com Martha Sabelli, este outro momento de diálogo foi decisivo para pensarmos sobre nossa proposta própria para a área, sua inserção no campo como um todo e sua especificidade.

Por fim, cabe destacar a ampliação do quadro conceitual que experimentamos ao longo destes anos, com a incorporação de uma terceira maneira de se estudar os usuários, situada num quadro teórico distinto das abordagens “tradicional” e “alternativa”. O modelo cognitivo, com sua lógica mecânica baseada na ideia de estímulo/resposta, sua apreensão dos sujeitos unicamente a partir de suas cognições e isolados de sua vivência social, não pareciam responder adequadamente às demandas de nossas pesquisas, nem mesmo combinar com nossos referenciais calcados no construcionismo e na fenomenologia.

Essa ampliação se deu com o tensionamento da categoria “usuário da informação” por meio de duas categorias, “sujeito” e “informação”. Na perspectiva dos sujeitos, aprofundamos as leituras e estudos nas ciências sociais e humanas em torno do entendimento das três grandes correntes de estudo que as compõem: a positivista/funcionalista, a crítica/marxista e a compreensiva/fenomenológica. Do ponto de vista da informação, avançamos nos fundamentos da ciência da informação, a partir do estudo das três grandes perspectivas de estudo que compõem a área: a fisicista, a cognitivista e a pragmaticista ou sociocultural. Esse foi, aliás, o trabalho que apresentamos em Leeds e sobre o qual buscamos o escrutínio da comunidade internacional. Tratava-se de perceber que o estudo do sujeito informacional perpassava dois quadros de referência distintos (três modelos de estudo dos sujeitos; três modelos de estudo da informação) resultando num quadro complexo de possibilidades de estudo e pesquisa.

Durante esse processo, foi ficando portanto cada vez mais clara nossa insatisfação com o modelo cognitivo ou “alternativo” de estudos de usuários, em termos de seu poder explicativo. Vínhamos, intuitivamente, apontando alguns caminhos alternativos de estudo, que fomos desenvolvendo ao longo dos anos – uma perspectiva fenomenológica (GANDRA; SIRIHAL DUARTE, 2012), interacionista (ARAÚJO, 2010a), vinculada ao paradigma social da ciência da informação (ARAÚJO, 2010b; ROCHA; SIRIHAL DUARTE, 2013; MOREIRA; SIRIHAL DUARTE, 2016), ao pensamento crítico (PINTO; ARAÚJO, 2012), à cognição distribuída (ROCHA; PAULA; SIRIHAL DUARTE, 2016) e à abordagem clínica da informação (ANTUNES; PAULA; SIRIHAL DUARTE, 2016).

E foi nesse momento, nos debates internacionais, nas leituras sobre o assunto, nos congressos, nas pesquisas, que descobrimos a abordagem das “práticas informacionais”. Conhecemos alguns autores, alguns textos, e percebemos que estava aí a possibilidade de

avancarmos em nossas preocupações e fazer confluir nossas possibilidades de constituição de um campo de pesquisa que atendia nossos interesses.

4 A CONSOLIDAÇÃO DE UMA PROPOSTA: A CRIAÇÃO DO EPIC

Como resultado de todos esses processos, resolvemos, Adriana e eu, criar um grupo de pesquisa no final de 2014. Na verdade, desde 2007 já tínhamos grupos de estudos com nossos orientandos de mestrado e doutorado do PPGCI/UFMG. Esses grupos funcionavam de maneira informal, às vezes com uma agenda de encontros mais intensa, algumas vezes menos, dependendo da quantidade de mestrandos ou doutorandos envolvidos com a temática. Nesse período, orientamos dissertações e teses com realidades empíricas muito variadas, tais como profissionais do sexo (SILVA, 2008), ouvintes assíduos de rádio (PESSOA, 2010), professores da rede municipal (PINTO, 2012), bibliotecários no trabalho de indexação (ALONSO, 2012), bibliotecários realizando estudos de usuários (SEPÚLVEDA, 2012), pessoas da terceira idade (GANDRA, 2012), deficientes visuais (ROCHA, J., 2013), bibliotecários na atividade de indexação (ARAÚJO, E., 2013), diferentes profissionais da informação (ROCHA, E., 2013) e usuários de um sistema de informação de extensão universitária (TERTO, 2013). Tais pesquisas buscavam avançar numa perspectiva além das abordagens tradicional e cognitiva, mas não havia ainda uma proposta única, um referencial comum, senão fragmentos de aproximações.

A ideia de trabalhar com práticas informacionais nos situava no âmbito de um movimento internacional que se construiu no campo de estudos de usuários da informação - representado por, entre outros, pesquisadores da Finlândia como Reijo Savolainen, Sanna Talja e Kimmo Tuominen; da Suécia, como Annemarie Lloyd; e do Canadá, como Pam McKenzie). Ao mesmo tempo, nossas pesquisas empíricas e reflexões epistemológicas nos apontavam para uma certa originalidade no campo, mobilizando determinadas categorias e formas de compreensão específicas - que nos aproximavam, principalmente, do conceito de cultura e de uma abordagem mais antropológica. Em função disso, e como forma de amarrar todas essas questões (nossos diálogos no GT 3 da Ancib, com os parceiros internacionais, com nossas próprias percepções conceituais e as pesquisas que orientávamos) surgiu a ideia de criar o grupo, associando as duas ideias,

práticas informacionais e cultura. Logo no início, juntou-se ao grupo o professor Cláudio Paixão Anastácio de Paula, que já vinha realizando diversas parcerias conosco, e a professora Eliane Cristina de Freitas Rocha, recém-empossada como professora na ECI e que havia feito o doutorado sob orientação da Adriana. A ideia de “grupo” nos animava imensamente: a possibilidade de trabalhar em conjunto, compartilhar ideias e leituras, construir conjuntamente nossa perspectiva, aproveitando as singularidades e competências de cada um. Também nesse momento foi definida a marca do grupo, apresentada abaixo:

Figura 1 – Logomarca do EPIC.



A partir de 2015 o grupo passou efetivamente a existir, e nos unimos em torno da consolidação e clarificação de uma perspectiva que deveria ser nossa, original, e que poderia ser uma referência para as novas pesquisas a serem realizadas dali em diante. Isso de fato aconteceu, e desde então um conjunto de novas pesquisas foi realizado, também com realidades empíricas muito diversas tais como nativos digitais (ANTUNES, 2015), docentes e discentes em relação de orientação (SÁ, 2015), formação dos arquivistas (VAZ, 2015), mães de crianças alérgicas (BARROS, 2016), clientes de serviços de estética (VASCONCELOS, 2016), visitantes de museu (GANDRA, 2017), detentas grávidas (BARBOSA, 2017), usuários de redes sociais interagindo a partir de acontecimentos políticos (BERTI, 2018), nativos digitais na biblioteca escolar (PAIVA, 2018), pesquisadores de um instituto de pesquisa (ROCHA, 2018), blogueiros literários (SÁ, 2018) e bibliotecários de serviços de referência (LIMA, 2018).

A existência do grupo de pesquisa também foi importante no sentido da nossa internacionalização. Passaram a fazer parte formalmente do grupo as professoras Martha Sabelli (Uruguai) e Aurora González Teruel (Espanha), e um primeiro trabalho em conjunto foi apresentado no XI Encontro de Diretores e X Encontro de Docentes de Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação do Mercosul (SIRIHAL DUARTE; SABELLI; GONZÁLEZ TERUEL; ROCHA; ARAÚJO, 2016). Pouco depois ingressaram no grupo Silvia Albornoz, da Universidad Nacional de La Plata, Argentina, e Edilma Naranjo, da Universidad de Antioquia, Colômbia.

Enquanto grupo, e engajados num processo efetivo de colaboração e construção coletiva, sintonizamos nossa proposta de pesquisa com as perspectivas contemporâneas da ciência da informação e com as discussões teóricas em práticas informacionais, a partir do conceito de intersubjetividade, buscando um equilíbrio entre as dimensões coletivas e individuais dos fenômenos informacionais, contemplando também as questões emocionais e afetivas envolvidas nos processos, as dinâmicas de significação e produção de sentidos, a importância do enraizamento das práticas nos contextos nos quais tomam existência e o caráter ativo dos sujeitos. Nos apropriamos de diferentes conceitos, como conhecimento, imaginação, sociabilidade, identidade e práxis, e as reconstruímos como rede conceitual em torno das ideias de práticas informacionais e cultura.

O EPIC atingiu seu ponto mais alto de consolidação em 2018, quando realizou em março a I Jornada em Práticas Informacionais. Foram convidados palestrantes de distintas áreas para tratar de temas como praxiologia, construcionismo social, interacionismo simbólico, representações sociais e etnografia. Também foram ministradas palestras das pesquisadoras estrangeiras do grupo sobre seus temas de pesquisa. Os debates foram ricos e sinalizaram a maturidade das nossas questões. Em 2018 também o grupo acolheu dois pesquisadores em realização de estágio de pós-doutorado.

Nos últimos anos, algumas publicações de membros do grupo demonstraram essa maturidade da nossa proposta de pesquisa (ARAÚJO, 2016; ROCHA; GANDRA; ROCHA, 2017; ARAÚJO, 2017; BERTI; ARAÚJO, 2017; SIRIHAL DUARTE; ARAÚJO; PAULA, 2017; ROCHA, SIRIHAL DUARTE; PAULA, 2017; ROCHA; GANDRA, 2018; ARAÚJO; SIRIHAL DUARTE; DUMONT, 2019). Hoje, o EPIC é um grupo consolidado, com a participação de dez pesquisadores doutores, membros de outros quatro países, parcerias com professores de várias universidades brasileiras, e ao qual se vinculam diversos alunos de

iniciação científica, mestrado e doutorado, além de profissionais bibliotecários, arquivistas e museólogos atuantes em diferentes instituições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste artigo foi discutir o percurso intelectual e profissional de Adriana Bogliolo, a partir de sua atuação no campo dos estudos de usuários da informação, até a chegada à perspectiva das práticas informacionais. Contudo, a vida de um pesquisador nunca é centrada em apenas uma temática, um aspecto. Adriana, ao longo de sua carreira, ministrou aulas, pesquisou e publicou sobre diversos outros temas, nos quais tem contribuições significativas: inclusão digital, leitura e formação do leitor, biblioteca escolar, livro eletrônico, extensão universitária. Cada um deles renderia um outro artigo. Não caberia desenvolver nada sobre tais tópicos, nos limites deste texto.

Ao mesmo tempo, ao falar da trajetória dela rumo às práticas informacionais, é impossível falar apenas dela. É preciso mencionar seus parceiros, seus orientandos, seus alunos, seus interlocutores. Ninguém faz ciência só, assim como não vivemos sós. Vivemos imersos em redes de relações, de influências, de aprendizados, de parcerias. E, na verdade, essa é talvez a principal contribuição da professora Adriana. Para além de toda a sua produção com textos, apresentações, aulas e debates, Adriana foi uma amiga e companheira, parceira, atenciosa, generosa e muito comprometida. E é com essa imagem, parte significativa do que ela foi, que gostaria de terminar esse texto.

REFERÊNCIAS

ALONSO, L. F. C. A. **Manifestações externas na indexação**: uma construção social da realidade. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

ANTUNES, M. L. A. **Comportamento informacional em tempos de Google**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ANTUNES, M. L. A. ; PAULA, C. P. A.; SIRIHAL DUARTE, A. B.. Abordagem clínica da informação: um projeto em construção. In: EBCIM - ENCONTRO DE DIRETORES, 11; ENCONTRO DE DOCENTES DE ESCOLAS DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DO MERCOSUL, 10. 2016, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2016.

ARAÚJO, C. A. Á. A Perspectiva de estudos sobre os sujeitos na Arquivologia, na

Biblioteconomia e na Museologia. **Em Questão**, v. 19, 2013, p. 213-238.

ARAÚJO, C. A. Á. Abordagem interacionista de estudos de usuários da informação. **Ponto de Acesso**, v. 4, 2010a, p. 2-32.

ARAÚJO, C. A. Á. Estudos de usuários conforme o paradigma social da Ciência da Informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. **Informação & informação**, v. 15, n.2, 2010b, p. 23-39.

ARAÚJO, C. A. Á. Estudos de usuários da informação: comparação entre estudos de uso, de comportamento e de práticas a partir de uma pesquisa empírica. **Informação em Pauta**, v. 1, 2016, p. 61-78.

ARAÚJO, C. A. Á. Estudos de usuários: pluralidade teórica, diversidade de objetos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2008.

ARAÚJO, C. A. Á. Estudos de usuários: uma abordagem na linha ICS. In: CABRAL, A. M. R.; REIS, A. S. (Org.). **Informação, cultura e sociedade**: interlocuções e perspectivas. Belo Horizonte: Novatus, 2007, p. 81-100.

ARAÚJO, C. A. Á. O que são 'práticas informacionais'?. **Informação em Pauta**, v. 2, 2017a, p. 217-236.

ARAÚJO, C. A. Á. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Informação & Sociedade**, v. 22, n.1, 2012, p. 145-159.

ARAÚJO, C. A. Á. Perspectivas contemporâneas de estudos de usuários da informação: diálogos com estudos de usuários de arquivos, bibliotecas e museus. In: CASARIN, H. C. S. (Org.). **Estudos de usuário da informação**. Brasília: Thesaurus, 2014a, p. 19-46.

ARAÚJO, C. A. Á. Um mapa dos estudos de usuários da informação no Brasil. **Em Questão**, v. 15, 2009, p. 11-26.

ARAÚJO, C. A. Á. Usuários da informação: construção de conceitos e perspectivas de estudo. In: RENDÓN ROJAS, M. Á. (Org.). **El ser, conocer e hacer en bibliotecología / ciencia de la información /**

documentación. México: UNAM/IIBI, 2014b, p. 29-58.

ARAÚJO, C. A. A.; JILOCHKIN, A. M. N.; SIRIHAL DUARTE, A. B. Mapeamento temático dos estudos de usuários da informação: uma análise dos artigos publicados no periódico Ciência da Informação. In: CIFORM - Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa da Informação, 8. 2008, Salvador. **Anais...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.

ARAÚJO, C. A. A. ; SIRIHAL DUARTE, A. B. The informational subject at the intersection of information science and the human and social sciences. In: ISIC - Information Behaviour Conference, 10. 2014, Leeds. **Proceedings...** Leeds: University of Leeds, 2014.

ARAÚJO, C. A. Á.; SIRIHAL DUARTE, A. B.; DUMONT, L. M. M. As perspectivas de estudos sobre os sujeitos no PPGCI/UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 24, 2019, p. 85-101.

ARAUJO, E. P. O. **Tomada de decisão organizacional e subjetividade**: análise das dimensões simbólico-afetivas no uso da informação em processos decisórios. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BARBOSA, A. G. **Práticas informacionais das apenadas do Centro de Referência a Gestante Privada de Liberdade de Vespasiano-MG**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

BARROS, F. M. M. **Protagonismo nas práticas informacionais de mães de crianças alérgicas**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BERTI, I. C. L. W. **Práticas e regime de informação** - os acontecimentos "carta de Temer a Dilma" e "Marcela Temer: bela, recatada e do lar". 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

BERTI, I. C. L. W.; ARAÚJO, C. A. Á. Estudos de usuários e práticas informacionais: do que estamos falando?. **Informação & Informação**, v. 22, 2017, p. 389-401.

GANDRA, T. K. **Inclusão digital na terceira idade**: um estudo de usuários sob a perspectiva fenomenológica. 2012. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

GANDRA, T. K. **Práticas informacionais dos visitantes do Museu Itinerante Ponto UFMG**. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

GANDRA, T. K.; SIRIHAL DUARTE, A. B. Usuários da informação sob a perspectiva fenomenológica: revisão de literatura e proposta de postura metodológica de pesquisa. **Informação & Sociedade**, v. 22, 2012, p. 13-23.

LIMA, G. M. C. **Serviços de referência**: práticas informacionais do bibliotecário. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MOREIRA, F. M.; SIRIHAL DUARTE, A. B. O paradigma social da informação e as teorias sociais: relações e contribuições. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 11, 2016, p. 169-178.

PAIVA, R. M. V. **A biblioteca escolar e os nativos digitais**. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

PESSOA, M. T. **A relação entre ouvintes assíduos e o rádio**: um estudo de usuários da informação a partir de uma perspectiva compreensiva. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

PINTO, F. V. M. **Práticas informacionais na organização político-sindical dos professores da rede municipal de Belo Horizonte**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PINTO, F. V. M.; ARAÚJO, C. A. Á. Contribuição ao campo de usuários da informação: em busca dos paradoxos das práticas informacionais. **Transinformação**, v. 4, n. 3, set./dez. 2012., p. 219-226.

ROCHA, E. C. F. **Usuário da informação, um velho (?) (des)conhecido**: Usuários da informação em diferentes profissões da informação. 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ROCHA, E. C. F.; GANDRA, T. K.; ROCHA, J. A. P. Práticas informacionais: nova abordagem para os estudos de usuários da informação. **Bíblios**, v. 68, 2017, p. 96-109.

ROCHA, E. C. F.; SIRIHAL DUARTE, A. B. Reflexões sobre os paradigmas de estudo da usabilidade na Ciência da Informação. **Datagramazero**, v. 14, 2013, p. 03.

ROCHA, J. A. P. **(In) Acessibilidade na web para pessoas com deficiência visual**: um estudo de usuários à luz da cognição situada. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ROCHA, J. A. P. **A produção do conhecimento como cognição distribuída: práticas informacionais no fazer científico**. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

ROCHA, J. A. P.; PAULA, C. P. A.; SIRIHAL DUARTE, A. B. A cognição distribuída como referencial teórico para os estudos de usuários da informação. **Informação & Sociedade**, v. 26, 2016, p. 91-105.

ROCHA, J. A. P.; GANDRA, T. K. Práticas informacionais: elementos constituintes. **Informação & Informação**, v. 23, 2018, p. 566-595.

ROCHA, J. A. P.; SIRIHAL DUARTE, A. B.; PAULA, C. P. A. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, v.23, n. 1, jan.-abr./2017, p.36-61.

SÁ, J. P. S. **Ler e compartilhar na web**: práticas informacionais de blogueiros literários. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade

Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SÁ, R. M. C. **Compartilhamento do conhecimento e o processo de orientação de discentes de pós-graduação stricto sensu**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SEPÚLVEDA, M. I. M. **A relação dos bibliotecários com a profissão, com a rotina profissional e com os usuários a partir de uma perspectiva compreensiva**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SILVA, R. **As práticas informacionais das profissionais do sexo da zona boêmia de Belo Horizonte**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SIRIHAL DUARTE, A. B. Inclusão digital e competência informacional: estudo de usuários da informação digital. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10. 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2009.

SIRIHAL DUARTE, A. B. Mediação da informação e estudos de usuários: interrelações. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 3, 2012, p. 70-86.

SIRIHAL DUARTE, A. B. Mediação, usos e usuários: reflexões e análise de caso. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12. 2011. Brasília. **Anais...** Brasília: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2011.

SIRIHAL DUARTE, A. B.; SABELLI, M.; GONZÁLEZ TERUEL, A.; ROCHA, E. C. F.; ARAÚJO, C. A. Á. Práticas pedagógicas na área de usuários da informação em três universidades iberoamericanas. In: EBCIM - ENCONTRO DE DIRETORES, 11; ENCONTRO DE DOCENTES DE ESCOLAS DE BIBLIOTECOLOGIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DO MERCOSUL, 10. 2016, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2016. v. XI. p. 596-609.

SIRIHAL DUARTE, A. B.; ARAÚJO, C. A. Á.; PAULA, C. P. A. Práticas informacionais: desafios teóricos e empíricos de pesquisa. **Informação em Pauta**, v. 2, 2017, p. 111-135.

TERTO, A. L. V. **A extensão universitária e o Sistema de Informação da Extensão (SIEX/UFMG): um estudo de usuários a partir de uma perspectiva compreensiva**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

VASCONCELOS, P. M. **As práticas informacionais das clientes dos serviços de estética**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

VAZ, G. A. **A importância dos estudos de usuários na formação do arquivista**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.



BIBLIOTECA ESCOLAR EM ADRIANA BOGLIOLO SIRIHAL DUARTE: Práticas e possibilidades

SCHOOL LIBRARY IN ADRIANA BOGLIOLO SIRIHAL DUARTE: Practices and possibilities

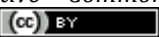
Maria L. Amorim Antunes ¹ 

¹ Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: mariaamorimm@gmail.com



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: A autora declara que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 22/04/2019.

Revisado em: 02/05/2019.

Aceito em: 09/05/2019.

Como citar este artigo:

ANTUNES, Maria L. Amorim. Biblioteca escolar em Adriana Bogliolo Sirihal Duarte: Práticas e possibilidades. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 4, n. especial, p. X-XX, maio 2019. DOI: <https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v4iEspecial.2019.41085.136-155>

RESUMO

O ensaio que se apresenta atende ao objetivo de ressaltar algumas das contribuições da docente Adriana Bogliolo Sirihal Duarte para a área da

biblioteca escolar. Para tanto se destacam dois quesitos: a produção bibliográfica e o grupo de estudos liderado por ela: Estudos em Práticas Informacionais e Cultura (EPIC). Sendo assim, traçou-se um pequeno panorama sobre a biblioteca escolar. Foram revisitados os estudos considerados de maior interesse e as temáticas apreendidas foram sintetizadas e dialogadas com as temáticas trabalhadas pelo EPIC. A “metodologia” empregada foi consulta ao currículo da mesma na base *Lattes* e em seu site pessoal, nos quais foram feitas duas triagens. Na primeira foram elencadas as categorias de publicação e comunicação consideradas para análise, com os respectivos materiais. Em uma segunda triagem, foi feita uma seleção do material atendendo a critérios como: última realização, os estudos considerados essenciais e um que compreende um estudo de comportamento informacional, anterior ao EPIC. Conclui-se que a grande versatilidade da profissional expressa no vasto legado deixado, evidencia o interesse em conceber um padrão de estudos bastante diversificado para uma biblioteca escolar cada vez mais efetiva.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Comportamento informacional. Práticas informacionais.

ABSTRACT

The present essay highlights some of the contributions of the teacher Adriana Bogliolo Sirihal Duarte to the school library field. Thus, two topics are detached: the bibliographic production and the group of studies led by her: Studies in Informational Practices and Culture

(EPIC). So, a small panorama was drawn on the school library. The studies considered of greater interest were reviewed and the themes apprehended were synthesized and dialogued with the themes worked out by the EPIC. The "methodology" used was consult on the teacher's curriculum in Lattes database and her personal website. In a first selection of Lattes, were listed the categories of publication and communication considered for analysis, along with the respective materials. In a second

screening, the studies considered of greater interest got synthesized and confronted with the theme worked by EPIC. It is concluded that the great versatility of the professional expressed in the vast legacy left, evidences the interest in conceiving a very diversified study pattern for an increasingly effective school library.

Keywords:

School library. Information behavior. Informational practices.

1 INTRODUÇÃO

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte (1970-2018) fica na memória de seus pares e discentes como uma profissional formidável em suas atividades na Escola de Ciência da Informação (ECI), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); tanto na docência, como na pesquisa e na extensão. Quem pôde desfrutar de seu convívio é capaz de atestar que a docente se declarava bibliotecária; não de formação, mas "de coração". Procedente da área da Ciência da Computação, na qual cursou a graduação e mestrado, a professora chega à ECI em meados de 2000, ocasião em que cursa o doutorado com a temática informação, comunicação e sociabilidade na Internet. De 2006 a 2018, Sirihal Duarte integra o quadro de professores associados da Escola, passando a assumir primeiramente a disciplina usuários da informação.

A carreira foi exemplar. Como sintetizam Nunes, Carvalho e Lima (2018): professora, pesquisadora, vice-diretora, coordenadora do Programa de Extensão Carro-Biblioteca, membro de corpo editorial, líder de grupo de estudos. Na docência, foi diversas vezes homenageada por seus alunos. Na extensão, sob a coordenação dela, o Carro-Biblioteca recebeu menção honrosa do Prêmio Vivaleitura do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, em 2009. Disputadíssima, orientou monografias, dissertações, teses e projetos de iniciação científica. Marcou presença em variadas bancas de diversos graus acadêmicos. Deixou, portanto, afetos e inspirações naqueles com quem conviveu, nos âmbitos pessoal, acadêmico e profissional.

No concernente ao perfil desta profissional destaca-se, primeiramente, a proximidade que mantinha com seus alunos. Sempre apta a ouvi-los em suas questões, Sirihal Duarte demonstrou brilhantismo ao concatenar a natureza destes contatos com

os ditames do fazer científico. Assim nasceram disciplinas (como a Livro Eletrônico) e projetos de iniciação científica que resultaram em oportunidades para inúmeros alunos estreitarem seus laços com a pesquisa e com o curso. Os discentes se sentiam, portanto, contemplados e estimulados em seus interesses de estudo. A didática é outro ponto que merece ser enfatizado. Sirihal Duarte mantinha um website (figura 01) que configurava como um repositório (com materiais, ementas e cronograma de aulas) com fins de facilitar o ensino e a representação de sua trajetória.

Figura 1 - Aba Ensino >> Livro Eletrônico

The screenshot shows the website 'bogliolo@net' with a navigation menu: Home, Contato, **Ensino**, Pesquisa, Extensão, Currículo, Publicações, Notícias. The main content area is titled 'LIVRO ELETRÔNICO' and includes the following sections:

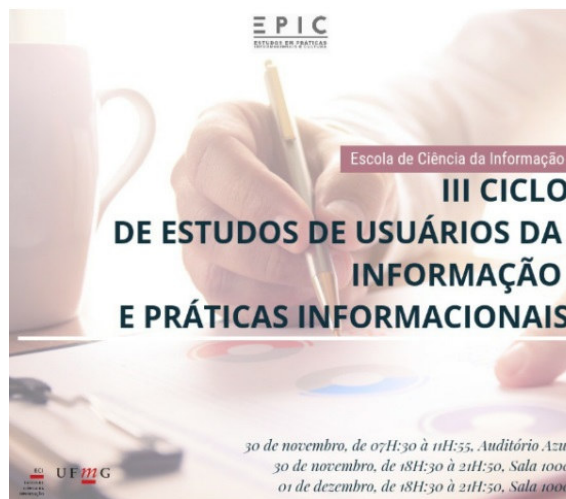
- Disciplinas em curso:** Selecione a disciplina para acessar o material disponível.
- Disciplinas listadas no menu lateral:** CULTURA E INFORMAÇÃO, USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO, LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR, DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL, ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, TÓPICOS ESP. EM C. INFORMAÇÃO USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO E PRÁTICAS INFORMACIONAIS, and **LIVRO ELETRÔNICO**.
- EMENTA:** A história dos livros eletrônicos (e-books), Direitos autorais e legislação, Editoras de e-books, E-books nas bibliotecas, Usuários de e-books, E-books versus p-books, Potencial, futuro e desafios dos e-books.
- Objetivos:** Definir o conceito de livro eletrônico • Promover discussões sobre o advento do livro eletrônico e suas implicações para os serviços de biblioteca • Discutir as implicações do livro eletrônico para os usuários finais, para as editoras, para as bibliotecas e para os demais sujeitos implicados em seu ciclo de vida. • Avaliar e efetuar pesquisas sobre o impacto do livro eletrônico na sociedade.
- Links:** Conteúdo Programático, Referências, Slides de Aulas, Material Adicional, Links de Interesse.
- Referências:**
 - AALTONEN, Mari M. et al. Usability and compatibility of e-book readers in an academic environment: a collaborative study. *IFLA Journal*, v. 37, n. 1, mar. 2011, p. 16-27.
 - BORCHET, Martin et al. A study on student and staff awareness, acceptance and usage of e-books at two Queensland universities. *Information Online*, 14th ALIA Exhibition and Conference, 20-22 Jan 2009, Sydney, Australia. Disponível em <http://eprints.qut.edu.au/20376/>. Acesso em 30/set./2012.
 - BUFREM, Leilah Santiago; SORRIBAS, Tídra Viana. Práticas de leitura em meio eletrônico. *EDT: Educação Temática Digital*, Campinas, v.11, n.1, p.299-326, jul./dez. 2009.

Fonte: PrintScreen do site (Abril, 2019).

Além disto, demonstrava uma verdadeira potência ao elaborar o desenvolvimento das disciplinas e as formas avaliativas, bem como extrema criatividade ao compor demais atividades que estimulassem o aprendizado, como o evento semestral Ciclo de Estudos de Usuários da Informação e Práticas Informacionais (figura 02). Este evento reunia uma comissão julgadora que avaliava os trabalhos finais produzidos pelos discentes das disciplinas Usuários da Informação na graduação dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Sistemas da Informação. Os alunos

delimitavam um tema de interesse e realizavam um pequeno estudo de usuários em campo, dentro do recorte escolhido por eles.

Figura 2 - Divulgação do Evento



Fonte: Blog CRB6 (Abril, 2019).

E tal como a profissional versátil e exemplar que era, Sirihal Duarte trabalhou, ao longo de sua carreira, temáticas muito variadas. A análise de seu currículo *Lattes* (consultado em abril de 2019) e de seu site pessoal (mencionado acima e referenciado ao fim) demonstram realizações nos seguintes campos: comportamento informacional; usuários da informação; cultura e informação; aspectos sociais da informação; processo de comunicação e fluxo de informação; inclusão digital; práticas informacionais. Também é possível notar o grande interesse dispensado por ela aos temas ligados à biblioteca escolar – BE – (biblioteca escolar, competência informacional; leitura e formação do leitor), expresso em grande parcela de sua produção acadêmica.

Seu empreendimento mais recente, inclusive, compreendeu um pós-doutorado na *Florida State University* (2016-2017), com o projeto de pesquisa *Possibilidades curriculares para a Biblioteconomia Escolar*. Originado da preocupação da mesma com a insuficiência da carga teórica e de conteúdos específicos orientados para a biblioteca escolar previstos no currículo formal, a pesquisa propôs uma análise curricular para a biblioteconomia escolar, tendo em vista a formação generalista oferecida atualmente pelo curso de biblioteconomia da UFMG.

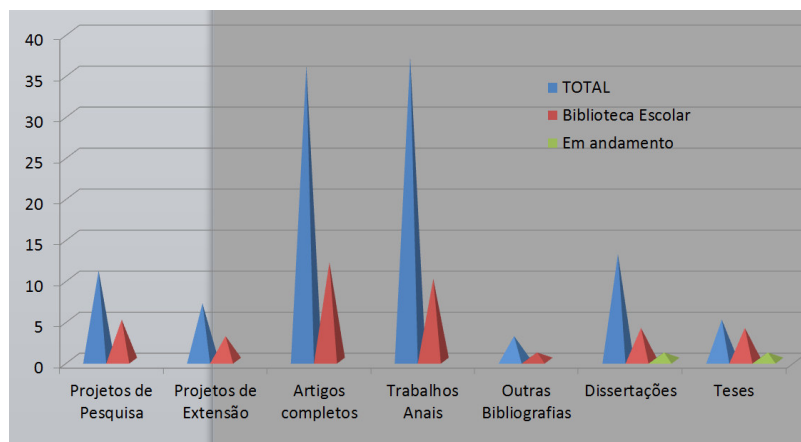
Deste modo, este texto que se apresenta elege como objetivo traçar um pequeno panorama sobre a biblioteca escolar nas contribuições da docente ABSD, mostrando que

alguns destes estudos traçam um diálogo estreito com a temática trabalhada pelo grupo de estudos encabeçado por ela – Estudos em Práticas Informacionais e Cultura (EPIC), ainda que não tenham sido concebidos dentro da perspectiva. Uma vez que as restrições impostas pelo tempo e espaço inviabilizaram um estudo abrangente, é importante ressaltar que este trabalho não representa um estudo bibliométrico, uma análise de discurso ou de conteúdo e tampouco uma revisão de literatura¹. Assim sendo, o que se oferece é um ensaio, no qual se revisitam alguns trabalhos e se faz uma interpretação (pela autora deste ensaio) de como a biblioteca escolar pode ser vista e trabalhada nas práticas informacionais, na perspectiva do EPIC.

2 UM POUCO DE BIBLIOTECA ESCOLAR EM ADRIANA BOGLIOLO SIRIHAL DUARTE

Neste contexto, a ‘metodologia’ empregada foi a consulta do currículo da mesma na base *Lattes* e no site pessoal que ela mantinha. Em uma primeira triagem do *Lattes* foram elencados para análise² os projetos de pesquisa, projetos de extensão, artigos completos publicados em periódicos, livros publicados, organizados ou edições; capítulos de livros publicados; trabalhos completos publicados em anais de congressos; outras produções bibliográficas, orientações e supervisões concluídas (dissertações e teses derivadas). Destes, foram selecionados os itens nos quais constava biblioteca escolar no título, na descrição (quando pertinente, como nos projetos de pesquisa) ou como tema principal.

Um gráfico comparativo (figura 3) demonstrou que nas categorias analisadas a biblioteca escolar aparece de forma bem presente na produção de Sirihal Duarte: cinco projetos de pesquisa em onze, três projetos de extensão em sete, doze artigos completos em trinta e seis, dez trabalhos completos publicados em Anais de um total de trinta e sete, cinco dissertações em quinze e três teses em quatro.

Figura 3 - Produção em BE

Fonte: Lattes (abril, 2019), elaboração própria.

Realizando uma segunda triagem detalham-se a seguir os estudos de maior interesse (Quadro 01). Os critérios utilizados foram subjetivos, ponderados da seguinte forma: o pós-doutorado; três considerados essenciais (por configurar fonte de informação, por conceituar a biblioteca com clareza de definição e fundamentos e por incorporar elementos próprios da perspectiva pedagógica) e um que utiliza um modelo tradicional de comportamento informacional.

Quadro 1 - Quadro

Título	Tipo	Autoria	Data	Justificativa
Liderar, ensinar e apoiar: o papel e a expertise do bibliotecário escolar da Flórida para uma reflexão no contexto brasileiro	Artigo	Sirihal Duarte	2017	Pós doutorado
Pesquisas sobre biblioteca escolar no Brasil: o estado da arte	Artigo	Múltipla	2013	Fonte de informação
A biblioteca escolar como espaço diferenciado: a perspectiva da cultura escolar	Artigo	Sirihal Duarte; Felix	2015	Perspectiva pedagógica
Biblioteca escolar: o que é?	Artigo	Sirihal Duarte; Paiva	2016	Definição e fundamentos
Guided inquiry e construtivismo: novos métodos de aprendizagem e a biblioteca escolar	Artigo	Sirihal Duarte; Antunes	2016	Orientação

Fonte: Elaboração própria.

Com o objetivo de refletir a formação do bibliotecário brasileiro Sirihal Duarte analisa o bibliotecário escolar do estado da Flórida, nos Estados Unidos. O questionamento levantado é o seguinte: qual a vantagem que o bibliotecário escolar tenha também uma formação de educador? Dois métodos de coleta foram conjugados: a observação simples de uma conferência anual da Associação de Bibliotecários do Estado da Flórida (*Florida Association of Media in Education – FAME*) e, em uma segunda parte, a análise de documental (de guias que norteiam os bibliotecários)³. Este confronto culminou em um estudo muito detalhado no qual muitas observações são interessantes de ressaltar: a). As bibliotecas americanas escolares passaram da denominação de biblioteca escolar para Centro de Convergência de Mídias, pois incorporaram outros meios de informação e inseriram as tecnologias de informação no ambiente. b). Os bibliotecários são primeiramente professores com licenciatura em nível de graduação e biblioteconomia na pós-graduação. Para ser bibliotecário na Flórida é exigido experiência no ensino; em sala de aula. c). A biblioteca escolar está altamente vinculada com a garantia do ensino, com ações e diretrizes sendo partes constituintes do processo de aprendizagem. d). Os bibliotecários escolares são efetivamente leitores e estimulam encontros com autores para formar também outros leitores. O artigo oferece ainda, exemplos pontuais de como se dá a logística das bibliotecas escolares no contexto da Flórida. Ao final ela se pergunta (p. 20): “Na Flórida, o profissional é primeiro educador para depois se tornar um bibliotecário. Será este o melhor caminho”? A conclusão final é que, de fato, ainda há um longo caminho até que o bibliotecário escolar alcance a formação adequada. Contudo, um longo, mas belo caminho (SIRIHAL DUARTE, 2017).

Além do artigo derivado do pós-doutorado de Sirihal Duarte, outro grande projeto que ela esteve envolvida compreendeu um grande estudo sobre a BE; o estudo que retratou o estado da arte da pesquisa em biblioteca escolar no Brasil. Eleito por ser considerado uma boa fonte de informação sobre a área, neste foi realizada uma análise documental de setenta relatos de pesquisa sobre o tema, compreendendo 37 anos (entre 1975 e 2011). Buscou-se identificar: os assuntos pesquisados; o embasamento teórico-conceitual utilizado; as metodologias e técnicas utilizadas e os resultados e conclusões dos estudos. O material foi separado em seis categorias: biblioteca escolar como espaço de aprendizagem, interação bibliotecário/professor, estudos de usos e usuários, coleção, leitura e pesquisa escolar. Os resultados demonstraram preocupação em garantir a

existência da biblioteca na escola, pois esta pode contribuir para a aprendizagem. Outros achados evidenciaram: a necessidade de colaboração professor/bibliotecário; a predominância de estudos na categoria leitura; a tendência no aumento da categoria pesquisa escolar; metodologias predominantemente qualitativas nos estudos analisados e *fragilidade no referencial teórico resultando em “pouca clareza de seu uso”*. No que tange aos estudos de uso e usuários, matéria de maior destaque neste ensaio, o estudo constatou que “ainda estão presos à abordagem tradicional, não conseguindo realizar um diálogo efetivo com a questão pedagógica” (p. 146). Embora o estudo desta categoria tenha sido composto por trabalhos apresentados em eventos, artigos de periódicos e dissertações de mestrado; cobrindo realidades empíricas de diferentes tipos de bibliotecas escolares e de públicos, ainda assim considerou-se que “pouco se avançou, no campo dos estudos de usos e usuários de biblioteca escolar, no *entendimento do significado da biblioteca escolar e das práticas informacionais dos alunos relacionadas com as atividades pedagógicas*” (p. 135). A análise considerou ainda que “tais estudos são, em sua maioria, ancorados na chamada abordagem tradicional de estudos de usuários” (p. 133) (CAMPELLO, *et al*, 2013). Esta conclusão evidenciada na seção estudo de usuários é depois retomada em uma discussão de práticas.

A fragilidade no referencial teórico sobre a BE, resultando em “pouca clareza de seu uso”, evidenciada no estudo anterior, dialoga com a produção de Paiva (2016), realizada com a orientação de Sirihal Duarte. Preocupadas com a falta de definição encontrada no estudo da área, Paiva e Sirihal Duarte entendem que conceituar e caracterizar o que é de fato uma biblioteca escolar é um princípio que não deve ser ignorado; passando-se diretamente à “descrição das coisas tal como são”. Sendo assim o esforço empreendido busca construir e consolidar a definição de biblioteca escolar. A primeira questão colocada é: o que é (ou deveria ser) exatamente uma biblioteca escolar. Respostas são procuradas em documentos basilares de organizações internacionais. Em uma análise documental, três referências foram considerados indispensáveis ao amplo entendimento de biblioteca: o Manifesto da IFLA/UNESCO de 1999, as Diretrizes da IFLA/UNESCO de 2002 e a segunda edição dessas Diretrizes, lançada em 2015. O artigo analisa estes documentos e traz propostas sobre os requisitos de uma biblioteca, a missão da mesma, os objetivos, as funcionalidades, a estrutura e propõe ainda parâmetros, recomendações, categorias base para sua análise e estabelecimento; bem como maneiras desta contribuir com a aprendizagem dos alunos. A conclusão indica que

a definição dos fundamentos basilares das bibliotecas escolares é imprescindível para a pesquisa na área (PAIVA, SIRIHAL DUARTE, 2016).

O notório baixo entendimento da biblioteca escolar ante as atividades pedagógicas (que motivou o pós-doutorado de Sirihal Duarte e também foi elencado no referido estudo de Campello *et al* que Sirihal Duarte participou) foi um fator decisivo para incorporar o material seguinte. Buscando um diálogo efetivo com a questão pedagógica o estudo de Felix e Sirihal Duarte (2015) tratam as práticas educativas desenvolvidas em três bibliotecas escolares da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Participando diretores, bibliotecários e dois professores em cada instituição, o objetivo foi verificar qual a natureza da cultura escolar que favorece bibliotecas efetivas. A análise realizada a partir de pesquisa empírica, conduzida em 2014, revelou a interconexão de vários elementos. O mais importante segundo as autoras, ao pensar a biblioteca através da cultura escolar, é refletir a lógica de crenças e atitudes que os sujeitos da comunidade reproduzem no cotidiano e que balizam o modo com a escola organiza seu projeto educativo. As autoras neste sentido observam “como alguns elementos do cotidiano, dos modos de fazer de seus valores, e ações mobilizados pelos produtores dos processos educativos podem impactar positivamente para o estabelecimento de uma biblioteca eficaz” (p. 4). Assim concluem que a cultura escolar, entendida como as práticas do cotidiano entre os sujeitos na escola, tem muitos elementos a contribuir no debate sobre o papel educativo da biblioteca.

Por fim, para começar a adentrar a temática de estudos do EPIC, práticas informacionais, destaca-se outra criação produzida sob a orientação de Sirihal Duarte. O artigo *Guided inquiry...*, parte do modelo de comportamento informacional de Kuhlthau. A proposta é discorrer sobre novos parâmetros de educação, ensino e pesquisa em um contexto educativo pautado pela Internet, analisando-os dentro da lógica construtivista. Para tanto, através de observação não participante e entrevistas (com alunos, professores e supervisor) as peculiaridades de uma instituição privada de ensino de Belo Horizonte (MG) foram analisadas. Nesta escola a pesquisa é parte do dia a dia das aulas e é constituinte do método de ensino. Não existem salas de aula, nem apresentações expositivas usuais por parte dos docentes. Os alunos recebem roteiros de estudo com a descrição pormenorizada dos conteúdos e competências a serem desenvolvidas e com total autonomia, devem buscar seus métodos para cumprir o objetivo. Diante disso, o comportamento informacional dos alunos é confrontado com as

contribuições de Carol Kuhlthau. Como resultado (através dos procedimentos dos alunos) descobriu-se as características de um bibliotecário ideal para a instituição com aquele perfil (ANTUNES, SIRIHAL DUARTE, 2016).

3 O GRUPO DE PESQUISAS EPIC E A NOÇÃO DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS

O grupo de pesquisa EPIC pertence ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG. Foi criado em 2013, formalizando uma série de encontros e reuniões periódicas de professores e orientandos; interessados em construir e consolidar uma perspectiva original no estudo do sujeito ante os desdobramentos plurais que traz o conceito de informação. Desde 2014 o grupo integra o Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Participam do grupo os professores líderes, os coordenadores do grupo e pesquisadores orientados por eles (EPIC, *online*).

A proposta do EPIC se encontra em um campo já tradicionalmente colonizado por correntes teóricas bastante nítidas: estudos de usuários e comportamento informacional. Contudo, o enfoque conferido pelo grupo pode ser considerado distinto, uma vez que assenta seus elementos estruturantes nos vínculos dialéticos continuamente estabelecidos entre o sujeito e o real; nas noções de introjeção e apropriação marcadas pela expressividade da cultura (EPIC, *online*).

Entende-se que os estudos de usuários acompanham diretamente os caminhos da ciência da informação. Rocha, Sirihal Duarte e Paula (2016, p. 40, grifo do autor) declaram que o termo práticas informacionais tem sido mencionado como um contraponto ao conceito de comportamento informacional, em uma interpretação de que esse tece diálogos mais profundos com o paradigma cognitivo, enquanto as práticas se estreitam com o paradigma social, dentro da proposta de Capurro (2003):

Desse modo, entende-se que o principal ponto de distinção entre comportamento informacional e práticas informacionais é que essas compõem “[...] uma **linha de investigação mais orientada sociologicamente e contextualmente** [...]” (TALJA, 2005, p. 123, tradução nossa), enquanto aquele entende que **as interações entre sujeitos e informação são desencadeadas por motivos e necessidades, muitas vezes individuais** (SAVOLAINEN, 2007).

Isso, contudo, está longe de se sedimentar. Uma revisão do livro de Savolainen (2008a) feita por Tom Wilson (2008) inicia um diálogo entusiástico entre estes autores clássicos da subárea estudos de usuários. Nesta revisão, Wilson (2008, n.p)⁴ detalha o desconforto que tem com a perspectiva de práticas, uma vez que considera a teoria das práticas sociais uma grande “falácia do espantalho”⁵, desde suas origens com Anthony Giddens (1938-) e Pierre Bourdieu (1930-2002).

Isto pois, segundo Wilson (2008), Giddens e Bourdieu argumentam que para conceituar 'prática' é preciso considerar o mundo dentro do qual o comportamento humano é "praticado", ou seja, superar a dicotomia entre sujeito e objeto. Wilson (2008) considera ser esta uma noção do século 19; totalmente insustentável no século 21.

Um segundo ponto descrito por Wilson (2008) refere-se à alegação da associação direta entre comportamento e a corrente da psicologia behaviorismo; o que poderia levar a uma redução do entendimento do comportamento a estímulo/resposta. Outro aspecto dito sobre a prática informacional, que incomoda Wilson (2008) refere-se à argumentação de que as práticas incorporam mais a dimensão social enquanto o comportamento está mais restrito ao cognitivo. Quanto a isso Wilson (2008, n.p) acredita que: “a noção de que qualquer um hoje confundiria 'comportamento' e 'behaviorismo' é bastante difícil de acreditar”. Considera inda irônico por um dos mais ferrenhos críticos do behaviorismo Alfred Schutz (1899 - 1959) – em quem Savolainen baseia boa parte de sua metodologia – se mostrar “perfeitamente feliz em usar o termo comportamento. Sua definição de comportamento englobava tanto o cognitivo quanto o social”.

Wilson (2008) visualiza ainda um problema de definição. Para ele prática é um comportamento habitado e, portanto, não é algo distinto nem desvinculado do comportamento, mas uma faceta deste; algo da existência do sujeito que se torna "típico". Ele conclui assim, que ao falar de prática, Savolainen fala de comportamento habitado e se distancia das discussões sobre comportamento informacional. Wilson (2008) julga que Savolainen não resolve o caráter habitual da prática de modo a lançar luz sobre como e por que os modos de comportamento informacional tornam-se habituais.

Savolainen (2008a) por sua vez responde aos comentários feitos na revisão de Wilson (2008). Ele considera faltar uma discussão detalhada sobre como definir especificamente o comportamento no contexto da busca, recuperação, uso, compartilhamento, organização e gestão informações. Pontua que seu principal

interesse está na caracterização de práticas de informação compostas por ações de informação específicas. A informação essencial de suas noções críticas é a referente ao dia a dia, não necessariamente derivada da percepção de uma lacuna ou necessidade. Ele diz ainda que não enxerga diferença expressiva no “empírico mundo da vida cotidiana” com relação aos termos “comportamento humano” e “prática de informação”, na qual a substituição de um termo por outro implica em um mesmo resultado final.

Um bom exemplo de práticas informacionais habituais é considerado por Savolainen (2008a, n.p) em uma fala de Wilson: “Tom ilumina a natureza do comportamento habituado, tomando o exemplo de uma pessoa indo à banca de jornal para adquirir sua cópia do *The Times*”. E ilustra a diferença de olhares; na perspectiva de práticas, o hábito profundamente arraigado de ler o jornal da manhã considerado *ao tomar o café da manhã* (SAVOLAINEN, 2008b, p. 102).

Deste modo, Savolainen (2008a) conclui que o comportamento informacional e a prática informacional estão intimamente relacionados; são complementares embora diferentes. Ambos os conceitos incorporam elementos comuns como “ação”, mas não se reduzem entre si. Ele considera que comportamento remete às tradições da psicologia e as conceituações de prática à sociologia (com Bourdieu e Giddens) e filosofia social (com Schutz, Schatzki e Wittgenstein).

A discussão entre Wilson e Savolainen mostra-se longe de encontrar definições estáticas, consensos e pontos finais. O ponto de convergência entre eles é que o trabalho de ambos gera frutos com os quais podem tecer reflexões, portanto, servem ao propósito argumentativo estes dois autores muito bem. Ainda que não concordem com as correspondentes posições teóricas, Wilson e Savolainen recomendam a leitura mútua para quem é da área (de comportamento de informação e de práticas informacionais).

Na visão do EPIC, a ação do sujeito ante a informação é considerada então no confronto da perspectiva do sujeito (o indivíduo, sua vontade e suas escolhas) com a perspectiva objetivista (que independe das consciências individuais). Explica-se: a relação do sujeito com o mundo, com o real, é mediada por referenciais construídos coletivamente. Contudo alguns processos característicos que balizam a existência humana no mundo (tais como interpretação, assimilação, introjeção, sociação) redefinem estes referenciais de acordo com a subjetividade de cada indivíduo.

Estes referidos processos característicos da existência humana no mundo são descritos por diversas correntes de pensamento; são vistos nas bases psicanalíticas, na

epistemologia genética de Piaget (1896-1980) no interacionismo simbólico de Mead (1863-1931), na cognição situada, que tem como expoentes Harold Garfinkel (1917-2011), e Lucy Suchman [19--?] e muitas outras. Araújo (2017) didaticamente oferece o cenário intelectual das ciências humanas e sociais, com suas escolas e tradições de pesquisa mais significativas para o entendimento de práticas:

Quadro 2 - Quadro intelectual das ciências humanas e sociais (Lallement, 2004)

Posturas intelectuais (Lallement, 2004)		
ORIENTAÇÃO	ESSÊNCIA	VERTENTES
Ordenamento Social	Ponto de vista macroscópico. Aborda a lógica de funcionamento do sistema social	Culturalismo
		Funcionalismo
		Estruturalismo
Contradições do Social	Ponto de vista macroscópico. Enfatiza os conflitos que perpassam e estruturam a vida humana	Marxismo
		Pós-Marxismo
		Historicismo
Construção Social	Indivíduos são o ponto de partida das investigações. Os atores ocupam lugar preferencial.	Pragmatismo
		Interacionismo
		Etnometodologia
As tradições destas orientações de pesquisa geram dicotomias		
Ator/Sistema	Ordem/Conflito	

Fonte: Araújo, 2017, p. 219. Elaboração própria.

Quadro 3 - Quadro intelectual das ciências humanas e sociais (Corcuff, 2001)

Oposições clássicas presentes nas ciências humanas e sociais			
Idealismo		Materialismo	
Sujeito		Objeto	
Dimensão coletiva		Dimensão individual	
Movimentos intelectuais que buscaram superar essas dicotomias/Autores representantes			
Os que partem das estruturas sociais às interações entre os indivíduos	Elias	Os que partem das interações entre os indivíduos às estruturas sociais.	Berger e Luckmann
			Schutz
	Bourdieu		Cicourel
			Garfinkel,
			Callon
	Giddens		Latour
	Elster		

Fonte: Araújo, 2017, p. 219. Elaboração própria.

Quadro 4 - Quadro intelectual das ciências humanas e sociais (Bourdieu)

Pilares científicos da realidade humana e social (Bourdieu, 1972)		
Correntes e representações		
Fenomenológico	Maneiras como o mundo é visto, pelos sujeitos, como algo natural, óbvio, evidente. Nível subjetivo.	Interacionismo simbólico
		Etnometodologia
Objetivista	Relações objetivas que estruturam as práticas, de forma independente das consciências individuais.	Marxismo
		Estruturalismo
Abordagem "praxiológica"	Objeto de estudo é o sistema de relações objetivas e também o processo de interiorização desse sistema sob a forma de disposições para a ação. Conceito de <i>habitus</i>	Estudos de Bourdieu

Fonte: Araújo, 2017, p. 219. Elaboração própria.

Araújo cita ainda diversas outras propostas intelectuais de autores devotados ao entendimento da realidade humana e social. Contudo, a mais adequada para Araújo (2017) é a abordagem *praxiológica*, proposta por Bourdieu (1996), de onde vem a ideia de *práxis*, ou seja:

o movimento por meio do qual os sujeitos agem no mundo e, como causa e também consequência dessa ação, constroem esse mesmo mundo. Essa é a ideia básica que fundamenta o conceito de “práticas” presente na expressão práticas informacionais (ARAÚJO, 2017, p. 220).

Importa igualmente para o entendimento de práticas o conceito de *habitus*, desenvolvido por Bourdieu como forma de superar as limitações de ambas as tendências: a referida dicotomia subjetivismo/objetivismo. Isto pois, no entendimento de Bourdieu (1996), endossado por Araújo (2017) a noção de *habitus* incorpora simultaneamente os princípios de sociação e de individuação. Sociação por que a ação de um sujeito no mundo vem permeada de juízos de valor vindos da sociedade; são apreendidos e partilhados por um grupo submetido a um determinado condicionamento social. E a individuação se marca, pois cada sujeito tem suas idiossincrasias próprias, internalizando estes juízos em uma “combinação incomparável de esquemas” (WACQUANT, 2017, p. 215 *apud* ARAÚJO, 2017, p. 202.).

Sendo assim, este autor sintetiza que:

Estudar as práticas informacionais constitui-se num movimento constante de **capturar as disposições sociais, coletivas (os significados socialmente partilhados** do que é informação, do que é sentir necessidade de informação, de quais são as fontes ou recursos adequados) e também as elaborações e perspectivas individuais de como se relacionar com a informação (a aceitação ou não das regras sociais, a negociação das necessidades de informação, o reconhecimento de uma ou outra fonte de informação como legítima, correta, atual), num permanente tensionamento entre as duas dimensões, percebendo como uma constitui a outra e vice-versa (ARAÚJO, 2017, p. 221, grifo do autor).

A partir da linguagem normas, regras, valores, conhecimento e cultura são interpretados assimilados incorporados, transmitidos e compartilhados. Portanto, a noção de interação, enquanto ação recíproca é um ponto chave para a concepção de práticas informacionais. Há, então, uma negociação de significados e de discursos o tempo todo. Rocha e Gandra (2018, p. 570) explicam que: a “dualidade entre as dimensões individual e coletiva é um dos traços constituintes das práticas informacionais”. A isto se soma o segundo ponto chave; a referida ideia de “práxis” que

fundamenta a proposta do grupo e o terceiro: a contextualização do contexto (com a licença do trocadilho).

Rocha e Gandra (2018, p. 574) declaram que:

A falta de consenso quanto ao conceito de contexto na área de estudo de usuários levou Dervin (1997, p. 14) a afirmar que “[...] não há um termo mais usado, menos definido e, quando definido, o é de formas tão diversas como contexto”.

Estas autoras dizem ainda que após ampla revisão de literatura, Courtright (2007) identifica cinco diferentes abordagens: contexto como invólucro; contexto como significado construído; contexto como socialmente construído; contexto relacional e contexto dinâmico. Diante da impossibilidade de detalhar a diferença essencial de cada um, recomenda-se a leitura elucidando que a forma mais condizente com as práticas, considera que em um determinado contexto podem surgir vários tipos de situação; parte das atividades rotineiras. O contexto incorpora, portanto, a práxis e a dualidade individual/coletiva, considerando-se estes três elementos a tríade para iniciar o entendimento de práticas.

Afinal, práticas ou comportamento? As práticas são uma categoria do comportamento (habitual) ou o comportamento é a incidência das práticas? Não há veredito. Usualmente um novo paradigma ou uma nova abordagem de estudos surge de desconfortos e de questões não resolvidas com o modelo anterior. A diferença de abordagem com a qual o EPIC pretende estudar o sujeito fomenta um debate riquíssimo tanto sobre a nova perspectiva, quanto sobre os limites e possibilidades de leitura da perspectiva já consolidada. O surgimento de outros olhares praticamente impele o pesquisador a avaliar sua produção à luz da novidade. Assim cresce a ciência. Contudo, naturalmente, são discussões que não se encerram. A melhor contribuição fica não no consenso em si, mas nos diálogos que inspiram os pesquisadores.

4 A BE À LUZ DO CONCEITO DE PRÁTICAS

A linha de raciocínio que orienta esta produção não concebe o comportamento informacional desvinculado do social e tampouco da forma (considerada limitada) visualizada por Savolainen (2008) descrita na citação mencionada acima (ROCHA, SIRIHAL DUARTE, PAULA, 2016, p. 40) e nesta que se segue:

Conforme o entendimento de Coimbra (2008), as pesquisas sobre comportamento informacional resultam, quase sempre, em modelos que, apesar de relevantes, não são capazes de abarcar a totalidade dos fenômenos possíveis na interação entre sujeitos e informação (ROCHA, SIRIHAL DUARTE, PAULA, 2016, p. 37).

De fato, os modelos de comportamento informacional consagrados na literatura, quando considerados em um viés essencialmente purista e dentro do paradigma cognitivo (focando quase que exclusivamente nos processos particulares e individuais), por si sós não respondem à completude do real. Contudo, originalmente estes não são concebidos a parte dos referenciais que abrangem o estudo das práticas.

Diante desta perspectiva, traduz-se a preocupação de Sirihal Duarte e de todos os bibliotecários escolares: como fazer com que a biblioteca escolar conquiste seu espaço, colabore com o ensino e tenha sua efetividade? Chaves de resposta já eram consideradas nas perspectivas de comportamento, que, contudo conclamam o conceito de práticas. Excetos retirados do material analisado na breve revisão de literatura comprovam o anseio de um novo olhar e a possibilidade de conjugar modelos clássicos do comportamento com as práticas informacionais.

O primeiro que retratou o estado da arte das pesquisas em BE conclui que no tocante aos estudos de usuários há uma lacuna que dificulta o estabelecimento de categorias de trabalho que conduzam a descobertas mais efetivas:

No que diz respeito à metodologia o uso de abordagens qualitativas em grande parte dos estudos pode representar um esforço dos autores/pesquisadores em se aprofundar “**no mundo dos significados**”, ou seja, melhor entender os motivos, as aspirações, os valores, as atitudes que envolvem o universo da biblioteca escolar. Pois, segundo Minayo (2006), “esse tipo de método [...] **além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares**, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias [...]” (MINAYO, 2006, p. 57 *apud* CAMPELLO *et al*, 2013 p. 146, grifo do autor).

Da mesma forma Felix e Sirihal Duarte (2015) ao pensar a biblioteca sob as lentes da cultura escolar referem-se (p. 3), sobretudo à: “lógica de crenças e atitudes que alguns dos sujeitos desta cultura – professores, diretores e bibliotecários – reproduzem no cotidiano que determinam o modo com a escola organiza seu projeto educativo” (tipo de informação essência das noções críticas de Savolainen; referentes ao dia a dia e não necessariamente derivada da percepção de uma lacuna ou necessidade). As autoras

pontuam ainda que as atitudes dos sujeitos (que em essência representariam o comportamento e a práxis) articuladas com o contexto escolar em que cada biblioteca está inserida (notando-se aqui o contexto das práticas) é uma abordagem pouco explorada em pesquisas do campo (p. 2). A cultura escolar tratada nas práticas dos sujeitos e como através delas, o cotidiano se constrói e se reconstrói (p. 4) representa aqui a dualidade das práticas.

O modelo de comportamento informacional reproduzido no artigo *Guided inquiry* (ANTUNES, SIRIHAL DUARTE, 2016) trabalha proposta da investigação guiada, de Kuhlthau. Considera-se que esta tradicionalíssima vertente de comportamento informacional e paradigma cognitivo conjuga as ideias de comportamento e práticas. Isto pois, é pensada a partir da ideia inicial da busca dirigida preparar o aluno para o aprendizado no decorrer da vida (competência informacional) ao invés de focar em uma tarefa específica (enxerga-se aqui Savolainen, tanto no caráter da informação trabalhada por ele, quanto na crítica feita de que o comportamento refere-se à lacunas pontuais e mecânicas de informação). Trata-se de um processo constituído de duas partes: do modelo de Kuhlthau do processo de busca de informações (modelo tradicional de comportamento) e do estudo de um "terceiro espaço" ou "terceira dimensão", teoria da informação de Maniotes, que idealiza uma interseção dinâmica entre os conteúdos do currículo escolar e dos conhecimentos do aluno, criando espaços de aprendizagem que envolvem o educando fora de sala de aula (diálogo com práticas, na dualidade subjetivo/objetivo, na noção de contexto e na orientação do social). É um modelo que por conceber o aprender a aprender, permite inclusive trabalhar um conceito caro à abordagem de práticas: o de serendipidade (fazer descobertas inesperadas, cujos resultados não se está procurando; devido à capacidade de observação e sagacidade).

De fato, pensar a escola da sociedade da informação é um desafio consciente de que existe uma estreita vinculação da biblioteca à instituição em que está inserida. Neste ponto de vista, ressalta-se outra fala de Wilson (2008) ao refletir as práticas:

No meu entendimento, o fenômeno comum é o comportamento humano, que é composto de ações cognitivas, físicas e sociais, que constituem atividades. Por exemplo, "pesquisa de informações" é uma atividade que inclui várias ações para realizar a tarefa ou operação - ações como efetuar logon em um computador, iniciar um navegador da Web, digitar um termo de pesquisa e assim por diante. Antes da introdução da Web, as ações teriam sido diferentes: visitar a biblioteca, localizar um diário de resumos, pesquisar o índice de assunto, anotar números de item no

papel, pesquisar esses números de itens, registrar itens potencialmente relevantes e assim por diante. Bourdieu vê as coisas de maneira semelhante quando fala das "unidades elementares de comportamento ... na unidade de uma atividade organizada". De fato, examinando algumas representações da teoria da prática, há uma semelhança muito próxima à teoria da atividade.

Resguardado o direito de amadurecer o pensamento, o entendimento que se apresenta aqui é que o estudo de práticas evidencia aspectos silenciados nos estudos de comportamento pelo olhar tradicional. Não se crê que os modelos de comportamento ou a abrangência de seus significados sejam restritos e insuficientes para estudos avançados, tal como mostra o artigo *Guided inquiry*. As práticas, contudo, estão insinuando um caminho mais nítido: pensar nas ações informacionais adotadas pelos indivíduos contextualizando-as com os significados socialmente partilhados, no caso os significados de biblioteca.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória acadêmica de Sirihal Duarte, instituída em suas temáticas pesquisadas, no seu perfil como docente, na sua produção registrada e no grupo de estudos que liderou comprova a enorme contribuição deixada para a Biblioteconomia e Ciência da Informação.

A breve síntese da revisão de literatura enfatizou como era grande o interesse, o carinho e a preocupação de Sirihal Duarte com os rumos da biblioteca escolar. Deixou também inspirações a serem seguidas e desenvolvidas. O mesmo ao que concerne o grupo de estudos; considera-se que a grande relevância do EPIC não está na solução da questão comportamento **ou** práticas, mas no esforço intelectual produzido na chegada de uma nova proposta. Participar do EPIC e compartilhar dos conhecimentos de práticas não implica necessariamente em denegar o comportamento. A capacidade de tomar um determinado aspecto a ser trabalhado e decidir estudá-lo à luz do comportamento ou práticas depende de cada pesquisador.

Diante de tudo que representou a convivência com Sirihal Duarte e do admirável legado deixado por ela, torna-se difícil refrear a sensação de que 'algo está muito errado'. Sua partida prematura criou um vácuo que não será preenchido. E ao mesmo tempo, um

pouco dela continua em cada um daqueles que ela marcou, com a sua competência, afetividade, criatividade e cumplicidade. Rubem Alves (1994) é quem explica:

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor não morrerá jamais.

As saudades serão sempre enormes; mas Adriana vive!

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Maria L. A.; SIRIHAL DUARTE, Adriana B. *Guided inquiry* e Construtivismo: novos métodos de aprendizagem e a biblioteca escolar. **Bibl. Esc. em R.**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 19-35, 2016.
- ARAÚJO, Carlos A. A. O que são “Práticas Informacionais”? **Inf. Pauta**, Fortaleza, CE, v. 2, número especial, out. 2017.
- CAMPELLO, *et al.* Pesquisas sobre biblioteca escolar no Brasil: o estado da arte. **Encontros Bibli**: v. 18, n. 37, p. 123-156, mai./ago., 2013. ISSN 1518-2924. DOI: 10.5007/1518-2924.2013v18n37p123
- EPIC. Estudos em Práticas Informacionais e Cultura. Disponível em: <http://epic.eci.ufmg.br/>. Acesso: abr. 2019.
- FELIX, Andreza F.; SIRIHAL DUARTE, Adriana B. A biblioteca escolar como espaço diferenciado: a perspectiva da cultura escolar. **Bibl. Esc. em R.**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 1-14, 2015.
- NUNES, Jefferson Veras; CARVALHO, Rafaela Pereira de; LIMA, Juliana Soares. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte. **Inf. Pauta**, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 121-124, jul./dez. 2018.
- PAIVA, Marília M. A. de; SIRIHAL DUARTE, Adriana B. Biblioteca Escolar: o que é? **Educação em Foco**, ano 19 - n. 29 - set/dez. 2016 - p. 87-106.
- ROCHA, Janicy A. P; GANDRA, Tatiane K. Práticas informacionais: elementos constituintes. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 566 – 595, maio/ago. 2018.
- ROCHA, Janicy A. P; SIRIHAL DUARTE, Adriana B; PAULA, Claudio P. A. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 36-61, jan/abr. 2017.
- SAVOLAINEN, Reijo. **Everyday information practices: a social phenomenological perspective**. Lanham, MD: Scarecrow Press, 2008b.
- SAVOLAINEN, Reijo. **The behaviour/practice debate: a discussion prompted by Tom Wilson's review of Reijo Savolainen's Everyday information practices: a social phenomenological perspective**. Lanham, MD: Scarecrow Press, 2008a. Disponível em: <http://informationr.net/ir/14-2/paper403.html>.
- SIRIHAL DUARTE, Adriana B. LATTES Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9949542393844746>. Acesso: abr. 2019.
- SIRIHAL DUARTE, Adriana B. Liderar, ensinar e apoiar: o papel e a expertise do bibliotecário escolar da Flórida para uma reflexão no contexto brasileiro. **Bibl. Esc. em R.**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, p. 1-20, 2017.
- SIRIHAL DUARTE, Adriana B. Website. Disponível em: <http://bogliolo.eci.ufmg.br/>. Acesso: abr. 2019.
- WILSON, Tom D. Review of: Savolainen, Reijo: *Everyday information practices: a social phenomenological perspective*. Lanham, MD: Scarecrow Press, 2008. **Information Research**, v. 14, n. 1, review no. R327. Disponível em: <http://informationr.net/ir/reviews/revs327.html>. Acesso: abr. 2019.